

Lia Cordeira



DEBILITADO

Trilogia dos Irmãos Amâncio
LIVRO 1



DEBILITADO
LIA CORDEIRO

Direitos autorais do texto original ©

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção, com *inspirações* em fatos e pessoas reais, porém não segue a realidade.

**Para os irmãos Amâncio e os heróis que os cercam,
para a minha professora e médica Edna Lavísio e a
ajuda com algumas questões médicas; para as minhas
irmãs “Rebeca e Keren” – que inspiram *os irmãos*;
para a “Amberbey” e sua arte da capa; para a
“Universidade do Livro” que me deu formação em
revisão e preparação de texto; para minha tia “Cleusa”
que pagou pelo curso; para meu pai, minha mãe e meu
tio “Manuel” que possuem avidez para “me ler”, mas
eu não deixo; e para os grandes incentivadores do
Wattpad.**

Não sei o que seria desta história sem vocês...

Epígrafe

"Assim que se olharam, amaram-se; assim que se amaram, suspiraram; assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo; assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio."

William Shakespeare

PRÓLOGO

Adriel

Estava naqueles dias... Tudo me enervava!

Eu me trancaria no quarto se ele não estivesse com a tranca quebrada e não tivesse que o dividir com meus outros dois irmãos. Mas, o que eu poderia fazer? Só me restava reclamar e lamentar... Eu sei que não devia, mas não posso me conter. Principalmente quando acordo neste estado! Não havia explicação para esse meu repentino deslize de humor, apenas existia. E ultimamente, estava sendo predominante. Ainda assim existia algo que me podia aliviar... No entanto, o tempo de paz era escasso.

– Levantem logo, pois estamos atrasados!

Falou o desajeitado do “Bruaco”. O mais novo de nós age como se fosse o responsável... Isso me enerva ainda mais! Porém, não estou para papear. Prefiro apenas lhe lançar um olhar voraz e voltar para o meu foco, com os meus papéis.

– Não me ouviu, “Gado”? Já está na hora! Nossa mãe não vai gostar se encontrar você ainda aqui...

Ah, “Gado”!!! Como eu me irrita quando me chamam assim!

– Vai cuidar da sua vida, oh “Bruaco”! Ela, pelo menos, ainda vai durar mais do que a minha...

Acho que ele entendeu o recado, pois se retirou sem nada falar. É claro... Ninguém queria ouvir o que de fato existia.

Sim, eu logo morreria, assim como meu irmão falecera. Maciel, esse era o nome dele... Ainda me lembro de quando estávamos em um campinho abandonado, junto com outros colegas, jogando futebol com a bola nova que um deles havia ganhado. Eu estava na linha, mas na defensiva. Meu irmão era o craque da turma e jogava na ofensiva. Não havia quem o conseguisse parar... Até mesmo o apelidaram de “Dico”, um apelido de infância do que era o maior jogador de futebol do país, o Pelé. “Dico” estava com a bola e eu parei para tomar um ar, sem nem o observar. Eu sabia que o placar logo se ampliaria e os garotos do time comemorariam em ovação! No entanto, o que ouvi, foram murmúrios. Logo corri para ver o que acontecia. Maciel,

meu irmão, mais conhecido como “Dico”, estava prostrado, arfando. Ele nem chegou a chutar a bola. Corri o mais rápido que pude até minha casa para chamar meus pais para o ajudar... Ali estreitou o nosso calvário. Maciel estava doente, nós sabíamos, mas nada entendíamos ainda... Até o momento em que ele veio a falecer, naquele mesmo dia por insuficiência cardíaca; o coração não colaborou mais.

Logo, Daniel nasceu. Aquele “Bruaco”, o mais novo de nós, e a separação de meus pais se tornou certa. Uma vez os ouvi dizendo que as gestações eram as culpadas.

Meus pais de nada sabiam, até o momento em que a clínica em que nos tratávamos falou seriamente com eles... Eles não podiam mais ter filhos e minha mãe era a culpada! Era a única que podia passar o mal que nos condenaria pela vida. Vida... Que vida era aquela? Falavam em expectativas, planos... Nós fomos privados disso! Isto é, Natiel e eu, pois tínhamos o mesmo problema que Maciel tinha e pelo que falecera precocemente. “Bruaco” fizera vários exames e estava fora desta estatística familiar... O único de quatro irmãos! Talvez, por isso tenha se incumbido tão precocemente da liderança.

Não podíamos contar com nossos pais. Meu pai pouco aparecia... Preferia evitar o infortúnio de ver minha mãe e nós também, afinal, após o falecimento do mais velho, queria evitar presenciar o falecimento dos outros antes da dele... Sim, era isso o que ele pensava! Também o ouvi dizendo em uma das poucas visitas que nos fazia por ano. Ele já estava com outra, é claro! Também tinha filhos “normais” com essa. Mas, legalmente, ele ainda era casado com minha mãe. Se nem ele aparecia, muito menos a segunda família dele. Ou seja, não conhecíamos nem a outra esposa, nem os filhos dela. É como se fôssemos parentes distantes... Mas, muito distantes mesmo! “Tôca”, irmão do meio, por várias vezes tentou fugir para segui-lo, até o dia em que se convenceu de que, assim como eu, não éramos mais queridos por nosso pai, mãe, ou qualquer outro... Sim, não tínhamos mais amigos, não saíamos, nossa mãe pouco parava em casa... Saíamos somente para tratamento, Natiel e eu... “Bruaco” nos auxiliava no transporte e, quando voltávamos, ele se incumbia de realizar algumas tarefas domésticas, como as refeições e as roupas. Isso tudo me enervava mais!

– Vamos logo, “Gado”! Não podemos nos atrasar... O carro logo chegará para nos buscar.

Por consideração a ele, o que mais posso fazer? Eu sei que não tenho mais jeito... Porém, não quero ter que observar a expressão preocupada dos dois irmãos mais novos que tenho. Afinal, um deles passaria brevemente por isso, mais intensamente quanto eu, e o outro teria que assistir e sepultar os seus dois irmãos... Meus pais e ninguém mais o queria fazer.

– Ok! – Falei por fim. – Então me ajude aqui.

Ele sabia que eu já não conseguia me levantar sozinho. Isso me enervava!

Nós nos tratávamos por apelidos, como observado. Era um costume de bairro e, utilizando do mesmo, aliviava um pouco a tensão. Meu irmão mais novo era dito como o mais bonito de nós... E como a gíria do bairro para pessoa feia era “broaca”, acabamos por apelida-lo levando isso em consideração... Natiel, o “Tôca” era mais óbvio ainda... Ele sempre estava usando touca de lã branca lisa. Por mais aquecido que estivesse o tempo, ou mesmo na piscina, em tratamento, ele não a tirava. Era o mais supersticioso de nós. Ele acreditava que algo ruim lhe aconteceria se retirasse aquele adorno. Mas, ele estava enganado! De quem ganhara a touca ele não se lembrava, mas eu sim! Papai dera a ele pouco antes de partir definitivamente de casa. E eu, o “Gado”, peguei esse apelido após tanto reclamar das esperas por atendimento nos hospitais públicos.

Eu costumava ser um sujeito de melhor humor, mas isso faz muito tempo. Eu sentia que estava chegando o meu fim. Tudo me cansava, pelo mínimo esforço que eu fizesse. Eu não conseguia nem ao menos ajudar “Bruaco” nas tarefas de casa... Não podia chegar perto do fogo, não conseguia ficar muito tempo em pé, o ferro parecia cada vez mais pesado, a louça deslizava muito facilmente de minha mão... Como eu poderia manter o humor?

Naquela van da saúde pública estávamos chegando na clínica comunitária de fisioterapia. Aqueles alunos *imbecis* nos reavaliariam pela enésima vez! Por certo, todos eles nos conheciam. Éramos objeto de pesquisa preferido daquela faculdade, ou melhor... daquela universidade! Todos queriam nos testar... Tudo isso para quê? Nada poderia nos salvar.

– Bom dia! – Disse a Carla, a moça da vez na recepção da clínica.

Enquanto “Bruaco” assinava a presença e responsabilidade por nós, tudo legalmente assumido após seus 18 anos, fomos para um dos cantos desocupados da recepção. Era cedo, mas já haviam muitas pessoas ali, principalmente idosas. Eu procurava me afastar de qualquer uma delas. Até porque não queria que tentassem me ceder um dos lugares e eu tivesse que negar alegando ser incapaz de me sentar sozinho, sendo bem mais novo que muitos deles ali.

Era início de ano... Reavaliação... Turma nova.... Felizmente ou infelizmente fomos informados que seria avaliação individualizada. Felizmente porque poderiam manter o foco em uma única pessoa. Embora tenhamos a mesma doença, somos pessoas diferentes e ela se manifesta de forma ímpar em cada. E infelizmente porque, isso só podia significar que, a

diferença da evolução da doença se contrastava. Eu sabia disso, todos sabíamos disso, mas era cruel e doloroso pensar nisso. Desde a morte de meu irmão eu tenho me preparado para a minha, mas isso não significava que eu esteja mesmo pronto para ela.

– Adriel!

A fisioterapeuta chamou-me! Ótimo... Novo dia, nova terapeuta e mais um novo mau humor.

– Bom dia, Adriel! – Cumprimentou-me a professora da área.

A clínica era subdivida em diversas áreas... Nós estávamos na neurológica, mais especificamente, a adulta.

– Bom dia – cumprimentei, entredentes, da forma mais solícita que consegui.

– Espero que não tenha se descuidado durante esse período em que estivemos distantes... – Comentou, em tom de bronca.

Eu nada lhe respondi, apenas esbocei um sorriso. Logo “Bruaco” lhe contaria tudo e viriam mais broncas. Eu recebia mais broncas ali do que na casa de minha mãe... Como poderiam não entender que *beber* era um dos poucos prazeres que eu ainda tinha? Não que eu o fizesse com frequência... Eu era vigiado o tempo todo! Mas, nas poucas vezes que o consumia era delatado. Não estava nem aí se inutilizava os medicamentos ou acelerava meu coração! Os remédios não me fariam muito viver...

– Pode *sentar* para que comecemos a avaliação... – disse a estagiária.

Será que é sério o que ela está me sugerindo? Suspirei aborrecido.

– Largue desse caderno, cara! Você já será atendido...

Tratava-se da segunda etapa do tratamento... Eu, aguardando em pé, como era de minha preferência, amparado pelo encosto lateral esquerdo da clínica, enquanto rabiscava algumas palavras em um caderno, aprendi a não ver as horas passarem. Iria para a maçante sessão de massagem na área de *dermato-funcional* da clínica. Meus irmãos aguardariam na recepção, mesmo “Tôca”! Ele ainda não sofria com câimbras constantes. Mas era o primeiro dia, viria reavaliação... O bom é que eu não ficaria todo dolorido. ... Ledo engano!

– Oi “Gado”!!!

Aquela voz, aquele tom, aquele sorriso sarcástico... Oh não! Era ele novamente!

– Está cumprindo dependência mais uma vez?

Norberto Jack... Jade... Sei lá o que... Era o nome do mesmo rapaz que me atendia pela segunda vez consecutiva naquele setor.

– Gostei tanto da área que resolvi ficar nela...

Ele não levava nada muito a sério... Adeus tranquilidade da reavaliação! Aquele cara nunca preenchia fichas... O sofrimento corpóreo durante e após iria começar.

O dia passou mais uma vez sem muito o que fazer, e no dia seguinte seria apenas a hidroginástica./

Eu me sentia bem na piscina, mas nos últimos meses o ar estava me faltando quando nela. Enfim, se fosse apenas na água que me esvaia o ar...

Após as mesmas discussões cotidianas, cheguei na hidroginástica. Mas, o que pensei que seria um momento relaxante, acabou me sendo de total desgosto. O *desagradável* havia aparecido... Havia chegado o tempo em que eu não poderia, nem ao menos, tratar-me em comunidade. Fui impedido de entrar na piscina com meu irmão e com os demais que ali estavam apenas para se exercitarem...

– Vocês não podem fazer isso! – Enervei-me. – Eu venho aqui desde minha infância... Conheço a todos! É o único lugar em que ainda posso me encontrar com eles.

– Desculpe-nos, Adriel... Você precisa ser atendido individualmente, pois tem se cansado muito na atividade. Você pode perder o equilíbrio ou, até mesmo, ter algum surto mais sério. Até que possamos lhe amparar, pode ser tarde... Você terá que esperar a fim de surgir um horário individualizado.

Bufei! Eu sabia que esse horário não apareceria. A hidroginástica era muito disputada pela comunidade e meus pais não pagariam pela atenção exclusiva que queriam me dar. Com o corpo robótico, como era o meu estilo obrigatório de ser e estar nos últimos anos, eu me virei e caminhei lentamente, claudicando, em fúria.

Não que eu me importasse com a opinião alheia, mas, pela primeira vez, observei algo que não queria... Uma garota desconhecida que estava na recepção me olhou de forma assustada. O

que ela estava pensando? Estou doente, não sou nenhuma espécie de monstro!

– Vou esperar lá fora! – Disse para o “Bruaco”, sem nada lhe dizer. Ele já devia ter sido informado. Teríamos que esperar o “Tôca”... Mesmo com toda a minha idade, eu não podia sair sozinho. Isso tudo me enervava.

APRESENTANDO ESTELA

Chegou o dia! Estava na casa da minha tia a fim de estudar e trabalhar. Havia começado na universidade daquela pequena cidade o estudo de Jornalismo, três meses, e já havia conseguido um estágio. Na verdade, eu não atuava na área ainda, porém estava em uma editora. Ali eu era mais como uma “auxiliar geral”, fazendo cópias, servindo água e escrevendo alguns e-mails para clientes. Apesar de tudo, era melhor do que não estar fazendo nada; além do mais, eu estava lá dentro e podia evoluir – e quem mais evoluiria do que o que estava mais abaixo?

Haviam muitas áreas no Jornalismo. Áreas que me pareciam fascinantes a cada momento de estudo. Eu ainda não havia decidido para qual eu seguiria, talvez o ramo investigativo...

Porém nem tudo é alegria. Tudo ia muito bem, até o momento em que me deparei com a balança...

Como eu podia ter ganhado cinco quilos em quatro meses?!

– Eu bem que te avisei que ficar nessa vida sedentária de redação e escola iriam te deixar fora de forma... – resmungou minha tia, vendo minha cara de espanto após usar da balança caseira. – Você vai precisar praticar algum tipo de atividade física!

Ela apenas observou minha careta e dali saí. Eu detestava pensar que teria que arranjar tempo para fazer academia. Era chato... Chatíssimo... Ultra-mega aborrecido... Totalmente entediante. Ficar correndo ou pedalando, sem sair do lugar; ficar levantando pesos sem objetivo efetivo não me eram nada do agrado. Sempre fui uma pessoa prática... Nunca gostei de me desgastar por nada. ... Enfim, não adiantava reclamar. Por certo teria que cortar a *banana split* matinal, ajustar toda a minha dieta, e praticar alguma atividade física... Poderia haver alguma não tão entediante e com algum objetivo de fato? Eu teria que pesquisar e, caso não quisesse pesar uma tonelada até o final do ano, teria que ser rápida.

Nunca pensei que em um ambiente como aquele poderia realmente haver algo a que eu pudesse me ligar. Não me refiro a academia em si, mas ao público que nela continha. Obviamente haviam os *bombados* – homens e mulheres se exercitando e exibindo seu porte diante de outros, do espelho ou do celular, a fim de atualizarem suas redes sociais. Porém, haviam os casos como os meus, pessoas obrigadas a se exercitarem e não acharem graça nenhuma no que faziam. E ainda, pessoas que lutavam desesperadamente para conseguir o

arcabouço de seus sonhos. Como uma garota que sempre estava por lá correndo, correndo, correndo sem sair do lugar, tudo para aprimorar o porte. Percebia-se que agiam de forma inapropriada, até mesmo, sem segurança alguma, com um único objetivo. Sim! Identifiquei essas características analisando os olhos dos infortunados. E não! Eu não papeava com ninguém naquele ambiente terrível.

Uma semana havia se passado. Por mais exercícios aeróbicos que eu fizesse, não eram suficientes para melhorar aquela minha situação. Tanto a do meu peso, quanto a do meu interesse em realizar as atividades... Decidi apresentar-me a instrutora e pedir-lhe recomendações de outras práticas, que poderiam me interessar mais em fazer, e acabar perdendo o que eu não queria que mais ganhasse: *quilo!!!*

– Nós temos vários programas de práticas físicas, Estela... – explicou Helena, a instrutora recepcionista. – Talvez você possa se interessar por alguma de nossas danças, como *zumba* ou *sertanejo*.

Não precisei me expressar verbalmente quando neguei essas opções. Minha careta deve ter-me denunciado... Eu não queria praticar dança alguma, muito menos *sertanejo*. Eu não era, o que se pode dizer, uma “pé de valsa”.

– Bem... – falou Helena olhando o computador da recepção, com uma leve agonia. – Temos atividades voltadas para o corpo globalmente que são relaxantes para a mente e intensos para o corpo como o *Pilates* e o *Yoga*.

Desta vez me expressei, dizendo:

– Não estou a fim de ficar em um colchonete e meditar! Sou uma pessoa elétrica... Não quero desocupar a mente, mas sim, perder *peso*. – Essa última palavra saiu meio entredentes. Não me parecia muito elegante ter que repetir a causa da minha ida ao estabelecimento de tortura no qual me encontrava.

– Então... Natação! – Falou a instrutora quase parecendo irritada. – Gosta de água, Estela?

Água! Era isso! Eu precisava de água e menos de qualquer coisa *gordurante*.

Helena pareceu ficar feliz por ver meu semblante de dúvida e logo se pronunciou:

– Temos uma turma que iniciará nesta quinta. Posso inscrevê-la? Todo o equipamento que você precisar poderá encomendar aqui mesmo.

Água! Eu precisava de água! Helena me entregou um cartão e eu apenas olhei para ela com uma sobranceira erguida, em dúvida. Ela logo falou:

– Esperarei por você amanhã!

Eu acenei com a cabeça em concordância e me retirei fitando o cartão. Ali estava o horário e os dias... Seriam dois dias, estes sendo terça e quinta, e o primeiro dia já começaria amanhã. Acho que eu precisava encomendar algo para as aulas... Pela primeira vez, naquela semana, fiquei um pouco mais animada. Tomara que seja uma animação verdadeira.

Não era de todo ruim... Mas também não era andar em uma montanha russa com os olhos vendados e sem trava. Não que eu estivesse procurando por adrenalina, mas as aulas de natação, pelo menos, eram melhores do que as outras atividades a que eu me submetera mentalmente, embora... Atividade em grupo! Ah, como eu detestava essas aulas em que o professor queria que ag ssemos em dupla ou mais.  ramos em cinco, tr s meninas e dois meninos, um sempre acaba sendo o modelo, atuando junto com o professor... Era extremamente aborrecedor. E ele parecia ter um favorito.

Contudo, o melhor das aulas era o próprio professor, afinal, tratava-se de um saboroso sonho. O lado ruim era que a modelo que mais atuava junto a ele era uma completa descarada. Obviamente, tentava se aproveitar da situação em qualquer exercício que pudesse exigir mais aprop chego. Eu fui modelo nas aulas apenas uma vez e não teria coragem de me assanhar tanto... Acho eu.

– Ela realmente não tem vergonha... – murmurou uma colega.

Acho que eu estava para fazer amizade naquele lugar. – *T * na cara que ela está tentando tirar um pedaço dele.

– E comer lentamente... – falei, sem pensar, esboçando um sorriso malicioso e apressei-me em me apresentar – Sou Estela.

– Mikaela – falou estendendo-me a mão já enrugada devido a água, também sorrindo. – Livrando-me dos aborrecimentos de casa, e você? Por que está aqui?

– Acima do peso – falei com uma expressão franzida e balançando os braços e tronco como que para mostrar o porte *evidente*.

Mikaela sorriu e voltou a atenção para o professor. Era difícil desviar os olhos do mesmo por muito tempo... O que dava para entender a inútil pergunta dela. Ao contrário de mim, ela era uma vareta. Nada de frente, nem de tr s.

Era incrível pensar que a maioria estava fazendo algum tipo de exercício físico regular por

qualquer objetivo que não apenas o gosto pela prática. Na televisão, em qualquer dos programas e comerciais, quando exibindo pessoas na academia, mostram-nas sorridentes, como se a atividade que estivessem fazendo fosse como comer um algodão doce sem corante; *amo*. A realidade, porém, era outra. Mesmo os que gostavam de se exercitar, penavam para manter e melhorar o ritmo, a performance e o porte. Daria uma boa matéria para a faculdade e... quem sabe, para a editora?

– Eu ouvi falar que ele é gay... – sussurrou um colega atrás de mim, próximo ao meu ouvido. Virei para ele e tossi levemente, disfarçando o riso. Não devia ser fácil pertencer àquela aula, sendo do sexo masculino. As meninas que ali estavam, não tiravam os olhos do professor e, sempre que podiam, chamavam-lhe a atenção.

– Eu sou o Emerson – adiantou o outro colega.

– Jadir – disse, de forma um tanto aborrecida pela intromissão do colega.

– É curioso que, depois de três aulas juntos, só tenhamos nos apresentado agora... *de fato* – falei de forma satírica.

Todos riram, esquecendo, por um instante, que estávamos em aula. O professor até se virou curioso e voltamos a análise meticulosa da demonstração da aula daquele dia.

Nós, é claro, como toda turma de novatos, nos apresentamos. Mas, poucos de nós ainda se lembravam dos nomes uns dos outros. As distrações da aula já começaram a vigorar desde o primeiro dia de aula, pelo menos, para o público feminino.

Jadir estava errado. Ou pelo menos, tudo indicava isso. Nosso instrutor de natação parecia ter uma namorada, algo que não lhe tirava o brilho, mas entristecia o ser lá no inconsciente. Claro que, eu não esperava que nós fôssemos nos casar e ter filhos. Era como a tristeza de fã que observa seu ídolo com alguém.

Voltando ao assunto da namorada, não sabíamos como ela era. Apenas o ouvimos conversar com a tal de *Natalie*, de forma bem empolgada, ao sairmos da aula.

Eu já estava de banho tomado – era sempre a primeira das meninas a sair.

Havíamos marcado, Mikaela, eu e os meninos de ir até a cafeteria local. Não queríamos deixar a exibida da *Victória* de lado; na verdade, queríamos sim, mas para a nossa extrema

tristeza ela não poderia *mesmo* ir.

MISTÉRIOS NA ACADEMIA

Trivialidades a parte, apresentamo-nos adequadamente, rimos das piadas de Jadir e das interrupções de Emerson e nos atentamos aos dramas familiares de Mikaela. Mas, depois de cerca de 30 minutos, começamos a nos dispersar e o que mais parecia desfocado era o, outrora, mais brincalhão.

– Procura por algo Jadir? – Perguntei curiosa, percebendo os movimentos bruscos de pescoço que o mesmo fazia a fim de se certificar de algo que nos traspassava, com uma dose de ansiedade.

– Ah n.não... – gaguejou, voltando logo o olhar para o nosso círculo, mas sem fitar ninguém. – Eu só acho que deveríamos nos reunir aqui na próxima terça novamente.

Eu, por certo, não o conhecia muito. Na verdade, havíamos sido apresentados *mesmo* há poucas horas, duas para ser mais exata. Ainda assim a atitude dele parecia deveras estranha. Enfim, era óbvia que a intenção dele era de encerrarmos a reunião. Ele parecia ter algo muito importante para fazer... Curioso.

– Terça-feira então... – começou Mikaela, mas nem a finalizou sendo interrompida, desta vez, por Jadir; não por Emerson, que parecia se divertir com essa tarefa.

– A gente se vê... – disse Jadir e se retirou apressado.

Ainda me virei para tentar acompanhar sua partida. Curiosidade faz parte do meu ramo, afinal de contas... Ok! Essa era uma desculpa. Mas, quem não gosta de uma fofoca? No entanto, minhas tentativas de *stalkeá-lo* infelizmente foram frustradas pelo interruptor oficial do grupo.

– Talvez pudéssemos fazer algo mais antes de terça... – sugeriu Emerson de forma afoita. Porém, eu não estava interessada.

– Acho que já vou indo também. Preciso terminar algumas tarefas da faculdade... – Ao me levantar, fitei Mikaela que, por um instante, pareceu aliviada. ... Deve ter sido impressão minha. – Até terça.

Ao me retirar, ficaram apenas os dois ali de papo, rodeados por várias pessoas que, como nós, usavam o café sem necessariamente pedir qualquer coisa.

Decidi passar na recepção, a fim de pegar o restante do material que havia encomendado para as aulas, mas antes que eu pudesse chegar, ouvi o que parecia uma discussão e me virei para

ver o que acontecia.

Era um sujeito, que não parecia muito mais velho que eu, que discutia com um dos funcionários dali. Um instrutor ou assistente talvez... Eu conseguia ver a expressão do rapaz, que discutia, que estava um tanto carrancuda, mas não conseguia entender uma palavra do que ele dizia. No entanto, o talvez assistente de instrutor eu conseguia compreender perfeitamente. Por algum motivo, ele estava sendo impedido de frequentar alguma atividade. Eu não quis me focar nas falas dele, mas em tentar compreender o que aquele sujeito, pouco mais velho que eu, tentava dizer. Espantei-me por não conseguir, eu costumava me gabar por ter a audição bem apurada. Ele estava falando baixo demais e, só compreendi que sua fala era um tanto arrastada.

Não sei quanto tempo fiquei ali, o que era por demais para mim, afinal, eu sempre tinha noção do tempo; mas, assustei-me ao *perceber* que ele havia *percebido* minha atenção e, pela cara que fez, pouco gostou.

Não consegui disfarçar minha surpresa, e susto, porém ele não me depositou qualquer outra atenção e seguiu em frente, carrancudo e com um andar meio robótico, lento, pisando firme.

Nunca pensei que eu poderia encontrar tanto assunto em uma academia. Aquilo poderia dar uma matéria interessante.

O MISTERIOSO ROBÓTICO

Voltei a mim e rapidamente fui até a instrutora que estava na recepção, a Helena, e, antes que ela pudesse se expressar, lhe questionei:

– Quem era aquele sujeito carrancudo que discutia com aquele outro? – Acho que preciso melhorar minhas habilidades de perguntas. Por sorte, ela pareceu compreender e me disse:

– É um dos nossos alunos mais antigos. – Fiquei esperando, mas ela parecia não querer mais falar. Por algum motivo, que eu ainda desconhecia, ela abaixou a expressão e parecia triste. Incentivei-a a prosseguir então:

– Ele parecia estar sendo impedido de fazer alguma atividade? O que era? Por que?

Helena olhou para mim, parecendo irritada – ela se emburrava fácil comigo – não sei por que, mas respondeu:

– Adriel não pode fazer atividades em grupo. – Ela deu-me as costas e logo voltou com uma mochila de plástico, logo dizendo, cortando o assunto. – Aqui estão suas coisas, te esperamos terça.

Adriel! O nome dele é Adriel!

Peguei as coisas e ainda a fitei por quase um minuto; voltei com minha habilidade de contar o tempo. Ela havia mudado de assunto de modo brusco, mas eu não desistia facilmente.

– *Adriel* não pode fazer atividade em grupo por que está doente, turma lotada, ou é antissocial?

Acho que se Helena pudesse, ela teria me dito um palavrão. Ainda assim percebi seu respirar para tentar se tranquilizar e me respondeu do modo mais sutil:

– Ele tem uma distrofia muscular, mas eu não posso ficar comentando. Nós não falamos sobre isso aqui...

Assenti e decidi não investigar mais naquele dia. Ainda teríamos outros para falar. Então, com animação e petulância lhe respondi, enquanto pegava a mochila com minha encomenda nela:

– Obrigada Helena. Até amanhã! – Sorri largamente e lhe dei as costas antes que pudesse se expressar. Obviamente reparei em sua face duvidosa, afinal, era quinta-feira e não havia

atividade agendada para mim na sexta. Pelo menos, por enquanto...

PROCURANDO A DISTROFIA

A primeira coisa que fiz ao chegar na casa de minha tia foi pesquisar a respeito da *distrofia muscular*. O primeiro site que encontrei a respeito me foi basicamente explicativo, mas tive informações suficientes para entender que o que acontecia com aquele tal de *Adriel* não era algo que poderia ser resolvido de modo fácil. Assim o site me disponibilizou:

“O que é Distrofia muscular?”

Distrofia muscular se refere ao grupo de doenças genéticas nas quais os músculos que controlam o movimento enfraquecem progressivamente. No geral, apenas os músculos de movimentos voluntários são afetados, mas algumas formas dessa doença também podem atingir o coração e outros órgãos de movimentos involuntários.

Há nove principais formas de distrofia muscular:

- *Miotônica*
- *Duchenne*
- *Becker*
- *Distrofia muscular do tipo cinturas (Erb)*
- *Distrofia muscular facio-escapulo-umeral*
- *Congênita*
- *Distrofia muscular óculo faríngea*
- *Distrofia muscular distal*
- *Emery-Dreifuss*

A distrofia muscular pode aparecer em qualquer idade, sendo que a forma e gravidade da doença são determinadas pela época da vida em que aparecem. Algumas pessoas com distrofia muscular vivem de forma normal, com os sintomas se desenvolvendo muito lentamente. Outras podem sentir [fraqueza muscular](#) rápida e severa, o que pode ser muito debilitante.

Segundo a Associação Brasileira de Distrofia Muscular, a doença é uma das alterações genéticas mais comuns em todo o mundo. De cada 2.000 nascidos vivos, um é portador de algum tipo de distrofia muscular. Essa incidência supera a de doenças como o [câncer infantil](#), que é de

aproximadamente um para 4.500 nascidos, de acordo com o Inca – Instituto Nacional de Câncer.” (1)

Eu sabia que doença genética mostrava irreversibilidade do caso, também podia entender que o modo de andar do *Adriel* demonstrava que a doença já o afetava de modo, no mínimo, mediano, afinal eu percebi só ao olhá-lo. Talvez, a maneira de falar também estivesse associada. Mas o que mais poderia estar acontecendo?

Assim como prometi a Helena, após minhas aulas, e o estágio, fui até a academia. Não esperava encontrar o *misterioso robótico*, mas obter qualquer informação a respeito. Aquilo poderia me render uma grande matéria para minha atividade de faculdade e me fazer ingressar efetivamente no ramo jornalístico.

Eu não sabia ao certo a quem perguntar. Helena, estava na cara, que não queria papear. Poderia tentar algum professor, mas não havia nenhum disponível e nem me dariam a informação que gostaria. Mas, eis que vejo uma luz; Jadir estava por lá. Obviamente estava curiosa a respeito da ida do mesmo ali. Talvez ele soubesse de algo.

– Oi Jadir! Tudo bem? – Apressei-me em cumprimenta-lo a distância, em alta voz. Ele pareceu assustar-se. Parecia concentrado em algo. Segui a visão do mesmo e reparei que ele, em uma bicicleta ergométrica, se focava em algumas pessoas se exercitando, dentre elas, aquela garota que vivia correndo na esteira. Parecia que havia alguém apaixonado ali... Jadir saiu da ergométrica e veio, rapidamente, falar-me:

– Oi. Que faz hoje aqui? – Perguntou descabido.

– Eu poderia lhe perguntar o mesmo... – sorri maliciosamente. O que pareceu fazê-lo estremecer. Fingi nada notar e prossegui: – Você vem muito por aqui, certo? – Jadir assentiu. – Poderia me dar informações a respeito de um tal de *Adriel*, que pertencia a um grupo de natação aqui?

– Para quê? – Perguntou-me intrigado.

– Para um trabalho na universidade. – Confessei-lhe e apressei-lhe em dizer: – Além do mais, acho que poderíamos ajudá-lo a entrar na nossa turma. Parece que ele foi impedido de fazer aula por não poder pertencer a um grupo. O nosso é pequeno e talvez ele consiga ingressar...

– Adriel não está fazendo mais natação aqui? – Elevando uma sobrancelha, questionou-me e assenti.

Por certo havia reparado em duas coisas. Uma: Jadir conhecia Adriel. Outra: Ele não estava ciente do que acontecia recentemente ali. Devia estar com outros focos...

SURPRESA NA PISCINA

Há momentos na vida em que você se sente bloqueado. Embora a motivação estivesse aflorando na pele, eu não sabia o que fazer até que minha curiosidade fosse sanada. Mas como saná-la? Eu não estava prestando atenção nas aulas naquele dia. Não sei se a aula era *teoria da comunicação* ou *criatividade e sustentabilidade*. Eu só sabia que queria poder ir à academia logo. Havia passado todo o final de semana sem poder ir atrás de notícias e, naquele dia, eu não teria tempo, pois haveria reunião no âmbito *trabalhístico*. Por isso tive que esperar pela minha aula de natação na terça-feira e... Eu não podia acreditar!

Eu estava atrasada. Frutos da reunião do dia anterior ecoavam pelos quatro cantos do escritório e me fizeram pagar em atividade.

Ao chegar na academia nem cumprimentei a minha *boa* e velha *amiga* da recepção. Rapidamente troquei-me no vestiário e fui até a piscina e...

– Quero apresentar o Adriel a vocês – dizia o belo professor. – Ele fará aula conosco.

A amabilidade do professor bonitão era nítida, mas a de Adriel que apenas bufou ao ser apresentado parecia em falta...

– Desculpem o atraso – apressei-me em falar em meio ao momento silencioso, dizendo mais, essa eu não poderia perder, por mais surpresa que pudesse estar. – Prazer, eu sou Estela.

Embora eu estivesse sorrindo, a expressão de Adriel não mudou. Ele olhou-me como se eu fosse algum ser de outro planeta e depositou atenção ao espaço vazio a sua frente. Ainda no vácuo pude ouvir risinhos atrás de mim: Jadir...

Durante toda a aula o novato não falou. Em meio a atividade ele fez parceria com o professor e, por vezes, ele parecia nem prestar muita atenção no exposto. Ele fitava constantemente o vazio e se mantinha sério. Pensei que ele quisesse voltar as aulas de natação. Não era essa a discussão da semana passada? Ou pelo menos, eu achava que era...

Ao terminar a aula ele ainda ficou. Eu queria ficar mais, mas não podia naquele dia. Teria

que voltar ao escritório. Bem, agora que ele estava em nossa turma seria mais fácil obter mais informações a respeito daquela doença, por mim desconhecida, e como afetava em seu comportamento.

Ao sair do vestiário ainda me pus a fitar a piscina. Não havia ninguém ali mais. Procurei com os olhos enquanto andava até a recepção. O único que vi foi Jadir, naquela mesma bicicleta ergométrica... Eu não poderia falar com ele naquele dia, mas sua vez chegaria.

SURTO DE ABSTRAÇÕES

Uma semana se passou. Se eu não estivesse tão focada no tal de Adriel, talvez tivesse percebido que Mikaela estava ausente mentalmente e faltara nas aulas de natação naquela última semana. Se o meu foco não estivesse naquele estranho que andava feito um robô, que precisava de ajuda para entrar e sair da piscina de pelo menos duas pessoas, talvez percebesse que Emerson não estava mais tão intrometido e não parava de tentar me perguntar a respeito da mencionada número um deste relato... Se eu desviasse a atenção do sujeito que, quando não estava na piscina, estava escorado em algum canto com um caderno e um lápis do tipo 9B, com certeza me atentaria ao tumulto que acontecia na academia.

Eu não sabia como, onde, por que, quando, por exemplo e... Enfim, absolutamente nada do que ocorrera na sexta-feira da última semana.

Íríamos para a terceira semana de aula de natação, era terça-feira e cheguei trinta minutos antes do horário de minha aula. Apesar de minhas abstrações era notável a ausência de muitos naquele dia; o espaço dos equipamentos aeróbicos e musculação estava vazio. Andei devagar até a recepção, observando o ambiente com o olhar, tentando captar qualquer coisa, mas nada me veio. O jeito seria tentar a sorte com a instrutora-recepcionista que não era lá muito minha fã...

– Olá Helena... Como tem estado? – Perguntei sorrindo a fim de testá-la.

– Ah, oi Estela – respondeu de forma distraída, pouco me fitando. Decidi arriscar e prossegui:

– O que houve com o espaço? Está tudo muito vazio por aqui...

Helena me olhou exausta. Ela sabia que teria que me falar algo, afinal, eu pertencia àquela academia. Suspirou e respondeu:

– Aconteceu um acidente na sexta-feira na sala de musculação e aeróbico. Tivemos que interromper as atividades dali por algum tempo, mas a sua aula está confirmada.

– Acidente? – Claro que eu retivera o que mais me interessou, embora, quanto a aula de natação, estava adquirindo mais importância para mim do que eu realmente esperava.

– Houve um problema com um dos alunos e... – Helena não conseguiu falar mais, tapando a própria boca e fitando o chão de modo taciturno.

Notei que dela não conseguiria extrair qualquer informação mais, então fui até o local por mim escolhido e acolhido. Talvez lá pudesse conseguir mais informações a respeito ou...

Era cedo ainda, mas eu sabia que Adriel chegava muito antes a fim de dar tempo de todo o preparo que ele necessitava.

Ceguei sorrateira e me ocultei em uma das colunas que havia próxima ao vestiário feminino. Vi Adriel recebendo ajuda de um sujeito grande que, facilmente daria três dele, e um outro com aparência mais jovem. Minhas pesquisas naqueles últimos dias me fizeram certificar e perceber que o *grandão* era um vizinho que o ajudava constantemente e o mais novo era o irmão que aparentava ter as funções *normais*.

Apressei-me a me trocar e a aula esperar. Quando cheguei, porém, não havia ali nem Victória, Emerson, Mikaela, Jadir e... Nem mesmo o professor bonitão de sempre! Helena nos daria aula naquele dia e seria só para mim e *ele*...

ENTREVISTANDO ADRIEL

– Você pode me ajudar aqui?

Eu não podia acreditar! Era a primeira vez que Adriel se direcionava a mim! Obviamente tive ajuda do destino que, decidi por nossa aula em dupla. Helena passava as instruções e nós a executávamos. Seria um bom dia para aproximação e, quem sabe, aprofundar meu artigo.

– É claro... – apressei-me em ajudá-lo.

Helena decidira promover um programa com assento em alguns *steps*. Como Adriel poderia perder o equilíbrio facilmente, seria mais seguro... Ainda que, a atenção a ele voltada fosse quase que total naquele dia, pelo menos de minha parte. Helena se distraia por diversas vezes...

Após sentar-se, halteres em seus tornozelos foram colocados, enquanto eu trabalhava com um *halter flutuante*. Adriel se concentrava no que estava fazendo e eu, ao lado dele, não pude deixar de notar a intensidade de seus olhos amêndoas, que fitavam o movimento que executava. Aproveitando-me das várias distrações de Helena, parti para o interrogatório... Contido, claro!

– Faz muito tempo que você frequenta esta academia? – Perguntei do modo mais sereno que pude. A princípio pensei que ele não tivesse ouvido e, após quase sessenta segundos, quando eu estava prestes a perguntar outra vez, para meu total espanto, ele respondeu e sem bufar:

– Doze anos... – os olhos continuavam concentrados no exercício, sua voz baixa e prolongada.

Eu sabia que não podia esperar um longo discurso. Mas, o que obtive foi mais do que pensei. Prossegui, é claro:

– Que legal. Você deve conhecer muita gente – expressei-me, de forma animada! – Também deve gostar muito de natação...

Desta vez ele suspirou e olhou para o alto, estacando o exercício. Ao me fitar, senti como se congelasse no lugar. Era a primeira vez que ele fazia aquilo diretamente e, não parecia um bom sinal. Então, Adriel me disse em seu tom casual de voz, contendo um certo rancor:

– Não tenho escolha! – E voltou para o exercício.

Parei por uns dez segundos o que eu estava fazendo. Helena não estava mais, definitivamente, prestando atenção em nós. O silêncio tamanho era, que eu podia ouvir o *tic e tac* do relógio que ficava na parte superior da parede, no centro, com nitidez. Se eu não fosse uma garota agitada, talvez essa falta de diálogo me desse sono, mas não ficaríamos assim por muito tempo. Eu ainda aproveitaria aquele momento, por mais receio que pudesse ter.

– Parece que todos aqui te conhecem. Você é muito amigo do Jadir da nossa turma? – Eu não podia perder essa. Jadir ficava mais concentrado no Adriel desde que entrara para nossa turma do que eu e era seu principal parceiro de atividades.

Adriel, ao invés de se mostrar irritado, franziu o cenho. Mais uma vez me fez sentir como se eu fosse alguma espécie de alienígena. Afinal, o que aparentemente, o mundo sabia, mas eu não?

– Eu entrei nessa turma por causa dele – falou, fitando o chão. Eu havia imaginado algo assim, afinal, depois d’eu comentar com ele, Adriel foi para a nossa turma, mas como ele havia conseguido tal feito? Ah, vou perguntar.

– E como ele conseguiu te fazer ingressar conosco?

Para minha surpresa, ele respondeu rapidamente, porém ainda mantendo seu casual modo de falar e fitar outro lugar:

– Ele é um dos meus fisioterapeutas...

Era algo pelo qual eu não esperava, mas eu tinha que continuar. Segurando o espanto, prossegui:

– Um dos? O que você tem, afinal de contas, para precisar de tantos... *cuidados*? – Hesitei na pergunta. Pensei que ele se irritaria comigo, mas, após uns trinta segundos, ele respondeu:

– Possuo uma doença que está me debilitando e não tenho conseguido executar muitas tarefas que são normais para qualquer pessoa saudável. Afeta o meu modo de andar, modo de falar, modo de agir... – respirou fundo, colocou a mão no peito e prosseguiu: – Sinto meu coração bater a todo o momento e as mínimas tarefas me cansam, *como esta conversa toda*. – Esta última frase ele a dirigiu a mim, fitando-me com olhar enervado. Eu fitei a minha frente de súbito, um tanto trêmula. Mas, cinco segundos depois, voltei-lhe a atenção, tentando amenizar a situação, perguntei:

– Você parece gostar de anotar coisas... Sempre que o vejo fora da piscina, você está com um caderno e lápis. O que você tanto escreve?

Adriel abriu a boca uma vez, mas desistiu. Acho que eu não obteria mais respostas dele naquele dia, e a aula já estava terminando.

Embora obter outra oportunidade como aquela parecesse tarefa difícil, outra por certo apareceria e eu estava pronta para ela. Se não surgisse, eu a criaria.

OH CHUVA – AMIGA MINHA!

Helena já nos deixara, se aproveitando da chegada dos *acompanhantes* de meu colega intrigante de piscina. Por minha vez, não consegui sair do lugar. Fiquei a observar o trabalho que Adriel tinha e a ajuda que se fazia necessária para que ele se deslocasse da piscina. Mesmo utilizando dos degraus, embutidos na lateral daquele espaço aquoso, ele tinha dificuldades em dobrar os joelhos e manter a força dos mesmos enquanto fazia o trajeto. Foi aí que me movi e dispus a ajudar. Como eu estava na piscina seria mais fácil para eu ampará-lo do que os que estavam fora...

Adriel pareceu se assustar quando eu lhe ofereci a mão. Ele me fitou com certa curiosidade, aquele jeito de inclinar o pescoço e arquear as sobrancelhas. Quanto a mim apenas sorri e peguei-lhe pelo cotovelo do modo mais suave que consegui, porém com certa firmeza. Eu o ajudei a se deslocar degrau acima e, juntos, alcançamos a borda. Eu estava concentrada nos esforços para manter o equilíbrio, mas quando chegamos ao destino, voltei a olhá-lo e estaquei. Ele ainda me observava de modo intrigado e... não sei definir bem o que mais. Seus olhos estavam atentos a mim e eu podia sentir meu coração acelerar. Congelei!

Podia ouvir, de modo bem distante, algumas palavras de agradecimento vindas por outros, sendo abafadas pelo meu alto e rápido pulsar. No entanto, aquilo estava para acabar. Só consegui me mover quando *ele* se desvencilhou de mim de um modo abrupto, me fazendo lançar ligeiramente para trás. Por essa eu não esperava! Abaixei o semblante e, sem nem mesmo olhar para os acompanhantes de Adriel saí em direção ao vestiário feminino.

Não era do meu feitio demorar-me no vestiário, mas naquele dia, aproveitando-me do silêncio e de todo o acontecido, deixei que a quentura do chuveiro me envolvesse. Por que Adriel tinha que agir daquela forma? Eu via que a vida dele não era fácil, mas para que agir com tanta circunspeção? Para que ser tão distante?

Mais uma vez não me atentei ao tempo, sabia apenas que não era tão cedo. Acreditava que Helena estaria uma fera comigo, mas, como sempre, pouco me importava. Peguei minha mochila e saí a passos firmes.

Embora a academia pouco estivesse agitada, ainda havia algumas turmas de aulas que não pertenciam a área interdita naquele dia. Helena estava na recepção, sem fitar ninguém e, na certa, fingindo ler algum catálogo de esportes. Decidi apenas sair, nada de papos naquele dia.

Porém, algo parecia que mudaria aquele meu plano.

Pelo meu modo absorto do momento, eu pouco me atentei a chuva que caía. Devido a tal, o carro que conduziria Adriel ainda não havia chegado... Ele estava em pé, próximo a um banco da recepção que fornecia a visão do estacionamento, e mais uma vez tinha um caderno em uma das mãos e o lápis na outra. Adriel escrevia de forma lenta, como se estivesse desenhando, e depositava atenção total ao feito. Ao lado dele, o tal vizinho-amigo-ajudante estava sentado no banco folheando uma revista automotiva, mas o outro, o irmão, não estava ali.

Naquela hora me esqueci de tudo o mais que iria fazer e me pus a vasculhar com o olhar, a fim de tentar encontrar o personagem faltante ao trio. Não precisou de muito tempo para ele logo aparecer. Dali eu não podia entender bem, mas o que ele falou para Adriel e o acompanhante não pareceu deixá-los muito contentes. Eufemismo claro! Era visível que Adriel se irritara e começara a falar de modo severo com o irmão, mas parecia não ter muito o que discutir.

Embora eu não tivesse entendido bem a situação, sabia que algo com o transporte havia acontecido, por algum motivo *ele não apareceria* naquele dia.

O que fazer? Como proceder? O mais novo assumira um semblante de desespero, parecia que eles não tinham com quem contar...

Decidi voltar então, cheguei até a Helena, que ainda “lia” a revista de esportes, tirei-lhe a revista da visão e assim lhe chamei a atenção. Ela me levantou um olhar inquisidor e eu logo lhe disse:

– Preciso alugar o seu carro!

Expliquei-lhe a situação e me aproveitei dos últimos acontecimentos. Deveras eu não sabia dos fatos, mas sabia que algo de grave havia acontecido. Ela não iria querer que outra gravidade lhe assolasse.

Mostrei-lhe minha habilitação e ela me estendeu as chaves do veículo e lhe prometi retornar, ainda naquele dia, com ele são e salvo.

Satisfeita fui até o trio. Havia conseguido minha segunda oportunidade com Adriel muito antes do que imaginara.

VOCÊS SABEM O MEU NOME?

Achei que seria mais fácil, mas me enganei completamente. Adriel ficou calado durante todo o percurso, indo atrás do banco do passageiro. O irmão mais novo, que acabei descobrindo se chamar Daniel, foi a frente e o vizinho, denominado Vando, atrás do meu banco.

Quando lhes ofereci a carona, Daniel e Vando demonstraram muita animação, o que, como dá para imaginar, não foi exposto por Adriel que cerrou o cenho. Ainda assim, Daniel se mostrou solícito e se pôs a falar durante a viagem:

– Não ligue para o carrancudo do meu irmão – falou Daniel jovial. – Natiel e eu somos totalmente diferentes.

Ainda atenta a estrada, lhe questionei:

– Natiel?

– Ah sim – falou batendo na testa. – É o nosso irmão do meio e eu sou Daniel, o de trás é o Vando, nosso vizinho. Natiel está em outras atividades...

Queria perguntar se ele tinha do mesmo problema que Adriel, mas não vi como fazer aquilo de maneira que não soasse rude. Então, deixei essa questão por hora... Talvez, poderia abordar outra. Antes, porém...

– Vire à esquerda! – Apontou-me Vando, do banco de trás. Estava tão escuro que a visibilidade, mesmo com os faróis altos, não era das melhores. Tomando todo o cuidado possível, dirigia a pouco mais de 40 km/h e me atentava no feito. Afinal, eu não era tão habilidosa na direção ainda... Ainda assim, eu precisava saber mais! Então perguntei o que logo me veio:

– Você também participa de atividades na academia Daniel?

Prontamente ele respondeu:

– Frequento a hidroginástica e musculação junto com o Natiel e, enquanto o *Gado* faz aula, faço Yoga.

– Gado? – Perguntei de súbito. Pude perceber, pelo retrovisor, uma ajeitada incômoda de Adriel. Por um momento nossos olhares se cruzaram e eu logo me desviei, atentando-me a estrada e alertando os meus ouvidos ao irmão mais novo.

– Sim! É o apelido desse sujeito aqui atrás...

– Quando queremos irritá-lo o chamamos assim... – falou Vando zombeteiro e, muito provavelmente, fitando Adriel que parecia estar se aborrecendo.

– Também quando queremos lhe chamar atenção – disse Daniel que olhou para trás, na tentativa de também fitar o irmão.

Olhei breve para aquela cena íntima familiar e não resisti, pus-me a rir. Vando e Daniel acompanharam, Adriel, por sua vez, empertigou-se e virou para a direita a fim de fitar a paisagem e permanecer alheio a conversa. Decidi tentar perguntar novamente, tentando *lhe cutucar*:

– E quanto ao caderno? Por que Adriel escreve tanto?

– Ah ele é assim há muito tempo – falou Daniel em seu tom casual descontraído. – Sempre quando não tem muito o que fazer, ele fica escrevendo no caderno. Ele diz que o relaxa...

– Mas, não deixa ninguém ver o que escreve – comentou Vando, alegre. – Deve ser para não assustar as pessoas com a letra terrível que tem.

Eu sorri. Adriel permanecia quieto, parecendo se ocultar em um mundo próprio. Continuei:

– Escrever faz parte do que eu sou – falei ainda sorrindo. – Faço jornalismo!

Acho que ele me ouviu, pois o ouvi mudar de postura. – O que você escreve?

Tentei fitá-lo pelo retrovisor, mas não podia ficar muito tempo assim fazendo. Pareceu-me que tentou olhar para mim, mas logo desviou, encarando o banco a frente. Daniel interveio:

– São coisas pessoais. Ele não diz a ninguém – disse em meio a pequenos risos.

– Ah... – suspirei desapontada. Adriel encarava o chão, Daniel e Vando começaram a falar sobre futebol e logo, chegamos!

O percurso até ali realmente não fora nada fácil. Passamos por ruas estreitas, asfaltos, pouco asfalto, paralelepípedos, terrenos acidentados... Seria um martírio ir até ali de transporte público e andar 25 quilômetros estava fora de questão. O que eles teriam feito se eu não tivesse ajudado? Chamado um táxi? Talvez não topassem... A vizinhança não aparentava ser má, mas passamos por lugares que poderiam ser perigosos. Aliás, eu teria que voltar por esses lugares e... Sozinha! No entanto, eu não estava pensando nisso quando os deixei.

Prestativa saí do carro a fim de ajudar como eu podia. Sabia que Adriel não conseguia se

sentar ou se levantar sem ajuda. Sorte que o carro tinha quatro portas e sua estrutura era mais alta, comparada a distância do solo, do que os carros comuns de passeio. No entanto, eu nada fiz. Vando descera de modo mais veloz que eu e se pôs a auxiliar Adriel, logo acompanhado por Daniel. Comecei a admirar mais os dois que pareciam fazer tudo com muita disposição, o que muitas vezes não era retribuído por Adriel.

Ao colocarem-no em pé ele os dispensou com os braços, pegou sua mochila e foi em frente, em direção ao sobrado onde vivia e virou-nos as costas.

Daniel chamou-me a atenção, por fim:

– Muito obrigado, Estela – falou sorrindo e me estendendo a mão.

– Sim. Não sabemos o que faríamos se você não tivesse nos auxiliado – Vando, acompanhando a reverência do mais novo, e logo indo até Adriel.

– Não foi nada – disse sorrindo, vexada, e sendo sincera. – Se eu puder ajudar mais, é só me procurar. Agora, acho que devo ir...

– Pegue a *via expressa* – falou Daniel. – É mais demorado, mas é mais movimentado. Agradecemos muito mesmo e desculpe pelo entojado do meu irmão. Ele é assim mesmo e...

– Não se preocupe – apressei-me em dizer. – Vejo vocês na quinta, certo?

– Claro. Até e muito obrigado mesmo – o sempre jovial Daniel.

Acompanhei-os com o olhar e estava indo em direção ao carro quando estaquei. Percebi que Adriel parara também, devia estar se despedindo de Vando, que logo saiu, e Daniel se adiantava para abrir o portão da casa... Foi aí que ele se virou claudicando, lento, e olhou para mim. Não estávamos tão distantes, então pude notar um sibilar "obrigado".

Daniel que estava distraído abrindo o portão, enfim o conseguiu e chamou Adriel, acenou-me em despedida e eu despertei. Adriel se voltou para Daniel, que não aceitou a ajuda do irmão para entrar. Então, eu voltei para o carro...

Acho que eu estava conseguindo progredir e poderia começar o meu artigo. Mas, curiosamente, percebi que dele eu já não me importava muito. O artigo era algo muito pequeno naquele instante... O que estava acontecendo, afinal de contas? Acho que eu teria de admitir que Adriel estava se tornando mais importante para mim do que eu poderia imaginar...

Agora era voltar, devolver o carro de Helena e esperar até quinta! Porém, será que eu conseguiria esperar tanto?

Foi quando de súbito freei e senti meu coração pulsar mais forte. Eu estava tão distraída com as ações de Adriel que não reparei que eu não havia me apresentado... Como Daniel sabia o meu nome?

Adriel, Sempre Adriel

Jadir

Meus dias já foram monótonos e nunca pensei que deles poderia sentir falta...

Eu sou estudante de fisioterapia e estava indo muito bem nas notas, até o último período de estágio chegar... Dei-me bem na área hospitalar, mas ao chegar em certo período da vida me senti paralisar.

Tive problemas pessoais que influenciaram de modo negativo na minha vida profissional. Eu tive um rompimento de relação... Não queria agir de modo tão frágil, porém assim me tem sido. E por que terminou comigo? Sim! Foi ela quem terminou comigo... *Natalie* me despedaçou alegando ter perdido o interesse, minha suposta infantilidade e outros defeitos mais dos quais não me lembro mais. Eu estava destruído!

Tentei lhe ligar, mas nada adiantou... Foi quando eu descobri de sua assiduidade na academia da esquina. Ali perdi meu foco...Pelo menos por algum tempo.

O tempo para mim havia cessado... Não reparei que os dias passavam e eu ficava lá, na academia, procurando-a, observando-a, enquanto ela nem fazia ideia de minha existência. Era impossível que não me visse, mas eu sabia que ela estava me evitando. Havia algo mais ali e eu estava para descobrir.

Infelizmente embora meu tempo tivesse parado, ele correu e muito veloz. Perdi a bateria de estágio e a chance de me formar com a turma... Eu não estava me atentando a tanto, porém, até que um pedido me foi feito e eu não pude negar.

Estava eu investigando a determinação repentina de *Natalie* em se exercitar *aerobicamente*, principalmente na *esteira*, quando alguém interveio, me fazendo sair do devaneio.

– Hey Norberto, precisamos de sua ajuda! – Chamou-me *Natiel* de modo afoito, ainda no ambiente da academia, na ala aeróbica.

– Jadir, por favor... – Respondi em solicitação, sem muito interesse. Não gostava que me chamassem pelo primeiro nome. Lembrava-me de minha mãe irritada ou dos educadores acadêmicos anunciando meu fim.

– Nós precisamos de você cara...

Reparei no semblante dele naquele instante e percebi que ele estava um pouco pálido. *Natiel* possui uma distrofia muscular que tem alterado sua maneira de andar e mais do que isso, por haver músculos por todo o corpo, toda a sua função corpórea é prejudicada gradativamente, desde sua coordenação motora até seus batimentos cardíacos e respiração. Eu já o havia atendido algumas vezes, inclusive, ele e o mais velho, que também possui a doença, foram objetos de meu estudo para o trabalho de conclusão. No *TCC* eu passei, mas nas últimas áreas de estágio... Enfim, eu não podia ignorá-lo. Se até ali ele havia me cercado, é porque algo estava acontecendo e poderia ser grave... Só podia ser *Adriel*, outra vez era *Adriel*.

– O que está havendo? – Perguntei-lhe já atento.

Natiel estava ofegante. Ele não costumava se cansar tão facilmente, ao contrário do irmão. Ele me fez um gesto para segui-lo e assim o fiz. Chegamos ao setor de piscinas e reparei que havia um pequeno aglomerado de pessoas em volta de algo. Logo me toquei. *Adriel*, outra crise respiratória de *Adriel*.

– Com licença, pessoal – disse, afastando as pessoas e me aproximando do dito-cujo. Encontrei *Adriel* amparado por Daniel, o irmão “saudável”, que o deixara sentado na borda da piscina com o rosto baixo e os joelhos estendidos. Aproximei-me, toquei-lhe o ombro e o olhei de frente, procurando por reação dele. – Você está me ouvindo *Adriel*?

Com algum esforço ele levantou o semblante, procurando me focar. Ele estava consciente, mas estava com taquipnéia e pela pulsação, taquicardia.

– O que aconteceu? – Perguntei aleatório. *Adriel* não me responderia naquele momento... Daniel respondeu:

– Ele estava realizando bem as tarefas até o momento de sair da piscina – falou com um semblante aflito. – Por sorte as pessoas ajudaram, se não ele teria desmaiado na água!

Olhei para Daniel e voltei a focar *Adriel*. Não devia ser nada fácil ter de lidar com tantas tarefas, praticamente sozinho...

– Respire pelo nariz e devagar – disse de modo firme para *Adriel*. Virei para os mais próximos e continuei: – Preciso de um apoio para a cabeça e uma cunha para os membros inferiores.

Logo me trouxeram um flutuador cervical e uma cunha em forma triangular. Pedi para Daniel deitar o irmão, com a cabeça no flutuador e coloquei a cunha, elevando os membros

inferiores do mais velho, fazendo com que a circulação pudesse se estabilizar, sem haver esforço físico.

Não era a primeira vez que Adriel passava mal em meio a atividade, eu já havia visto. Muito provavelmente devido a isso Natiel tenha me chamado. No entanto, uma coisa eu notara: se até os irmãos haviam me visto por lá, obviamente Natalie também me notara. *Natalie...* Muito provavelmente ela já havia finalizado suas tarefas ali. Teria que adiar meus planos, tudo por conta de *Adriel*, sempre o Adriel.

INVESTIGANDO O BOMBADO

Jadir

Não me levem a mal! Gosto muito de Adriel e os irmãos, mas meu foco estava em outro lugar e eu não podia evitar. Isso podia ser interpretado como uma ironia do destino, visto que no tempo em que eu estava com Natalie, eu me concentrava mais nos estudos. Por certo eu descuidei de minha relação, mas eu ainda não estava convencido.

No dia seguinte ao ocorrido na piscina, no mesmo horário em que Natalie costumava estar na academia, estava eu, a poucos metros dela. Observei um instrutor se aproximar, o que fez com que Natalie diminuísse o ritmo na esteira e falasse com o mesmo enquanto continuava em atividade. Aquele instrutor não costumava estar por ali. Embora tivesse o perfil *bombado*, daqueles que possuem força muscular de braços suficientes para segurar um motor de carro com apenas um deles, mas que sentem dificuldades para pentear o cabelo – devido a amplitude de movimento de ombro necessária para a tarefa; ele não havia estado naquele setor da academia nos dias e horários em que eu estava. Ainda mais, o tempo poderia ter me paralisado, mas como já mencionei, ele estava veloz. Não sei precisar ao certo, mas eu já frequentava aquele lugar há pelo menos seis meses. Uau! Meio ano em que eu passei me concentrando *nela*...

Não dava para ouvir o que falavam de onde eu estava. As constantes vibrações dos aparelhos eram ensurdecedoras. Mas, percebi que conversaram durante um bom tempo e... Ele colocou a mão no ombro dela! Por que aquilo? Parei o movimento da ergométrica no mesmo instante e, como ela era automática, quase despenquei; porém, pouco me incomodei com esse fato. Queria saber mais a respeito do ocorrido.

O instrutor saiu deixando Natalie voltar a atividade na velocidade em que costumava trabalhar na esteira. Eu o segui, tropeçando um pouco devido ao excesso de pedaladas automáticas na ergométrica. Havia muita gente na academia naquele dia e eu quase o perdi de vista, mas observei que ele seguia para o setor das piscinas. Decidi ir até a recepção e encontrar a sempre amistosa *Helena*, não sei por que – e confesso nem me importar por agora, mas essa Helena parece se incomodar com o mundo e os que nele habitam.

Apressei o passo, sentindo que minha circulação sanguínea retornava a sua normalidade, e a interceptei:

– Boa tarde – sorri afavelmente a fim de convencê-la. Ela me encarou com um meio sorriso. Desejei-me força e prossegui: – Eu gostaria de fazer aulas de natação com um professor que... não sei bem o nome dele, mas ele estava no setor de musculação e equipamentos aeróbicos agora. Ele é todo bombado, deve ter uns 1,85 de altura, loiro e...

– Sim, eu sei quem é – respondeu cortando-me. – Haverá uma nova turma as terças e quintas, se quiser se inscrever, ainda temos vagas.

Fiquei aliviado! Ela não me perguntou sobre meu interesse em ter aulas com aquele instrutor em específico. Helena gostava de vender o produto e parecia não se importar com a forma ou a causa pessoal de cada *vítima*... quero dizer, interessado.

– Aqui está a taxa de matrícula e a lista de material – disse-me estendendo uma folha sulfite A5.

Paguei a taxa e a aquisição do material. Ela se pôs a datilografar as alterações do boleto bancário dos meus dados e em pouco tempo recebi a atualização em meu e-mail, percebido graças ao *smartphone*. O que é a tecnologia?...

– Aguardo-te semana que vem – disse com um sorriso breve enquanto me entregava o material pedido e um cartão com os dias, horários e outros dados.

Guardei rapidamente o cartão dentro do bolso da malha que eu usava e peguei o material deposto em uma mochila de plástico. Eu estava tão concentrado em me aproximar daquele sujeito e continuar minha árdua e lenta investigação que não me atentei aos dados que Helena colocara naquele cartão de aulas. Talvez, se o tivesse feito, teria conseguido evitar a tragédia que viria mais tarde...

Os dias se passaram e eu já estava fazendo a mesma bateria de estágio outra vez – *dermato funcional*. E o pessoal achava incrível que eu estava refazendo a área considerada mais *relax*. No entanto, era disso mesmo que eu precisava só que eu não tinha.

Por fora todos achavam que eu era um comico, que era um sátiro que não levava a vida a sério. Quanto a mim eu agradecia por assim pensarem. Eu não sou o tipo de pessoa que demonstra o que realmente sente e me sinto protegido por isso.

Seria a primeira aula com aquele instrutor. Procurei meu cartão de horário, mas não o encontrei. Provavelmente eu tinha esquecido no bolso da calça e que a máquina de lavar já dera fim a ele. No entanto, era irrelevante – eu podia frequentar as aulas sem aquele cartão-lembrete,

pois havia um lembrete muito mais vívido para mim. Natalie não estava ali ainda, então, eu podia manter toda a minha atenção naquele instrutor.

Eu sei que essa minha atitude em 99,99% não me levaria a nada de bom, mas eu sinto em mim que preciso prosseguir. Há tempos que não penso em mais nada. Também sei que posso estar me desviando do que realmente quero, que aquele professor de natação nada tem a ver com a Natalie e eu, mas algo me faz atentar a ele e foi assim que passei a agir. Eu tentava analisar o caráter dele pelo tom de voz, modo de se comportar com os alunos, modo como caminhava, piscava, movia as sobrancelhas, se trajava, se penteava... Eu estava ficando louco!

Interrompi meus pensamentos ao ouvir os comentários de duas garotas a respeito. Quais eram os nomes delas?

– Eu ouvi falar que ele é gay – disse por cima do ombro delas sorrindo, me referindo ao instrutor, uma delas virou e sorriu também. Lembrei-me da apresentação, seu nome é Estela. Quem sabe eu poderia conseguir aliados? Ah, até parece... Longe de mim esse tipo de pensamento! Ninguém, jamais, poderá saber de minha investigação *amorosa*. Por certo me internariam se soubessem...

MEU INVERNO

Estela

Estava frio, mas isso não me importava muito... Claro que, frequentar uma piscina sem aquecimento poderia ser incômodo, mas me era irrelevante no momento. Havia algo naquele momento que me aquecia mais do que qualquer astro.

– Eu sentia que tropeçava, mas não no sentido próprio da palavra

Minha mente confirmava – in sonho – assim minha alma lavra...

Engasguei e me virei de modo abrupto.

Eu estava na cafeteria da academia, em um dia não destinado para o meu exercitar. As atividades ali retornaram, os alunos voltaram, embora na minha turma ainda imperavam as ausências. Ainda assim, Jadir retornara, assim como Victória, mas nada do professor gato e de Mikaela e Emerson. Tentava me concentrar, quase que a força, em procurar saber sobre suas ausências, mas fui interrompida. Enquanto bebericava um café com leite e creme, ouvi a distinguível voz e estava próxima.

Adriel estava a poucas mesas de proximidade, e estava só. Muito provavelmente aguardava algum dos irmãos. Ele estava lendo em voz alta ao invés de apenas escrever. Era a primeira vez que eu o via fazer aquilo...

Olhei ao redor e não podia compreender como ninguém mais notara. Eu havia ouvido nitidamente, embora Adriel já voltara a escrita. Então era isso! O que tanto escrevia eram... Poesias!

Nunca me interessei tanto por essa parte literária. Não me levem a mal... Amo ler, mas poesias costumam me deixar sonolenta. No entanto, aquela era diferente. Eu despertara completamente, de modo literal, e voltara meu foco. Pensei em me aproximar, mas Vando aparecera e levava Adriel consigo mais rapidamente do que eu levava para piscar. O que estava acontecendo comigo afinal?

Voltei a tarefa da bebida. Não iria atrás de Adriel naquele dia... Eu precisava de um tempo. Estava tão absorta, porém, que nem reparei que alguém se aproximara e estalara os dedos, tentando me chamar a atenção.

– Hey! Acooorda – era Jadir, sentado à minha frente. É claro que ele estava por ali. Apoiei a xícara na mesa e perguntei, não contendo o ânimo:

– O que é?

Jadir franziu as sobrancelhas, mas logo perguntou:

– Por que anda tão distraída?

– Estou me concentrando nas provas – menti. – Alguns de nós estudam.

Ele sentiu a alfinetada e abriu um meio sorriso. Eu podia não saber muito da vida dos da minha volta, mas sabia que ele estava estudando a mais tempo do que os demais de sua turma, os boatos corriam e eu ficava atenta a eles. Pelo menos, assim costumava ser... Abaixei a expressão.

– Está acontecendo algo, Estela? Parece abatida...

Olhei para Jadir e ele realmente parecia preocupado. Eu ainda não sabia do motivo de sua ausência nem das dos demais nos dias anteriores, na verdade, nem me interessava mais saber... Ainda assim me senti comovida pela preocupação. Ao contrário de mim, ele parecia se importar... Pude sentir uma lágrima querendo descer por minha face. Que ridículo! Virei o rosto e segurei aquele momento emotivo...

– É... Acho que você não está muito para papo hoje – falou, percebendo minha falta de diálogo. – Irá para a aula amanhã?

Olhei para ele mais segura de mim e de modo firme respondi:

– É claro! ... E você?

– Nos veremos amanhã então... – Jadir se apressou em sair, pegando um biscoito que estava no meu prato. O que ele estava querendo? Ah, isso também não me importava... Somente algo, naquele momento, me importava. Bem, não algo em específico, mas sim... alguém!

Era terrível! Eu estava a horas de frente ao computador e... nada. Eu não conseguia escrever nada! Pensei que, após tanto descobrir, meus dedos deslizariam facilmente pelo teclado e que teria a matéria da minha vida, mas, não havia nada.

Debrucei-me sob o teclado, exausta e assim fiquei. ... Não sei quanto tempo se passou, mas ouvi minha tia me chamando.

– O que foi? – Acordei atordoada. Os óculos que, outrora estavam na minha face – eu só os

usava quando estava com o computador e em casa, precisaram ser ajustados rapidamente.

– Ligação para você – falou, se aproximando do quarto.

O telefone *wireless* tinha alcance aonde eu estava. Levantei-me e encontrei minha tia na porta o segurando.

– E arrume esse cabelo – falou logo se retirando. Desde quando eu precisava me arrumar para atender ao telefone?

– Alô? – Atendi meio sonolenta.

– *Pode me encontrar agora Estela?*

Uh, que inquisidor.

– Posso saber quem é?

– *Ah claro, desculpe... Sou eu, o Daniel, irmão do Adriel que está fazendo aula na sua turma.*

Tive um sobressalto. O que o *irmão* queria comigo? Meu coração acelerou...

– Onde?

– *Na academia...*

DISPARANDO O ALARME

Senti a apreensão no ar. Algo me dizia que eu deveria me apressar. Apenas ajeitei rapidamente o cabelo e saí. Mal pude ouvir os gritos da minha tia, em minha nuca, questionadores, eu precisava correr e foi o que eu fiz... No entanto...

Cheguei a academia quase que brigando com o vento. Eu estava com uma blusa leve e uma calça leggings surradas, mas não me importava e o frio não me amedrontava.

Nem cumprimentei Helena, fui procurar Daniel. Ele não estava no café, nem na sala de musculação – que voltara a funcionar, nem na ala de piscinas, nem na sala de Yoga, Pilates... Onde ele havia se metido? Voltei para Helena e lhe questionei:

– Onde está Daniel? – Naquele momento nem os bons modos me acompanhavam.

Helena olhou para mim com estranheza, decidi me especificar então, afinal, deveria haver muitos com o mesmo nome ali.

– Daniel, o irmão do Adriel, ele marcou de me encontrar aqui. Onde ele está? – Olhei-a de modo suplicante.

Helena aliviou a expressão, pareceu até contente por um breve momento, e me respondeu, sem me fitar:

– Ele não está aqui – suspirou.

– Como assim não está? – Questionei quase aos berros. – Eu disse que ele marcou aqui comigo!

– Mas, ele não está – repetiu, me fitando, e logo voltando para a análise metódica da própria unha. – Faz tempo que eles foram embora, faz umas três ou quatro horas, mas quem está contando?

Deixei-a falando sozinha e me afastei desorientada. Será que eu havia imaginado aquela ligação? Não, não... Minha tia era testemunha de que Daniel me ligara. Mas, por que ele não estava ali? Será que ainda iria chegar? Não, também não acreditei nessa versão. Segundo a pressa com que me falara, ele deveria já estar ali. Ainda assim, decidi esperar por alguns instantes... 10 minutos, 20, 30, 60, 90 minutos se passaram e nada! Aquilo não era possível. Algo havia acontecido, só podia ser isso.

Ah, e eu daria uma perna inteira para que essa minha suspeita fosse apenas mera imaginação...

Todos os dados dos participantes da academia ficavam processados em uma ficha pertencente a um programa no computador que ficava na recepção. Helena não ficaria ali o dia inteiro então, enquanto eu ainda aguardava por qualquer vestígio do irmão de Adriel, não desviei meus sentidos por completo daquela instrutora mal-humorada. Por certo ela não ficaria ali para sempre, e eu tinha que aproveitar qualquer descuido que ela pudesse ter.

Helena levantou e saiu, sem nem me dar atenção, enquanto eu ainda estava ali, sentada na recepção. O ambiente estava mais abarrotado do que nunca, pessoas entravam e saíam o tempo todo, mas nem sempre queriam papear com tão amável pessoa que ali imperava.

Em meio a tantos transeuntes eu me senti segura em me dirigir, firme, até a mesa de recepção e visualizar o computador. Para a minha sorte, minha *amiga querida* deixara a tela desbloqueada, mas, para o meu azar isso só podia significar que ela logo retornaria. Eu precisava ser breve. Havia vários ícones ativos, um deles deveria ser o documento que dava acesso as fichas das pessoas... Logo encontrei o que procurava. Vibrei em meu canto, ainda mantendo os sentidos aguçados quanto a qualquer suspeita e a proximidade de Helena ou outro funcionário. Em meio a tantas pessoas, ninguém reparava em mais uma que analisava um computador por trás de uma mesa de canto...

Uma caixa de diálogo abriu e me revelou: “Nome para busca”, eu estava muito perto de conseguir o que eu queria, o problema era... Qual era o nome completo do Adriel? Enfim, digitei apenas o primeiro nome, afinal, não era um nome tão comum, e para a minha sorte a busca foi feita. Anotei o que pude, pegando uma folha de rascunho e caneta na mesa, e saí apressada. Meu plano havia dado certo!

Eu já os havia levado em casa, mas estávamos na penumbra; como agora, aliás, e eu estava absorta na conversação, sendo guiada pelos passageiros. Então, anotei o endereço e telefone que estavam na lista.

Já estava me dirigindo para o endereço em questão, de ônibus, quando me deparei com algo alarmante que me fez saltar o coração. Eu havia saído do jeito que estava da casa de minha tia e os óculos estavam incluídos nesse feito. Pois bem, ao conferir minha face por um dos retrovisores do ônibus reparei, somente naquele instante, que meus óculos não estavam mais

comigo e só podiam ter ficado em um lugar: na mesa de Helena.

Era tarde para voltar e, embora o susto inicial, eu poderia inventar qualquer desculpa depois, afinal, ainda que os óculos estivessem sob o teclado, nada poderia me incriminar. Eu havia desfeito minha busca antes de sair e deixado o monitor como eu havia encontrado... Agora, eu estava concentrada, precisava saber o que acontecia. O problema era que o ônibus levaria quarenta minutos para fazer o percurso pretendido, isso foi o que o motorista me disse, e eu estava sem o celular. Na pressa, o esqueci... Se eu o tivesse em mãos, talvez pudesse ter tido conhecimento de muitas coisas das quais eu nem imaginava que estavam acontecendo naquele exato instante.

SERIA MINHA VEZ?

Daniel

Nos últimos tempos tudo estava estranho... Embora a minha rotina fosse a mesma desde... *sempre*, sair de casa já não era como outrora. Eu não entendia bem a causa dessa mudança toda. Tudo estava igual, mas... Acho que o problema estava em mim.

Eu, com 18 anos, esperei tanto por essa idade que pareceu chegar a passos de tartaruga, no entanto ao alcança-la, percebi que não sabia bem o que teria de fazer e a responsabilidade que abraçaria.

Minha mãe costumava acompanhar meus irmãos ao tratamento de fisioterapia; que era mais frequente, consultas médicas e as atividades de piscina. Muitas vezes eu também os acompanhava, via e ajudava em tudo o que precisavam. Mas, após os 18 completos, ela me outorgou *toda* a responsabilidade. Ela deixou de acompanhar a quase tudo que se referia aos meus irmãos e passou a sair de casa com mais frequência, nos deixando a mercê uns dos outros.

Eu não estou reclamando de minha sorte, nem teria porquê. Eu não tinha o que meus irmãos tinham e por isso fui criado pensando mesmo que era minha obrigação para com eles auxiliar e o fazia de bom grado. Porém, algo em mim mudou...

Tudo começou quando Adriel, meu irmão mais velho, mudou de turma de piscina e precisei reajustar os horários, alterá-los no transporte da prefeitura e convencê-lo dessa mudança... Ah, como eu penava com esse meu irmão turrão.

– Eu não quero mais voltar àquele lugar – dizia Adriel emburrado, como sempre. – Eles não têm preparo algum.

Decidi chamar ajuda para convencê-lo disso e foi em um dia de fisioterapia. Sabia que alguns dos estagiários frequentavam a academia do centro, então conversei com eles até que um topou ajudar...

– Dando trabalho outra vez? – Zombou Jadir, um estagiário que já conhecia bem a figura de meu irmão. – Pode deixar que eu o convencerei.

Jadir fez gestos manuais como para representar um personagem macabro, que tinha uma ideia maligna pronto para executá-la. Ele o *torturaria*, isso me pareceu bom e eu sorri...

Adriel não costumava dar ouvidos a muitos, somente a supervisora fisioterapeuta da ala em que ele compartilhava com nosso irmão do meio, Natiel, que também possui a doença, e ao Jadir, o estagiário que nos conhecia bem, pois já fazia um tempo considerável que ele os tratava.

Eu fiquei tranquilo e estava certo. Adriel saiu da sessão de *tortura da massagem* convencido a voltar a academia, em horários e dias que poderia ter o auxílio do estagiário que lhe era quase como um *carrasco*.

Mal sabia que minha vida mudaria após iniciar aquelas aulas de piscina...

Enquanto *Natiel* saía com amigos e tentava manter alguma vida fora daquela maratona de tratamento, pedi ajuda de Vando, nosso vizinho, e acompanhamos Adriel até as aulas. Minha presença era obrigatória em tudo que meu irmão fazia... Infelizmente ele estava em um período de risco e já havia tido alguns "surtos" nos últimos tempos que foram mais frequentes do que em épocas mais antigas.

Apesar de tanto, eu não costumava estar sempre com meus irmãos no tratamento, então ao ajudá-lo a entrar no ambiente aquático eu me retirava e fazia alguma aula ou mesmo musculação. Porém, com a ida de Vando, não poderia fazer muito, já que ele não estava inscrito na academia.

Conversávamos sobre motos, garotas, futebol – qualquer assunto que pudesse nos desviar de problemas até dar o horário de retirar Adriel.

Aproximamo-nos pouco antes da aula acabar naquele primeiro dia. Foi quando a vi e o meu mundo mudou. Sim, meu chão deixou de existir, meu coração eu ouvia nitidamente e estaquei por um tempo maior do que pretendia, até Vando me gritar por ajuda. Eu nunca me sentira assim...

Não pude ficar muito tempo, pois nosso transporte nos aguardava. Fomos com Adriel e o interpelei a respeito da aula:

– E aí? Como foi esse primeiro dia?

Adriel estava como sempre, focado em ser rabugento, e assim me respondeu:

– Perda de tempo...

Abafei o riso, ele havia gostado da aula eu sabia. Caso contrário ele teria feito um discurso. Enfim, fui logo ao que me interessava:

– E os seus colegas de piscina? Já conhece todos? Os nomes?

Meu irmão podia ser o que fosse, ter debilidade no que fosse, mas ele tinha uma excelente

memória e percepção. Ele *fingia* não prestar atenção, mas a tudo ele ouvia e sabia do que acontecia ao seu redor e, mais para meu azar do que sorte, ele pareceu se tocar do que eu falava...

– Esqueça *Bruaco*. Ela nunca se interessaria por você... – Falou me fitando e sorrindo de modo sarcástico. Eu o detestava!

Alguns dias se passaram e eu pude descobrir o que queria. Jadir era muito mais receptivo do que aquele carrancudo do meu irmão mais velho, mas eu não tinha coragem de tomar o primeiro passo, então liguei.

– Na academia... Encontre-me lá em meia hora, por favor – disse eu ao telefone de modo suplicante e afoito. Estela iria me encontrar, mas mal sabia eu que eu teria que adiar esse encontro e talvez, esquecê-lo.

– Daniel venha rápido – ouvi Natiel aos gritos. Estávamos em casa e quando *Tôca* falava daquele jeito, naquele ritmo, entonação, respiração entrecortada, amedrontado, enfim... Isso significava que Adriel não estava bem. E se foi outro “surto” eu sabia o que significaria. Eu precisava esquecer tudo o que eu queria para mim naqueles próximos tempos. Precisava chamar meus pais. O coração de meu irmão mais velho estava parando...

MINHA INSENSATEZ

Estela

A viagem pareceu levar anos-luz, mas enfim alcancei meu destino. A noite já avançara e as nuvens ocultavam o brilho dos astros celestes. Vez ou outra descobriam a singela lua que, em seu estado minguante, lutava para trazer um pouco de luz, mas estava fracassando... O breu invadira o território no qual eu estava, mas por sorte minha eu já havia estado ali em uma noite quase tão escura quanto.

Por sorte o ônibus me deixara muito próximo do endereço e me apressei. Com tanta impaciência e correria, eu começava a suar, mas o suor era frio. Eu queria acreditar que eu estava daquele jeito devido ao meu estado catatônico, mas meu pressentimento era o pior...

Cheguei ao portão e chamei, toquei a campainha, berrei, mas nada... Não havia ninguém ali! Mas, para onde poderiam ter ido?

Eu não sabia o que fazer. Havia me distanciado da casa de minha tia e dos arredores do que eu conhecia para poder estar ali, uma atitude impensada, eu sei. O melhor seria ter voltado para casa e ligado para Daniel. Eu havia perdido meu tempo e ainda não continha a preocupação. Afinal, o que estava acontecendo comigo?

Sentei-me na calçada, em frente à casa dos *irmãos*, e levei minhas mãos ao rosto, quase em desespero... Não adiantava ficar me questionando a respeito de minhas atitudes insensatas dos últimos dias. Eu sabia o que estava acontecendo comigo, só estava difícil de admitir.

Eu estava apaixonada de verdade pela primeira vez na minha vida.

Não sei por quanto tempo fiquei ali na calçada, quando senti uma mão em meu ombro e uma voz familiar. Senti-me como em um dos momentos mais reconfortantes da minha vida.

– Estela é você? – Perguntou-me Vando, o vizinho. Eu não conseguia distingui-lo totalmente, mas pelo tom de voz ele estava realmente surpreso por me ver ali. – Eu vinha me aproximando e quase não acreditei. O que faz aqui?

– Não há ninguém na casa – falei apontando para ela, com o dedo indicador trêmulo. – O

que houve?

Vando abaixou a cabeça, eu pude ver. Seu silêncio me pareceu quase que mortal. Aquilo tudo só podia indicar que...

– Adriel sofreu um ataque do coração e tiveram que o levar às pressas...

O forte vento que embaralhava meus cabelos não foi forte o suficiente para me fazer não ouvir o que Vando havia dito em tom quase de sussurro. Senti-me febril e, por um instante, achei que iria desfalecer. Gotas de chuva começaram a invadir minha face... Ou seriam lágrimas? Minhas lágrimas...

– Você não deveria sair tão mal agasalhada assim menina. Não percebe que poderia ficar muito doente?

Fiz um gesto, sem graça, de concordância, enquanto a mãe de Vando me recebia em sua casa. Eu estava tão distraída que pouco notei que o *vizinho* havia me convidado para ir até a casa dele para me proteger do breve temporal.

– Já não parece estar bem... Vou fazer um chá de gengibre. Sente-se logo minha filha! – A dona... não sei o nome... falou-me de um modo bem afoito. Assim que ela se retirou, sentei em uma das cadeiras e questionei Vando:

– Como foi?

Embora a pausa no assunto, Vando sabia do que eu falava.

– Foi de repente. Ele estava no banho e se sentiu mal. Natiel e eu o vimos quase desfalecido.

– Para onde foram, Vando? – Eu estava sentindo minha face arder, enquanto falava de modo firme, quase que desesperado.

Para meu infortúnio, a mãe de Vando voltara com um chá e interrompera a conversa.

– Tome enquanto está bem quente – adiantou-me. – O que você veio fazer aqui criança?

– Ela veio visitar os *irmãos* mãe – falou Vando, em minha vez, enquanto eu forçava o chá goela abaixo. Senti, por meio daquele ato, que minha garganta estava um pouco obstruída.

– Ah, pobres meninos... – falou a mãe em lamentos, enquanto se sentava em uma cadeira ao meu lado direito. – O sofrimento deles parece não acabar nunca.

Engasguei e tossei, quase que regurgitando tudo o que eu havia ingerido.

– Oh cuidado, tome devagar – preocupou-se a senhora, enquanto me oferecia uma toalha de pano.

– O que a senhora quer dizer? – Perguntei em meio aos engasgos e em sufocos.

– Ah minha filha... – falou enquanto passava um outro pano na mesa, próximo de mim. – Esses meninos passam por muitos problemas. O afastamento do pai, o assanhamento da mãe e agora o pobre Adriel... – interrompeu-se suspirando.

– O que tem ele? – Incentivei-a, já mais segura vocalmente.

– Pode ser algo ruim o que eu venha a dizer, mas, não dá para ter certeza se ele voltará com vida... Talvez fosse melhor que não. Ele sofre por demais...

– Não diga isso, coroa – enuviou Vando!

– Não. Não pode ser assim – alterei-me sem pensar e me levantei. – Não será assim!

Direcionei-me para a saída, sem me importar com meus modos rudes. Vando, no entanto, me alcançou e se expressou:

– Desculpe a minha mãe, você não sabe tudo o que se passou...

Interrompi suas desculpas de forma irritada:

– Ainda assim, eu...

– Ele está no hospital central, há quatro quadras daqui – Interrompeu-me, diminuindo o tom de voz. – Ele ficará bem.

– Eu sei que ficará – falei firme e observei a mãe dele que ainda estava sentada na cadeira, fitando a parede da frente, de modo triste.

Balancei a cabeça em agradecimento ao Vando e me retirei. Eu já estava ali e iria prosseguir. Minha cabeça há muito já não me guiava... era a vez do coração!

NO HOSPITAL – PRIMEIRA PARTE

Eu havia perdido a noção do tempo, sabia apenas que era noite pois o céu assim denunciava. A outrora quase tempestade virara uma garoa fina, permitindo meu percorrer pelas ruas daquele bairro de maneira mais facilitada. No entanto, eu mal a reparei. Eu não sentia mais frio, apenas uma angústia muito forte dentro de mim. Se eu pudesse, eu me ajoelharia ali mesmo nas calçadas e gritaria com todas as minhas forças, mas eu não o faria. Eu tinha uma ânsia maior.

Passei por algumas estradas alagadas e levei muito mais tempo para chegar ao meu destino do que imaginava. Vando me dera uma ideia do endereço do lugar e, não sei bem como, fui sendo guiada para lá sem grandes problemas.

Eu não reparava no que estava a minha volta, olhava apenas a minha frente em busca de minha premiação. Ainda assim, eu ouvia de modo longínquo buzinas de automóveis, sirenes, pessoas farfalhando. O trânsito estava ruim, não apenas pelo horário, mas pela torrente de mais cedo. Isso, obviamente, não me importava ou desanuviava. Eu estava a pé e firme.

Andando o mais rápido possível, não me sentia exausta, mas tinha dificuldades em me locomover depressa por entre terrenos acidentados e alagados. Ainda assim, enfim, logo cheguei ao porto do meu desespero.

Apressei-me para entrar no hospital. A luz que emanava de seus corredores quase me cegou por alguns instantes, levando em consideração a luz precária das ruas e o breu da noite. Apertei minhas pálpebras e forcei minhas pupilas a fim de enxergar alguém da recepção.

Aproximei-me cambaleante e estava disposta a perguntar, porém algo de anormal me aconteceu... Minha voz não saía. A profissional, que estava na recepção, me fitava curiosa e eu pressionava minha garganta – ela estava obstruída. Percebi que a moça que tentava me atender se comunicava comigo, mas eu não conseguia distinguir-lhe. O som estava distante, muito distante... Reparei que ela me fitava preocupada e então percebi que estava em farrapos. A chuva deve ter sido bem mais intensa do que me pareceu.

Eu me sentia sufocar e tentei gesticular de forma desesperada para a moça, foi quando eu deixei de sentir minhas pernas e tudo escureceu... Seria o meu fim?

Tomei consciência ao sentir que algo havia acertado minha cabeça... Parecia... Uma bolinha de papel!?

Abri os olhos lentamente e a luz me inoculou. Levei alguns minutos para perceber que estava em um hospital. Mas o que eu estava fazendo ali?

Em meu braço estava um acesso que, na certa, estava recebendo soro e algum medicamento qualquer.

Olhei a minha frente, minha vista opaca aos poucos foi se adaptando e identificando o ser que ali estava.

– Jadir?! – Questionei, surpresa, quase em sussurro. Minha voz não saía ao todo.

– Que susto você deu na sua tia, hein? – Ele me olhava com desaprovação debochada.

– Mas o quê...? – Interrompi meu próprio questionamento e me lembrei. Como pude esquecer? Mesmo que por poucos segundos? – Adriel! Como está o Adriel? – Interpelei-o no tom mais alto que consegui.

Jadir pareceu me estudar por alguns instantes de modo sisudo e nada respondeu.

– E então? – Insisti impaciente.

O *sem vergonha* suspirou e falou, enquanto se levantava da poltrona em que estava:

– Eu preciso ir. Sua tia já está voltando...

– Espera! – Esforcei-me, sentando sobre a cama e sentindo uma vertigem imediata. Levei uma das mãos para amparar minha cabeça, que muito pesava, para conseguir fitá-lo de modo suplicante.

Jadir olhou apiedado para mim e, antes de sair e encostar a porta, falou cabisbaixo:

– Não sei quanto tempo ele vai durar...

Eu não podia acreditar! O que ele estava querendo dizer com aquilo? Era tudo tão grave assim?

De ímpeto retirei meu acesso e coloquei minhas pernas para fora da cama. Senti a tontura avançar e abaixei a cabeça por alguns instantes. Eu trajava uma camisola de hospital e estava sem calçado. Minha bolsa estava ali do lado. Também havia mais dois leitos ali, mas estavam vazios. Isso me era bem oportuno.

Desvencilhei-me da cama, tentando acostumar-me com o ambiente e quando estava quase avançando...

– O que você está fazendo Estela? – Minha tia apareceu assustada. O que ela estava fazendo ali?

– Você não pode sair daqui – continuou bronqueando e me amparando. – Vou ter que chamar a enfermeira novamente...

Eu nada disse. Para minha infelicidade, ela não saiu do quarto para chamar suporte, apenas apertou a campainha e me retornou para a cama.

– O que você estava pensando? Sair assim, tão doente? – Continuou a bronca.

E agora? Como saberia de Adriel?

– Eu estou bem, tia... – Falei em sussurro, ainda pela garganta.

– Não, não está! Podia ter contraído uma pneumonia, sabia?

Abstraí suas broncas e me pus a pensar... Como eu poderia saber de Adriel? Melhor ainda: como eu o veria?

NO HOSPITAL – SEGUNDA PARTE

Eu não conseguia conter minha agitação e, para meu infortúnio, senti o torpor da sedação. As vozes se distanciavam cada vez mais, mas ainda pude ouvir a enfermeira dizendo que meus batimentos cardíacos estavam muito rápidos e minha pressão arterial elevada. Eu estava com injeção adrenalínica, ela disse.

Eu não estava mais conseguindo distinguir som e a visão estava cada vez mais turva... E agora? Como farei para ver Adriel?

~~~~~

*Estava claro... eu conseguia sentir a estação.*

*Abri lentamente os olhos. Tudo estava laranja, o cheiro das frutas era nítido e eu podia sentir a suave brisa do fim de tarde em meu rosto. Era outono, minha estação favorita!*

*Sorri, ri, gargalhei feito a criança que eu era. Sim! Eu era criança novamente! Eu estava sentada em um gramado repleto de folhas silvestres. Eu gostava de senti-las deslizando por minhas pequenas mãos, conforme a dança do vento. Era tão bom viver, tão bom sentir a liberdade vivaz.*

*Mas algo estava errado. Não havia liberdade! Tentei me impulsionar para percorrer o lugar, mas não consegui. Queria me levantar, mas não pude. Minha visão alcançava horizontes, mas meu corpo não permitia minha movida. O que estava acontecendo?*

*– Estela! Estela!!!*

*Ouvi me chamarem! ... Quem me chama? Oh não! Eu também não conseguia falar...*

*– Venha Estela! Eu estou te esperando.*

*Ouvi novamente, mas não vi ninguém. Aflita, percorria com os olhos todo o campo ao meu redor. Quem está a me chamar?*

*Fechei bem os olhos, ainda sem conseguir me mover e me concentrei naquela voz. Eu não conseguia distingui-la, mas, por um instante, só conseguia ouvi-la. Com os olhos cerrados eu não podia identificar nada mais. Não havia mais laranja, folhas, cheiro, vento, somente aquela voz.*

*– Hey Estela! Venha!*

*Tentei localizar meus batimentos cardíacos, mas não o consegui. Eu havia morrido?*

*Foquei-me na voz que estava me chamando. Com todas as minhas forças me forcei a identifica-la. Quem estava a me chamar?*

*– Abra os olhos Estela!*

*A voz me falou e eu prontamente obedeci. Ele estava ali!*

*– Você demorou muito para chegar.*

*Ele estava sorrindo...*

*– Vamos! Levante-se! Temos muito para explorar.*

*Ele me estendeu uma de suas mãos e eu a peguei. Prontamente me levantei! Senti que meus artelhos formigavam e, ainda aturdida, fitei o garoto que ainda mantinha sua mão na minha e sorria para mim.*

*– Eu estava te esperando para poder ir.*

*– Ir aonde? – No mesmo instante levei a mão livre para minha garganta. Minha voz saíra pela primeira vez e harmoniosamente como nunca.*

*Ele, sem tirar os olhos de mim e o sorriso, apontou para frente. Devagar virei meu pescoço para que minha visão pudesse acompanhar. Ele apontava para o zênite. Apontava para onde o sol estava a se deitar... Senti meu coração palpitar. Meu coração pulsava cada vez mais alto, mais forte... Era Adriel!*

~~~~~

Estava tudo escuro. Onde eu estava? Logo minha visão se acostumou com as poucas luzes providas de um corredor e eu me lembrei. Eu estava no hospital. Havia me dado algum medicamento que me fizera adormecer, mas não por muito tempo. Por certo, nada seria capaz de me manter em outro estado do que aquele que eu havia escolhido estar.

Ainda era noite e minha tia estava na poltrona ao meu lado, adormecida.

Eu me sentia bem... Na verdade, há tempos não me sentia tão disposta. Era a hora perfeita para sair daquele leito.

Retirei meu acesso com cuidado. A rusga de mais cedo me deixara com um hematoma próximo a articulação do cotovelo. Não que eu me importasse, mas eu não queria me arriscar a ficar mais tempo dopada e dolorida em um mesmo lugar.

Havia um armário de frente ao meu leito. Tentei a sorte e ela sorriu para mim. Ao abrir o armário encontrei algumas roupas que minha tia, por certo, havia me levado. Não daria para usar as roupas que eu trajava ao chegar ali, nem era confortável andar com a camisola do hospital. Troquei-me, o mais rápido que pude, no maior silêncio possível.

Após o feito, vasculhei o armário e sorri ao avistar meu celular. No entanto, ao pegá-lo, não percebi que um pente estava próximo a ele e o objeto capilar caiu ao chão fazendo um barulho que, com certeza, se tornara bem mais alto devido ao meu excesso de cuidados silenciosos. De súbito olhei para minha tia... Ufa! Ela ainda dormia e começava a roncar.

Levantei-me decidida e fui em direção a porta entreaberta que dava acesso aos corredores. Eu estava pronta para alcançar o meu destino!

SINAIS ANSIOSOS

Era noite, poucos profissionais percorriam o lugar, mas nunca cessavam por completo sua atividade. No entanto, eu duvidava que fossem me reconhecer usando da minha própria roupa e não a do hospital, levando em consideração a quantidade de pacientes que atendiam por dia.

Mantinha meu celular na mão direita, abaixo da linha do quadril, e tentava caminhar, o mais despreocupada possível, até que...

– O que faz por aqui?

A voz de um rapaz me fez titubear.

– E.eu – gaguejei e me virei para ver quem me interpelava.

– Não deveria estar aqui.

Olhei para a pessoa que me dirigia a negativa. Era um rapaz jovem, com um avental verde e touca, uns 20 anos talvez. Não me lembro de tê-lo encontrado antes.

– Eu me perdi – concentrei-me em meus sentidos e menti, ou melhor, omiti.

– Óbvio! Aqui é o setor de “Queimados” – respondeu enfático.

Suspirei em alívio. Ele não sabia quem eu era.

– Ok. Desculpe-me! Tomarei mais cuidado...

O profissional se retirou e eu aliviei a tensão que criara em meus ombros.

Não me sentia confortável em mentir, mas algumas situações exigiam um esforço a mais de nós.

A questão agora era: como eu encontraria o que havia me levado a mentir?

Acreditava que Adriel deveria estar na Enfermaria, ou estaria na *Terapia Intensiva*? Se fosse a segunda opção seria mais difícil me aproximar, mas não seria impossível...

O caso era que eu desconhecia o mapa do hospital, eu nem havia percebido que saíra de meu próprio setor até ser abordada.

Era isso!

– Hey! Espere um pouco – corri até o profissional que me bronqueara a pouco. Extrair

informações era algo que eu bem dominava, afinal, fazia parte da minha profissão.

Eu não era muito boa em direção, mas decorava as informações com facilidade. Extraindo minuciosamente cada detalhe a respeito do que eu queria, eu alcançaria o almejado, tinha certeza.

Claro que tive que mentir novamente, reafirmei que havia me perdido; o que não era de todo falso testemunho, mas disse que a causa d’eu estar ali é que era acompanhante de um primo meu. Tentei soar o mais convincente possível e... Consegui o que eu queria! Estava quase a comemorar em saltos, quando...

– Não vejo a sua etiqueta de acompanhante colocada na camiseta... – falou o profissional de verde.

Tentei segurar a ansiedade e seus sinais em mim. Por sorte, antes d’eu responder, ele mesmo disse:

– Claro que devem ter esquecido de lhe colocar. Isso sempre acontece... Não sei por que ainda me impressiono – e se retirou novamente resmungando.

Ufa...

Analisei mentalmente as informações passadas. Eu teria de pegar o corredor e ir para dois andares acima de onde eu estava, depois viraria ao meu lado esquerdo, chegando em um dos setores de Enfermaria mais próximo. Eu teria de procurar em cada quarto, mas isso não me era problema. Por certo, Adriel estava acompanhado de algum dos irmãos e eu conseguiria vê-los de longe, afinal, não costumavam fechar as portas dos quartos, principalmente em um paciente que está recebendo atenção especial. Agora eu poderia...

– Estela?

Sobressaltada me virei... Eu não podia acreditar!

– Que faz por aqui?

Desta vez não consegui reprimir a todos os sinais ansiosos. Tremi, suei frio, minha respiração acelerou... Era ele... Ele estava ali! Bem ali, naquele corredor, amparado por muletas.

– E então?

Ele me olhava de forma inquisidora, enquanto eu nada conseguia falar... Se eu não me controlasse, meu coração não iria aguentar. Adriel estava ali, na minha frente!

– E.eu – gaguejei. Havia perdido todo o controle sobre mim mesma. O que estava acontecendo comigo?

– Hey Adriel. Você não deveria estar aqui! – Daniel se aproximou bronqueando.

As luzes haviam diminuído ou era minha visão que estava ficando turva?

Se desviando de mim, Adriel encarou o irmão que logo se aproximou, evitando que ele se virasse.

– Eu já não aguentava mais ficar naquela sala de treinamento...

Sala de treinamento?

– Ah, oi Estela – cumprimentou-me alegre! – Que bom que você viu minha mensagem e veio.

Mensagem?

– Pode me ajudar a leva-lo para a sala? Ele aproveitou que eu havia cochilado para...

– Eu posso ir sozinho! Vim até aqui, não foi? – Resmungou Adriel, interrompendo o irmão.

Daniel suspirou e deixou que Adriel percorresse o corredor. Fez-me um sinal para acompanhá-lo, mas eu ainda não conseguia sair do lugar...

Assim que despertei, apressei-me em verificar se havia recebido a mensagem de Daniel no celular. Por que eu não havia pensado nisso antes?

ENFIM PAZ, CÉLICA PAZ...

Mikaela

Eu não aguentava mais, precisava fugir!

Foram inúmeras discussões ao longo dessa minha curta vida... Como poderia tomar partido?

Meus pais viviam em discussão e, muitas vezes, beiravam as agressões físicas, sobrando até para mim.

Eles eram infelizes, era fato, mas por que não se separavam? Engana-se quem pensar que era por minha causa. A partilha de bens era o maior problema...

Nós vivíamos uma vida familiar até que tranquila. Meu pai que trabalha no ramo de transportes de mercadorias fez um investimento no setor de transporte público. Poucos anos depois o investimento começou a dar lucros substanciais então, as discussões começaram. Suspeitas de infidelidade por parte de minha mãe acaloraram essas discussões e, então, minha vida se infernizou. Eu já não existia para eles.

Ainda assim, o problema maior ainda não havia chegado, mas estava prestes a ruir... Meu irmão mais novo, de dez anos, foi diagnosticado com leucemia. Meus pais e eu fizemos o teste para a doação, mas nós três nos mostramos incompatíveis. Ao invés de se preocuparem em achar um doador, minha incompatibilidade em específico foi pauta para maiores discussões. Infelizmente, meu irmão não pôde esperar que estas cessassem...

Faz dois meses que já não temos o pequeno Hugo conosco e, minhas tentativas de “fuga” física e mental não são suficientes para afastar de mim toda a dor que meus genitores têm causado.

– O que você pensa em fazer?

Emerson tem me dado muito apoio. O conheci enquanto “fugia” de casa, para mais alguma atividade de preenchimento mental que já não surtia efeito.

– Eu vou embora...

Estávamos no café da academia em que eu fazia aulas de natação e judô. Era uma tarde

ventosa.

– Para onde?

Ele estava preocupado e eu me preocupava por sua preocupação... Confuso, eu sei! Eu havia me apegado a alguém... No entanto, não me era suficiente. Nada mais me era o bastante para tirar de mim toda a aflição que me destroçava.

– Para longe...

De modo mecânico me levantei. Peguei minha mochila e saí em direção a saída lateral do café, que dava para uma rua oposta à minha. Há muito tempo eu caminhava por ela e me sentia segura. Oposta, distante...

Saí sem olhar para trás, abafando meus ouvidos para todo o som a minha volta, apenas relembrando as palavras ofensivas pelas quais meus pais se dirigiam mutuamente, e as concentrava para mim sempre que me viam. Estas eram altas o suficiente para fazer com que eu não conseguisse distinguir qualquer outro som.

Assim que abri a porta senti o baque do vento. Algumas lágrimas que escorriam por minha face foram espalhadas e levadas para minha oposta. Sentia que poderia ser um sinal. Minha velha vida eu estava deixando e estava pronta para uma nova... Assim como minhas lágrimas, minhas aflições estavam ficando para trás. Estava pronta para uma nova vida em que eu não mais sentiria dores, que as pessoas fossem amistosas umas com as outras, altruístas, dispostas a partilhar o bem, o amor, o perdão, a empatia...

Eu estava tão tomada pelos meus pensamentos que, talvez, devesse ter direcionado devida atenção aos alertas que faziam a minha volta. Não sei bem... Algo tentava me tirar daquela minha mentalidade fixa, como se minha vida fosse uma folha de papel com alguém a balançando para secar depois de ter sido umidificada por acidente.

O tempo, para mim, parecia andar lentamente, como se cada segundo representasse minuto e cada minuto representasse hora. Sendo assim, estive sensível para perceber que o vento mudara sua direção de modo repentino, e uma lufada estrondosa estava para me alcançar como uma onda do mar.

Foi quando eu desviei minha face e olhar do meu horizonte e olhei para um dos meus lados. Não sei definir bem se olhei para esquerda ou para a direita no momento... Mas, vi uma luz bem forte se aproximando, me envolvendo, me consumindo.

Não sei bem onde estou agora, porém lhes garanto que o meu desejo foi atendido. Nunca

senti uma paz tão grande na minha vida... Aqui não há discussões!

Vou procurar o Hugo, ele deve estar brincando de esconder.

Estela

“Desculpe não poder te encontrar, mas meu irmão teve um desmaio, nada muito grave. Eu só queria que soubesse que sua amiga Mikaela está hospitalizada gravemente, pediram para eu te avisar.” – Daniel.

Mikaela? Internada? O que estava acontecendo?

SUAS FEIÇÕES SERENAS

Estela

Fui levada ao quarto, onde Mikaela estava, indicado por Daniel. Eu queria falar com Adriel ainda, mas ele faria exames dos quais não permitiam acompanhamento de outros. Daniel, como sempre, estava com ele.

Aproximei-me de Mikaela. Ela estava em um quarto individual e, embora não estivesse no setor de terapia intensiva, a gravidade da situação era notória. Eletrodos estavam ligados a ela, com diversos cabos ligados em um monitor que bipava constantemente. Ela também estava com acessos em suas veias, recebendo medicamentos e não sei mais o quê.

Suas feições estavam aliviadas, serenas. Não era visível nenhum trauma. Porém, eu não sabia o que havia acontecido ainda. Daniel não teve tempo para muito me explicar e não havia nenhuma espécie de prontuário no quarto. No entanto, ele havia dito que era grave... O monitor, que bipava segundo a segundo, rompendo o silêncio mórbido de um hospital a noite, despertava-me para algo mais sério. Como foi que eu não percebi nada antes?

Ainda assim não adiantava eu levantar teorias naquele instante. Logo amanheceria e, por certo, alguém se aproximaria e me diria o que aconteceu. Enquanto isso, me sentei em sua diagonal, a contemplei em sua serenidade e me confidenciei, afinal, somos amigas.

– Está me ouvindo? – Questionei em tom natural, calmo. – Sou eu, a Estela! Sei que não tivemos muito tempo para nos conhecermos e espero que não seja muito tarde para assim fazermos.

Mikaela moveu a sobrancelha direita para cima? Ela devia estar me ouvindo. Aliviei minha expressão e dei um sorriso entredentes.

– Nenhuma de nós poderia imaginar o que algumas aulas de natação poderiam nos fazer, ou que, nesse período, poderia nos acontecer.

“Nos divertíamos muito com as piadas sem graça dos nossos colegas de turma, estávamos sempre rindo uns com os outros. Mas, vendo por tudo o que tem acontecido, parece-me que cada sorriso escondia algo mais... Uma lágrima, um anseio, um propósito... Só tivemos tempo para compartilhar das nossas distrações alegres, mas nada mais profundo. ”

Mikaela apertou os olhos? Aproximei-me mais de seu ouvido direito e lhe toquei a mão. Em seu dedo polegar havia um pequeno aparelho. Desviei meu olhar de ressaca de sua mão e, mais uma vez, a fitei.

– Qual é sua aflição mais profunda? – Perguntei com voz falha.

Aproximou um profissional fardado e me sobressaltei. Empertiguei-me ao perceber que ele não me dirigia qualquer atenção.

Não se tratava do mesmo que eu encontrara no corredor e, também, não me pareceu conhecido.

Ele se aproximou do monitor e começou a anotar o que via, pediu-me licença e ajeitou o aparelho que estava no polegar de Mikaela e, depois, ajeitou uma braçadeira que ela usava no braço esquerdo.

Como não me depositava qualquer atenção, chamei-lhe a atenção e o interpelei:

– Com licença, – comecei educada, – minha amiga está bem? O que ela tem?

O profissional, que devia ser um técnico de enfermagem, olhou para mim com o semblante franzido, como que estranhando a minha pergunta. Vendo que eu não desviava meu foco visual, esperando por uma resposta, ele suspirou e disse:

– Ela sofreu um atropelamento e fraturou a perna esquerda...

Ao ver minha expressão de surpresa, ele se apressou em dizer:

– Mas, isso é o de menos. O problema maior foi o traumatismo craniano.

Ele balançou a cabeça em desalento e continuou:

– Está em coma induzido e não sei se despertará.

Eu não podia acreditar naquelas palavras. Tudo era tão sério assim?

– Mas... Mas... – disse em ansiedade. – Ela apertou os olhos! Ela moveu a sobrancelha!

Ele me olhou compadecido e suspirou, pondo uma mão em meu ombro:

– Nesse momento é impossível. Ela está altamente sedada.

Eu olhei para baixo, aflita, e ele saiu de perto. Ainda fez qualquer outra coisa no quarto e se retirou, me deixando com o coração em tonelada.

– Você precisa acordar amiga – direcionei-me a ela, tremulante. – Eu preciso contar tudo a

alguém! ... Eu o farei para você, porque é minha amiga!

POR ELE EU SIGO

Era noite e eu estava na minha reconfortante e singela rede na varanda de casa, lendo um livro. Tratava-se do meu momento favorito do dia. Logo, minha mãe traria meu chá com biscoitos amanteigados, com geleia de uva.

Eu iria começar uma nova leitura e havia recebido excelentes críticas a respeito. Logo ao abri-lo fiquei maravilhada com as ilustrações de contracapa. Acompanhei o prefácio e comecei, enfim, sua leitura.

Não sabia quanto tempo havia passado, mas enfim, estranhei minha mãe não ter aparecido com meus biscoitos e... Fitei a mesinha lateral a minha rede e lá estavam eles, junto com o chá! Quando ela havia os deixados ali? Peguei a xícara e entornei o chá goela a baixo e... brr! Estava gelado!

– Você ainda está aí, Estela? – Apareceu minha mãe bronqueando. – Sabe que horas são? ... Deixe esse livro e vá dormir, amanhã você tem aula!

Ainda com a xícara na mão e boquiaberta, olhei para o alto e reparei que as estrelas estavam mais nítidas e altanadas. Eu realmente havia me empolgado com aquela leitura... Mas, o que eu faria? Ainda não estava na metade do livro e a noite já seguia alta. Teria de levar o livro para o quarto e lê-lo utilizando da luz daquela reluzente obscuridade. Afinal, há tempos um livro não prendia minha atenção assim... *Lorenzo's Oil* – Óleo de Lorenzo. Ele deve viver no final... Torço para que viva!

Pensando em alta voz, em tudo, olhei para Mikaela que não esboçava qualquer reação. Queria acreditar que eu não havia delirado quando pensei que ela havia minuciado algum movimento...

– Às vezes alguém que te ama de verdade é capaz de sobrepujar a medicina, a ciência, o mundo, a fim de fazer com que a pessoa amada viva... E viva bem, feliz! – Expressei-me em tom casual, ainda focando Mikaela, recordando a história dramática que lera.

Suspirei com a sua falta de resposta, retomei o fôlego e continuei:

– Eu sei que você faria qualquer coisa por alguém que ama. E eu? Teria essa coragem? Quebraria minha rotina? Minha agenda contada minuto a minuto? Será que eu teria coragem de

romper o ciclo que eu mesma criara desde muito cedo?

Eu estava me expressando como nunca havia feito. Esperando por respostas que não obteria. Ainda assim, acreditava que Mikaela, sedada, despertaria a fim de me ajudar... de *nos* ajudar! Tinha esperanças quanto a isso.

– Fazia parte do meu ciclo sair da casa de meus pais para estudar e trabalhar, mas e agora? Eu não tenho conseguido me concentrar nas aulas, nem no trabalho e em qualquer outra coisa... Posso dizer que minha rotina foi rompida, por assim ser. Mas, não foi por minha vontade. Você pode me entender?

Mikaela torceu o nariz! Levei um sobressalto.

– Você pode me ouvir, eu sei! – Exclamei. – Lute para sair dessa amiga! Não sei o que te aconteceu exatamente, mas sei que, juntas, poderemos obter respostas.

Como na noite em que lia, tão compenetrada, o livro, que teve por base um filme de fama internacional; não sabia exatamente quanto tempo havia passado desde que eu chegara naquele quarto. Poucos momentos da minha vida me fizeram perder a noção do tempo e, geralmente, eu não gostava de perder o controle.

Embora houvesse apenas uma janela coberta por um lençol, eu imaginava que logo o dia chegaria e, junto com ele, a maratona de fardados do hospital.

Pensei em pegar o celular para verificar a hora exata, mas mudei de ideia. Eu queria acreditar que ainda teria tempo para falar com Mikaela, antes que dessem por minha falta.

– Mikaela, amiga, você sabe aonde quero chegar, não é? – Abaixei o cenho, fitando o chão impecável. – É claro que sabe. Duvido que haja alguém próximo que não saiba o que tem me acontecido.

Eu já podia ouvir murmúrios mais altos vindos dos corredores. Meu tempo estava acabando, mas, eu sentia que, se não falasse naquele instante tudo para alguém, eu explodiria. Por que não para a melhor amiga? Ainda que em coma...

– Sinto algo que nunca sentira antes... – Voltei a fita-la e comecei a gesticular em ansiedade. Como falar? Como expressar? Comecei a suar frio, a gaguejar. – Nunca um sentimento com tamanha intensidade! ... Foi logo que o vi, aumentou com a convivência e... Pensei que era o meu instinto jornalístico, minha curiosidade, mas... Você sabe que não!

Passos pesados se aproximavam do quarto, os abstraí. Por um momento me vi em uma bolha, junto a minha amiga, em um instante de ficção em que o tempo para e o mundo deixa de

existir.

– É como perceber que enfim despertara – continuei gesticulando e febril. – Como se toda a minha vida só estivesse fazendo sentido agora. Você já teve essa sensação?

Esperei por alguma reação, mas não obtive. Continuei:

– Sinto que devo fazer de tudo por ele. Não te parece loucura? ... Finalmente me sinto viva! Posso sentir, com nitidez ,meu pulsar e toda vez que o vejo é como se meu coração berrasse, lembrando-me de que está aqui – aproximei minha mão do centro de meu tórax.

“O que devo fazer? – Questionei, mas novamente, sem qualquer resposta. Continuei: – Nunca pensei que seria tão platônica... tão piegas! E o momento chegou...”

Ao fundo falatórios tentavam me desanuviar. Mas, deles eu não estava me atentando... Prossegui em desabafo:

– Você sabe quem é, certo? Aquele que tomou meu coração e minha mente! – Suspirei focando o teto e serenei: – Por Adriel tenho seguido...

Um barulho vindo do corredor me despertou. Minha bolha havia estourado por meio de algo que haviam derrubado próximo a porta daquele quarto. Automaticamente olhei, assustada. Alguém mais havia me escutado! Quem poderia ser? Tossi compulsivamente.

REFLEXO DA ALMA

Meus olhos estavam lacrimejantes devido ao acesso de tosse e, com a visão embaçada, observei quem se aproximava.

– Ah, oi Estela. Não sabia que estava aqui... – A voz, sem muito ânimo, era de Emerson, o intrometido.

– Olá. Eu já estava me retirando, minha tia deve estar me procurando. – Falei, me levantando com certa euforia, e pude observá-lo melhor.

Emerson não parecia estar muito bem. Os cabelos claros estavam desgrenhados, olheiras tomavam conta de seu orbicular, as roupas estavam um pouco amassadas e sua expressão estava baixa. Eu não precisava pensar muito para perceber o que lhe acontecia... Ele estava parecido comigo! Se eu o observasse atentamente, acredito que poderia me ver refletida nele naquele momento... Mas, como eu era covarde, preferi assim não fazer.

– Voltarei mais tarde – disse fitando seu nariz. Como resposta ele moveu a cabeça assentindo, mas sem se desviar de nossa amiga moribunda. – Em qualquer alteração de Mikaela me avise. Eu estarei perto.

A expressão de Emerson permaneceu. Ele parecia estar com a síndrome da estátua humana. Eu me preocuparia se não estivesse visível o esforço que seu peitoral fazia para elevar ao respirar.

Estava indo em direção a porta, mas, estaquei. Virei-me para observá-los novamente. Ora Emerson, ora Mikaela e meu coração apertou, como se alguém o estivesse comprimindo, esmagando... Senti um ímpeto de chorar.

Meu desafortunado amigo estava de costas para mim e eu coloquei a mão em seu ombro, sem muito pensar. Queria tentar lhe falar algo para o consolar, mas não consegui. Tudo o que consegui foi desprender de meus olhos grossas lágrimas de um choro silencioso...

Minha QUERIDA – Emerson

Tudo havia acontecido muito rápido.

Eu estava andando de bicicleta e a vi, mas não pude me aproximar porque eu estava em uma corrida com os cachorros da vizinhança que amavam perseguir minhas rodas. No início era algo que me incomodava, cheguei até a comentar com alguns dos donos daqueles cachorros que tentavam se desculpar, mas nunca conseguiam mantê-los presos. No entanto, por agora eu já estava adaptado a maratona com eles. Desconfio até mesmo que seus proprietários ficavam extasiados por não ter que correr com eles por aí... Eu já os cansava e animava bastante.

Porém, no dia em que vi Mikaela, de relance, me distraíndo por alguns poucos instantes, me foi quase fatal. A velocidade com que eu pedalava era alta, a fim de não ser alcançado pelos *pets*. Ao me distrair, diminuí o ritmo de pedaladas, mas sabemos que a correia, com os pedais, não cede ao nosso ritmo tão logo... Quando dei por mim, eu estava caído ao chão, com metade da bicicleta em cima, e com meia dúzia de cachorros me lambendo como se eu fosse um sorvete de limão. Eu ri! Relaxei os braços e comecei a gargalhar.

Eu estava bem, e, embora minha bicicleta tenha sofrido alguns danos, acabei ganhando com aquela. Os donos dos cachorros pensaram que o acidente foi causado por eles e, então, me presentearam com uma nova e melhor do que a que eu tinha. Tentei dizer que não precisava, que não eram os culpados, mas eles insistiram. Confesso que acabei cedendo rapidamente também. Afinal, era uma *Gonew endorphine 6.1 shimano de alumínio*, com 21 marchas.

Eu estava contente pela nova bicicleta, claro, mas não conseguia esquecer o motivo de minha distração. Por *sorte*, com a minha loucura, do acidente eu não havia saído ileso. Próximo ao meu cotovelo direito havia um hematoma e toda vez que eu o olhava eu ria muito, sozinho, até me cansar e suspirar. O machucado me lembrava *dela*.

Logo, voltei a pedalar pela mesma praça, daquela vez esperando ver aquela garota passar, mas foi em vão.

Dias se passaram e, mal sabia eu que a encontraria em um dos lugares em que pouco imaginei que frequentaria – a academia dos *boys*. Eu vivia zombando dos caras que saíam de lá e foi num desses, quando eu decidi pedalar em linha reta e não em círculo, que eu a vi saindo.

Entrei na academia a sua procura e percebi que estavam anunciando o início de novas aulas. Começaria na próxima semana aulas de *boxe*, dança do *ventre*, *Yoga* e *natação*. A vi e observei que ela se inscreveu em alguma dessas, pois estava em um folheto separado.

Eu, como todo ser humano *ajuizado* faria, me inscrevi em todas as aulas, atestando assim, minha sanidade, ou melhor, a falta dela.

Logo descobri o grupo pelo qual ela pertencia, e deixei dos outros. Infelizmente, isso não foi suficiente para que deixassem de me gozar pelas aulas de dança... Mas, eu já não estava me importando.

Descobri seu nome e logo ficamos amigos. Compartilhamos, por um curto período de tempo, muitas coisas, mas eu não percebia a gravidade do que estava acontecendo...

Por que não percebi a tempo?

Para meu eterno sofrimento, um forte clarão me despertou. Foi o dia em que Mikaela foi atropelada; haviam tirado ela de mim.

Não consigo mais me encontrar. Tenho agido mecanicamente, como se eu não mais pertencesse a esse mundo. Fui envolvido de uma maneira que sinto que o ar tem me faltado. Nunca pensei que pudesse nutrir sentimentos tão profundos... A vida estava passando por mim como em vários flashes.

Eu estava voltando para o quarto, no qual Mikaela estava hospitalizada. Era como se algo me chamasse, uma atração do tipo imã, quando percebi algo estranho. Levantei a cabeça e vi que havia alguém na porta do quarto olhando para dentro dele. Não se tratava de um profissional do hospital. Mas, por que não entrava? Por que estava parado ali? Por que... Ah, deixa para lá! Nada importa e... Percebi que o semblante da pessoa havia mudado e fiquei observando, curioso. De repente uma das muletas que estava usando caiu. Percebi a dificuldade que tinha para conseguir pegá-la então me apressei em lhe ajudar. Dei-lhe a muleta e, assim que me viu, ao invés de agradecer, pareceu surpreso e logo apreensivo. Se retirou o mais rápido que conseguiu. Adriel era mesmo um sujeito estranho...

– Ah, oi Estela... – Falei adentrando o quarto.

CORAÇÃO EM CHAMAS

Estela

Eu estava na casa da minha tia, mas não estava de volta.

Queria muito ver Adriel novamente, mas a visita a Mikaela me deixou atordoada.

Ele receberia alta naquela tarde e voltaria para as aulas de natação então, oportunidades em vê-lo não faltariam, mas eu estava aflita.

Pensei em passar alguns dias com meus pais, no entanto eu tinha obrigações a cumprir. Não era hora para perder o juízo de todo.

Mas, o que eu poderia fazer? Tenho o peito oprimido. Sei que a função desse sentimento é informar. Vejo sinais que informam que as coisas vão mal. Ah, pobre coração! É meu dever informa-lo de que não adianta chorar. Lamento, mas é sua função informar-se (2).

Estava na aula e foram distribuídas tarefas para a conclusão do semestre. Em outro momento eu teria vibrado em alegria pela que me foi designada, mas naquele instante eu olhei para o papel que descrevia minha atividade de modo indiferente. Eu teria que fazer uma matéria ficcional, algum tipo de história da carochinha ou qualquer dessas. Eu não estava animada... Queria e ao mesmo tempo *desqueria* voltar para meu foco. Foi quando uma ideia iluminou meu semblante.

Estava de volta ao cenário que parecia dos meus favoritos nas últimas semanas. Eu entrara pela recepção e me dirigi ao café, sem notar qualquer ser vivo. Eu havia chegado com duas horas de antecedência a fim de me preparar para o que eu faria, quando fui interrompida por alguém. Interrompida pela única pessoa capaz de me tirar o intuito daquele instante e me fazer esquecer de todo resto...

Eu podia sentir o aroma suave daquela estação. Era Outono! Eu não estava congelando por dentro desta vez, mas estava inquieta. Sentia-me como se estivesse sonhando novamente. ... Oh não! Era o que me faltava! Não conseguir distinguir a realidade da ficção.

Ele estava lá! Adriel não me disse nada a princípio, mas me encarou, ainda em pé, a frente

da mesa em que eu estava. Eu não conseguia desviar meus olhos dele, mas em um ímpeto me levantei, me lembrando de que ele não conseguia se sentar sozinho. Porém, ainda amparado pelas muletas, ele gesticulou, interrompendo minha ação, ele não se sentaria. Meu coração estava acelerado... Era a realidade! O que ele queria?

Estávamos na mesa próxima a parede de vidro. Adriel usou do amparo dela e eu, continuei em pé, tentando acompanhá-lo.

Antes que eu pudesse tentar balbuciar qualquer sílaba, ele me falou de modo enfático:

– Preciso falar com você!

Engoli em seco e me desviei de seu olhar, que me fitava de modo firme. Olhei a minha volta e percebi o ambiente lotado. Porém, não vi sinal de Daniel ou Vando... De Jadir ou Emerson... De Helena ou qualquer pessoa que pudesse interromper aquele momento. Por que eu estava agindo daquela maneira? Eu queria tanto lhe falar, mas não estava preparada ainda e nem sabia como estar.

Não sei quanto tempo passou sem que houvesse diálogo. O tempo com Adriel era diferente para mim... Eu não conseguia contá-lo com a mesma precisão do que em companhia de outras pessoas. Eu, agora *sim*, estava suando frio e o ar começava a me faltar.

Voltei a fitá-lo e ele se mexeu de modo a buscar algo no bolso de sua jaqueta. Curiosa acompanhei quando, de lá, ele retirou algo que me fez sobressaltar.

– Helena pediu que te entregasse... – falou de modo baixo, mas bem audível. Helena havia entregue meus óculos para Adriel?!

– Ah – expressei-me tentando me aliviar e recuperar a voz. – Eu devo ter esquecido deles na última aula.

– Você nunca vem para as aulas de óculos. – Contestou-me de modo seguro, para meu espanto maior. O que ele estava querendo me dizer?

– Foi uma distração – respondi, desviando, novamente o olhar. Eu era uma *covarde*!

Adriel esperou que eu voltasse a fitá-lo para, novamente, falar:

– Esqueça Estela! – Expressou-se me fitando nos olhos e aumentando meu espanto. – Você não pode ajudar.

Ele esperou que suas poucas frases me fizessem efeito. Minha expressão aturdida deve tê-lo incentivado:

– Não volte a se aproximar.

Finalizou ele, desviando enfim seu olhar inquisidor e se retirando lentamente, roboticamente, sem nem olhar para trás, deixando-me arrasada, sem chão, sem ar, com o coração em chamas e pulsando à medida que seus passos tocavam o chão – o golpeando.

UM MAFIOSO COMO CÚMPLICE

Ele estava certo, eu não podia fazer muito, mas isso não tornava o meu sofrimento e disposição menores, muito pelo contrário. Eu queria poder ajuda-lo, mas como eu o faria? Adriel, também, não me permitira compadecer, aproximar-me dele ou de seus envolvidos. No entanto, havia algo que eu podia fazer, tendo por base a atividade da faculdade. Não sei se daria certo, mas decidi arriscar.

Estávamos na aula de natação, enfim. Adriel, como sempre, já estava se *pré*-aquecendo na piscina. Ele não perceberia, mas eu ainda teria que entrar no vestiário masculino sem que outros percebessem; isso sim seria o mais difícil. Eu sabia, por aquele tempo em que frequentava a turma, que a maioria chegava perto da hora marcada. Ainda era cedo, então, deduzi que poderia entrar no vestiário e ali não encontraria ninguém, nem ninguém me veria... Eu me enganei!

Ao me aproximar do vestiário masculino já me deparei com o obstáculo número um: sra. Souza, que saía do depósito ao lado, justo naquele momento.

– O que há menina? Esqueceu-se que o vestiário feminino fica do outro lado?

– Ah, é claro! – Disfarcei, tremulando mais do que gostaria. – Estou em época de provas e...

– Ok, ok... – Apressou-se em dizer. – Não tenho tempo para tanto falatório. Vá para o seu lugar e me deixe trabalhar...

A senhora impaciente, por sorte, se retirou mais rápido do que meus pensamentos perceberam funcionar. Ou seja, nem saí do lugar.

Ok! Agora daria certo. Eu invadiria o vestiário masculino antes que...

– O que faz aqui Estela? Veio espionar alguma coisa?

Estremeci. Aquela voz... Jadir! Ele estava em todos os lugares, não era possível! Ele era mais intrometido e fofoqueiro do que o Emerson e a mim, com certeza! Apressei-me em me virar e sorrir.

– O que há? – Falou mais seriamente. – Você não parece bem.

Eu devo ter empalidecido.

– É isso! – Agarrei-me a brecha. – Vim perguntar para a sra. Souza que estava aqui se ela

tinha algum medicamento pra...

– Não precisa dizer. – Sempre apressado em se expressar. – Eu tenho duas irmãs e sei do que você está falando. Mas, não foi a sra. Souza que passou a pouco?

– É, foi sim... Ela já me atendeu – falei de forma desanimada.

Não adiantava, eu teria que esperar por outro dia para seguir com o plano.

– Parece que ela não tinha o que você procurava... – O tom de Jadir foi quase sussurrado. Algo estranho vindo dele. O fitei e o percebi de cenho franzido, será que ele não acreditava na história que eu havia contado? Será que ele havia percebido...? – Eu acho que posso ajudar você a conseguir aqueles rabiscos.

Acho que minha palidez se evidenciou mais. Como ele sabia? Ele não poderia... Sem eu nada dizer, ele prosseguiu:

– Não sei bem para que os quer, mas eu sei que você está atrás daquelas anotações do *Adriel*. – Sua ênfase parecia não ser muito amistosa, nem a expressão que Jadir usou para falar a respeito. – Eu ajudarei você, mas também precisarei de sua ajuda.

Após uma breve pausa, necessária para que eu conseguisse regularizar minha respiração e pulsação, eu bufei, de forma mais demorada do que pensei que faria, e falei:

– Pois bem... Mas, primeiro, preciso das anotações e depois você me fala tudo o que sabe.

– Temos um acordo? – Ele estava mais sério do que jamais o havia visto.

Apressei-me em estender-lhe a mão e assentir. Ele logo a apertou. Tomara que ele não seja nenhum líder de Máfia...

Eu não tinha muito tempo! Logo Adriel notaria a ausência do caderno de anotações. Jadir conseguiu em menos de dois minutos e tratei com ele de devolvê-lo em cinco. No depósito, que era o local vazio mais próximo que não o vestiário masculino, fotografei as páginas usando do celular. O fazia o mais depressa que conseguia e tentando não tremular tanto. Eu sentia que estava fazendo algo totalmente indevido, mas também sentia que eu precisava fazer aquilo.

– Depressa, Estela. O pessoal está chegando... – Jadir falou sussurrado e compassado, a fim de que eu o compreendesse. Ele, definitivamente, era mais estranho do que eu jamais pensara. Todo aquele ar brincalhão havia evaporado de repente. Ele tinha algum tipo de segredo, só podia; uma dupla personalidade talvez... Apressei-me em fotografar as últimas páginas do

caderno que estavam escritas, saí e devolvi o caderno para que o amigo *mafioso* o devolvesse. Ele, por sua vez, nem olhou para mim. Praticamente arrancou de súbito o caderno de minhas mãos e o levou ao vestiário antes que os demais chegassem.

Ainda era cedo, não havia sombra humana alguma daquele lado do vestiário, que não a nossa, visto que, se fôssemos comparar com o feminino, estaria cheio, mesmo naquele intervalo entre as aulas. Jadir voltou rápido e de seriedade, passou ao estilo brincalhão costumeiro. Abriu um largo sorriso, aliviando a expressão e falou:

– Melhor se apressar para a aula de hoje.

Eu ainda fiquei no lugar, estática, tentando avaliar o colega, que acabara de ser meu cúmplice em um *crime*, e pedido para eu ajuda-lo em, sei lá o quê, agir da forma costumeira, como se nada tivesse acontecido ou dito. Ele bufou risonho ao ver minha expressão e disse:

– Vá logo que eu quero privacidade. – Sim. Tratava-se do mesmo amigo irreverente, sátiro e chato de sempre. Enfim, o que havíamos feito já o tínhamos. Agora, era partir para a segunda parte do plano e...

– O que você quer de mim? – Falei, enquanto ele tentava me tirar do caminho quase em solavancos.

– Depois conversaremos mais – falou, ainda sorrindo. – Está livre esta tarde?

– Quer um encontro? – Perguntei quase em exclamação.

– Acho que será melhor nos encontrarmos fora da aula. Ao sair na cafeteria, ok?

Mais uma vez sorriu e, antes que eu pudesse responder, adentrou o vestiário. Eu havia pouco me movido, ainda tentando avaliar a situação. Só percebi, na verdade, que estava a mais tempo do que deveria no mesmo lugar, quando ouvi a voz de Emerson. Droga! Eu até queria falar-lhe e lhe perguntar sobre Mikaela, mas teria que me explicar caso ele me encontrasse ali. Apressei-me e saí pela porta lateral, enquanto a voz dele vinha da principal. Eu teria um longo dia.

MEU SONETO

A aula passou lenta, mas, ainda assim, eu pouco prestei atenção nela. Eu estava apreensiva pelo que fizera e ainda, havia me comprometido a ajudar alguém que eu só conhecia há pouco tempo e quase nada sabia a respeito.

Haviam poucos na aula. Victória voltara mas, como sempre, nos ignorava. Ela só mantinha a atenção ao professor, que aliás, era outro. Emerson estava calado, estava mais ausente do que de costume, sendo totalmente compreensível. Jadir implicava com Adriel, que, por sua vez, não desviava o seu olhar de mim; o que me fez sentir mais culpa. O olhar de Adriel era indescritível, mas sua expressão era séria, mais do que de costume. O que ele estava pensando? Ele poderia saber de algo? Não, não acreditava nisso. Mas, por via das dúvidas era melhor voltar ao meu modo taciturno e tentar me concentrar no que restava da aula. Eu não podia enlouquecer naquele momento.

Assim que terminamos, apressei-me ao vestiário, sem nem olhar para trás. Talvez Jadir pudesse esquecer do encontro e deixar que eu passasse por essa livremente. De qualquer forma, fui até a cafeteria da academia a fim de espera-lo. Ao lá chegar, porém, ele já estava. As minhas esperanças se desvaneceram. Fui, de modo compassado, até onde ele estava e me dispus a falar, assim que cheguei:

– Qual é o crime que você quer que eu cometa ou encubra?

Jadir me olhou de forma confusa e se pôs a rir ou chorar, não sei bem. Eu fiquei parada, em pé, esperando que a rajada de “felicidade forçada” passasse e ele ficasse tão sério quanto eu estava. Mas, para a minha tripla surpresa daquele dia, ele aliviou um pouco a expressão, na verdade, aliviou muito a expressão, ficando sério e gesticulava para que eu me sentasse. Esperei que ele dissesse algo, o que levou quinze segundos inteiros:

– Desista do Adriel, *Esté...* – ele falou, enxugando as lágrimas do canto dos olhos. Naquele dia, parecia mesmo que Jadir estava disposto a me surpreender, mas ainda esperei que ele continuasse. – Ele não é, nem nunca foi, do tipo... ahm... sociável.

– Você fala como se o conhecesse há tempos... Sei que o atende há algum tempo, mas...– falei, por fim. E ele bufando um riso respondeu:

– Se falo é porque o conheço.

Ficamos nos encarando, ele com uma expressão séria e eu, com uma que a qualquer

momento poderia esganá-lo. O que ele tinha a ver com tudo aquilo? Depois de 20 segundos; voltei a me concentrar no tempo, falei, mantendo a seriedade:

– O que você quer de mim?

– Preciso de ajuda para uma investigação... – Jadir desviou o olhar, parecia até entristecido. Isso seria normal para qualquer outra pessoa, não para ele. O que, obviamente, me deixou confusa.

– Não sou detetive... – apressei em lhe dizer. – Além do mais, não quero me meter em *mais* encrencas.

Jadir não me encarou nem disse nada por um tempo considerável de quarenta e cinco segundos. Para ele tratava-se de um recorde. Até que, finalmente, ele ergueu a cabeça, fitando algo que parecia ir além de mim e falou, quase em sussurro:

– Eu estive ausente por uma semana inteira por um motivo... Foi mais de um grave acidente ocorrido... *aqui!* – Voltou a me fitar e enfatizou a última palavra a destoando das demais da frase. Eu não sabia ao certo do que ele estava falando, seria algo a ver com Mikaela? Mas, ele falou “mais de um acidente”!

O clima havia mudado, a atmosfera tenebrosa me fez arrepiar e a única coisa que me dispus a fazer foi fita-lo e esperar que continuasse... E ele continuou.

Aproveitei a folga naquele dia para colocar o meu plano em prática. Digitei o que pude fotografar do caderno de Adriel, disposta a imprimi-lo. Se ele descobrisse, eu estaria encrencada. Ele já havia me alertado, certo? Além do mais eu já o conhecia o suficiente para saber que suas *anotações* eram sagradas. Ninguém podia vê-las, o que aumentava o meu status de criminosa, mas a culpa a respeito já não me incomodava tanto. Eu sabia que tinha que fazer aquilo. Desde que eu ouvira alguns trechos do que ele escrevia, percebi que seriam úteis e que eu poderia usar como projeto na faculdade e, até mesmo, apresentar a direção de onde estagio, isso poderia ajudá-lo muito. Adriel era um poeta fantástico.

Eu não havia conseguido ler nada enquanto fotografava. Na verdade, estava tão nervosa que algumas fotos saíram bem tremidas e tive que deduzir algumas coisas. O bom é que a letra de quem escreveu era perfeita. Muito melhor que a minha, por sinal. Adriel era seguro na escrita...

Enquanto digitava eu tentava manter a atenção, a fim de não cometer alguns erros, foi

quando me deparei com algo totalmente inusitado e, até mesmo, perturbador.

Eu havia acabado de digitar dois poemas, o terceiro era um soneto. Estava mais difícil de visualizar a foto, mas, se meus olhos não estivessem me enganando, tinha por título o nome....
Estela.

MALDIÇÕES SE REALIZAM

Jadir

Não havia mais tempo a perder. Eu precisava acabar com toda aquela palhaçada!

Por certo eu estava me referindo a Natalie e aquele professor. Tratava-se de um momento da minha vida que me entalava, me fixava em um único objetivo cuja solução não parecia nada feliz.

Muitas vezes pensei em sair daquilo tudo e continuar com a minha vida, mas o descaramento me fazia revoltar.

Ela estava saindo com ele... Com ele! Um instrutor bem mais velho, que não deveria se meter com seus instruídos. Estava levando Natalie para casa quase todos os dias, ou pelo menos, os dias que ela frequentava a academia; que eram os cinco semanais.

Não havia dúvida visto todas as demonstrações *carinhosas*. Os abraços, sorrisos, saídas ao café, saídas de carro... Ah, basta com tudo isso!

Dirigi-me a gerência daquele centro e decidi denunciar toda aquela sordidez. Parecia o correto a se fazer, pelo menos naquele instante. E eu o fiz.

Acredito que eu não tenha pensado muito bem nas coisas... Óbvio! Eu estava possesso! Porém, eu não havia medido qualquer consequência.

Aquele professor, que também era meu instrutor de natação, foi afastado indefinidamente e, quando pensei que isso me daria algum alívio, Natalie voltou a falar comigo.

Eu mal havia pisado na ala de musculação quando ela me abordou. Seu semblante estava franzido, sua expressão enervada. Ela estava furiosa e, aparentemente, tratava-se do assunto que me consumia.

– O que você fez? – Natalie indagou assim que me viu.

Eu, no entanto, fingi nada saber:

– Do que está falando?

– Você sabe muito bem! – Exclamou praticamente me cortando.

– Olha Natalie eu...

– Você não sabe a besteira que fez? Por que tinha que ser tão estúpido? – Natalie falou apoiando uma das mãos na testa, como para segurar a cabeça, e os olhos avermelhados. Pensei que minha denúncia havia sido sigilosa, mas isso não me importava. Ela havia me irritado.

– O que você esperava? – Falei bufante. – Que poderia terminar um relacionamento sem motivo algum aparente? Por que não disse que estava interessada em outro?

– Do q.que você está falando? – Indagou pausadamente, parecendo surpresa. Que atuação!

Eu já não aguentava, lhe diria tudo naquele instante:

– Por não saber o que aconteceu eu mal tenho conseguido viver... Você não reparou? ... Ah claro – ri nervoso. – Você não repara em mais nada a não ser em um professor de academia. Por sinal, a mesma que você frequenta. Não te parece imoral?

– O que está dizendo? Está louco? – Natalie alterou a voz. Eu não me intimidei. Ela não iria me confundir mais.

– Tomara que aquele ser desprezível não volte nunca mais e, se eu fosse você, também não voltari...

Antes que eu pudesse terminar a fala, Natalie me deu uma bofetada na cara. Fiquei desorientado por alguns instantes. Não esperava aquilo vindo dela... Quando voltei a mim, percebi que boa parte dos que estavam ali na ala aeróbica estavam atentos a nós. Helena apareceu.

– O que está acontecendo? – Perguntou irritada. – Vocês não podem discutir neste lugar. Vão ter que sair.

– Desculpe – falou Natalie abaixando o cenho. Ela estava falando isso para mim ou para Helena?

– Não vai mais acontecer... – falei para Helena em voz baixa, com uma das mãos em minha mandíbula esquerda; Natalie era canhota e mais forte do que muitos colegas meus.

Logo a instrutora/recepcionista mal-humorada afastou o pessoal e logo voltaram para as atividades. Natalie e eu não falamos por um tempo. Eu a fitava, ainda segurando minha mandíbula como se ela fosse saltar, e ela fitava o chão; parecia mais do que envergonhada, ela estava triste. Era por ele! Rompi o silêncio, falando mais baixo do que outrora:

– Por que se importa tanto com ele? – Eu havia insistido comigo mesmo que não faria essa

pergunta, mas o meu lado irracional venceu... Mais uma vez, venceu.

Natalie, sem me fitar, deu-me as costas e falou quase de modo sussurrado:

– Ele é meu irmão, seu idiota!

Fiquei atônito por alguns instantes. Aquilo poderia ser verdade? Mas como? Ela nunca me falou nada sobre ter um irmão! Que *raios* de desculpa era aquela?

Natalie correu até a costureira esteira, a ligou e estava começando a sua rotina de corridas, quando fui até ela a indagar:

– Desde quando você tem um irmão? Que brincadeira é essa?

Natalie tapou os ouvidos e fechou bem os olhos, enquanto ainda corria. Que infantilidade... Não, não... A infantilidade era a minha! O que eu estava fazendo? Eu não conseguia me conter... Estava febril.

– Está bem! Não quer falar, não quer ouvir... Tomara que vocês desapareçam!

Foi quando tudo aconteceu. E foi tudo muito rápido! Não sei bem como, mas Natalie pareceu perder o equilíbrio na esteira e foi arremessada para trás.

Eu fiquei estático, em choque. Eu disse, outras pessoas testemunharam, eu sabia, mas eu não queria que aquilo tivesse acontecido... E agora?

VERGONHA & OBSESSÃO

Jadir

– E o que aconteceu com ela?

Estava eu no café em companhia da Estela, a garota de nossa turma que se metia em tudo. Apesar de ser bem distraída, eu sabia que conseguir informações era um forte dela... E eu precisava de ajuda! Não podia segurar essa sozinho. Na verdade, naqueles últimos dias, eu não sabia nem como começar a fazer qualquer coisa. Nem na faculdade eu estava indo.

– Ela ficou internada por alguns dias, teve uma leve concussão, mas já se recupera em casa...

Estela abaixou o semblante, virou o rosto e começou a tamborilar os dedos na mesa. Impaciente, entediada... Ela queria sair dali.

– E o que você quer que eu faça? – Perguntou entredentes.

– Investigue a esteira – respondi em sussurro, porém com certa firmeza.

Estela voltou a me fitar no mesmo instante. Pareceu surpresa com o meu pedido.

– Sabotagem? Aqui? Fala sério – expressou! – Pelo que você me contou tudo indica que foi um *acidente*.

– E se não foi? – Questionei de forma brusca. – E se foi defeito mecânico? E se alguém...

– Parou por aí – falou gesticulando a mão em minha direção. – Teoria de conspiração não me é do agrado. Foi apenas um acidente.

– Está bem – bufei. – Então me ajude a encontrar aquele nosso professor de natação.

– Para quê?

– Para confirmar o que disse a Natalie e...

– Reintegrá-lo na equipe? Pedir desculpas? – Sugeriu Estela, irritada.

– É... Isso também talvez.

Estela suspirou e voltando ao modo tedioso falou:

– Essa é muito fácil...

A fitei curioso e ela prosseguiu:

– Se são parentes, vá até a casa dela.

– Eu?

Estela voltou a me fitar e foi num rompante que falou:

– Quem mais poderia ser? Você que provocou isso tudo.

– Eu sei, mas... Não tenho coragem. – Pela primeira vez naquela conversa desviei o olhar envergonhado.

Ouvi Estela suspirar e murmurou:

– Eu irei com você.

Eu não estava convencido a respeito da ideia do desequilíbrio por nada que Natalie sofrera na esteira. Ela não tinha idade ou doenças que pudessem alterar, de forma brusca, o balanço corporal; acreditava eu, e o equipamento da academia, aparentemente, era novo.

O problema é que, pensar em sabotagem... Quem mais do que eu teria motivos para isso? Se eu não fosse eu certamente pensaria que o culpado... sou eu! Mas, eu jamais faria isso... Posso ter pensado e falado coisas das quais me arrependo, mas eu não...

Eu não poderia ter feito isso... Não, não podia ter feito isso!

Estela

Havia marcado de encontrar aquele esquisito do Jadir perto da casa da Natalie... Após 15 minutos de espera percebi que havia feito besteira. Eu não devia ter topado ajudá-lo. Eu até entendia que ele precisava de ajuda, mas não de minha parte... Ali, só um especialista.

O covarde não iria aparecer, no fundo eu já imaginava que isso fosse acontecer. Jadir me passara o endereço por mensagem de celular e não estava respondendo a nenhuma das que eu lhe enviava.

O que acontecia com o povo daquela cidade?

Mikaela estava sem reação, num hospital, após se entregar para a morte;

Emerson parecia um *walking dead* desde o acidente dela;

Jadir estava louco, insano, completamente pirado por causa de uma ex namorada;

E *Adriel*... Ah, *meu* Adriel... Eu não entendia o que ele queria me dizer quando pediu para que eu me afastasse. Será que ele havia percebido? ... Não! Não devia ser isso! Talvez ele pensasse que a amizade entre mim e Daniel... Ah, por que tenho que pensar tanto nisso? Mas... depois daquele soneto? ... *Meu* soneto...

Balancei a cabeça, de modo vigoroso, tentando voltar a realidade.

Eu havia conseguido teclar cinco poemas, e o sexto, o *meu* soneto, não! E não era pelo estado da foto não tão legível... Aquele soneto estava diferente... Era diferente! Eu não entendia uma palavra do que estava escrito... Parecia outro idioma ou alguma espécie de código. Eu teria muito trabalho para desvendá-lo... E será que conseguiria?

Trinta minutos mais se passaram e, concluindo que Jadir não apareceria, me pus a retomar meu percurso e tentar voltar para a atual meta de minha vida: desvendar *meu* soneto.

Não, espera!

Algo apertou dentro de mim...

Nos últimos dias eu estava muito nostálgica. Lembranças de um passado longínquo, se confundiam com passados curtos que acabavam por me afetar no presente. Eu não havia conseguido ajudar Mikaela, e me arrependia muito por isso, não queria ter Jadir na consciência também...

Eu sei que não devia, mas, vou tentar ajuda-lo. Afinal, eu prometi.

Toquei a campainha da casa da tal de Natalie.

O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?

Sem dúvidas não era o que eu esperava...

Não precisei tocar a campainha da casa da Natalie duas vezes. Fui logo atendida por um senhor de avental.

– Ah, oi – fiquei um pouco sem jeito. – A Natalie está?

O senhor me olhou curioso e, após uns cinco segundos, me respondeu sorrindo:

– É claro. Pode entrar!

Ele foi me conduzindo enquanto falava quase que sem parar para respirar.

– Natalie tem recebido muitos amigos nos últimos dias. É muito bom saber que ela é tão querida...

Passamos pela sala, sala de jantar, um estreito corredor com algumas portas fechadas, pela cozinha impecável e, enfim, chegamos ao quintal onde, segundo o senhor que eu ainda desconhecia, Natalie estava.

– Naná se sente bem ao ar puro, mas ainda tem medo de sair de casa. O bom é que amigos tão legais, como você, vêm até ela.

– Naná? – Aproveitei a curta brecha para questionar.

– Ah sim, é assim que a chamo, ainda que não goste muito. Sou o pai dela. A mãe está resolvendo outros assuntos. Venha logo! Aposto que ela vai gostar muito de falar com você.

“Ah, eu espero que sim...” – pensei ou sussurrei... De qualquer maneira, não consegui ouvir nenhuma emissão própria; o falatório do *pai* estava me atrapalhando até os pensamentos.

Como ele conseguia falar tanto? Ela aguentava esse falatório o dia inteiro? Devia estar sendo difícil para ela... Ah, quanta besteira! Ela sofreu um acidente sério e eu me preocupando com a *matraca* do pai... Além do mais, ela não me conhecia e nem eu a ela. A vi de longe algumas vezes, mas apenas isso. E também, ela não devia estar me esperando, Jadir era *covarde* o suficiente para não avisar qualquer coisa e... Meu coração descompassou. O que significava aquilo?

– Naná tem recebido tantas visitas. Isso me deixa muito feliz! Agora mesmo um amigo de escola veio visita-la.

– Olá Estela.

Não foi Natalie quem me cumprimentou. Na verdade, ela não podia ter me visto com aqueles tampões em seus olhos. Ela apenas se inclinou em direção a voz que me cumprimentava, parecendo curiosa.

Senti como se tivesse levado uma lufada no estômago. Adriel estava lá, já sem muletas, em pé de frente a ela. Ele não havia me fitado ainda, mas havia percebido minha presença... Como? Quando? Por quê?

– E.eu...

– Olha filha. Ela também veio te visitar!

O pai da Natalie me tirou do modo perplexo total puxando-me pelo braço até onde eles estavam. Mesmo assim, eu ainda não conseguia desprender meus olhos dele... O que Adriel estava fazendo ali?

– Estela...? – Ouvi Natalie questionar.

– Fiquem à vontade. Logo voltarei com biscoitos e leite. – A voz do pai estava distante para os meus ouvidos...

– Mas o quê...?

Adriel virou o semblante em minha direção com uma sobrancelha arqueada e um meio sorriso; o que me fez calar.

– Estela...? – Voltou a questionar Natalie.

Bruscamente me virei para vê-la, ainda muito aturdida, confusa, descompassada... Eu havia me esquecido o que havia ido fazer. Quem poderia me ajudar naquela hora?

– D.desculpe Natalie – gaguejei nervosa, enquanto tentava não fitar Adriel diretamente. – Vim prestar minha solidariedade. N.na academia falam muito sobre o que aconteceu.

Minha desculpa não parecia convincente o suficiente, muito menos a firmeza de minha fala, mas eu já não conseguia raciocinar direito.

– Ah claro – respondeu. – Obrigada por vir! Mas, não precisa se preocupar. Eu estou bem. Nem precisei fazer cirurgia, foi uma leve concussão e, quanto aos olhos, fiquei um pouco sensível a luz, mas vou poder retirar os tampões daqui poucos dias. Logo voltarei para academia e...

Parecia que a Natalie era igual ao pai... Mas, o que...?

– Acho melhor vocês entrarem – apareceu o pai de avental, animado como se nada ruim estivesse acontecendo. Natalie... Adriel...?? – Vai chover logo e já preparei o café da tarde.

– V.vamos entrar então. Quer ajuda? – Me dispus, mas Adriel foi mais rápido.

– Não se preocupe – ele respondeu, virou-se devagar e pegou o braço dela, oferecendo o seu. Eles estavam de braços entrelaçados?!

Caminharam devagar, mas logo me ultrapassaram. Eu estava boquiaberta, aturdida, *bugada*, sei lá... enciumada.

– Estela? – Chamou Natalie.

– Estou indo – respondi breve e mais alto do que gostaria.

Eu não estava com fome... Meu estômago estava dolorido, mas não era apenas ele...

Estávamos na mesa da cozinha, o pai de Natalie falava, ela falava e eu ainda estava desorientada; não prestando atenção em nada, ah não ser em... *Adriel* parecia estar acompanhando de forma divertida a conversa. Parecia bem familiarizado... era *estranho*!

Os bancos eram altos, o que não dificultava tanto para ele, mas o pai da Natalie o ajudou sem que ele precisasse pedir. O que estava acontecendo? Ah, eu vou enlouquecer!

– O que foi Estela? Não parece bem... – o pai parou de contar alguma piada e me interpelou.

Eu nem havia reparado que estava segurando a cabeça com as duas mãos que cismava em tombar. Qual era o meu problema?

– Não foi nada – apressei em responder e disfarçar no riso. – Eu tenho que ir. Minha tia está esperando. Obrigada por tudo.

Apressei em me levantar e tentar não fitar ninguém.

– Ah, e melhoras Natalie – apressei em dizer.

O pai dela se ergueu e eu, de costas para Natalie e Adriel, já havia dado um passo e meio quando o ouvi dizer:

– Eu também preciso ir. Obrigado pela ajuda *Nat*. Você vai ficar bem – solícito... Ele foi

polido com ela! Eu nunca o vi assim com alguém... Apertei o estômago com uma das mãos.

O pai se apressou em ajudá-lo, não me lembro de ter ouvido a voz da Natalie ou mesmo a dele. Ao contrário, ouvi Adriel dizer, aparentemente em resposta a algum deles:

– Estela me acompanhará, não se preocupem.

Quem? Estela? Mas... *essa* sou eu!

Virei-me rápido, quase perdendo o equilíbrio e o fitei já de pé. Ele também me fitava e... sorria para mim!

Olhei para o lado e engoli seco. O que estava acontecendo?

MAIS DO QUE O MEU PRÓPRIO AR

Vou matar o Jadir! Só podia ser obra dele. Ele provavelmente abriu aquela boca grande e falou tudo para o Adriel. Agora eu estava marcada! Na certa, ele queria que eu o acompanhasse para bronzear comigo novamente e...

– Aceita?

Eu olhei aturdida para ele, na verdade, ainda não havia conseguido mudar essa feição.

– Um pirulito?

– De limão...

Adriel falou comigo olhando para frente.

Caminhávamos lentamente, eu ainda não sabia bem para onde e nem por quanto tempo estávamos andando. Então, olhei em volta e percebi que já havíamos percorrido cerca de uma quadra e meia da casa de Natalie. Adriel havia dito que eu o acompanharia e era isso mesmo o que estava acontecendo. *Eu* estava sendo guiada por *ele*.

– Vai aceitar ou não? – Adriel parou de caminhar e me fitou de modo sério. Não havia elevado a voz, na verdade, ele sempre falava em um mesmo tom médio, mas, agora, estava diferente...

– O.obrigada – respondi, rouca e aos engasgos, aceitando.

Por que eu não conseguia ser mais segura de mim? Mais firme como costumava ser? A culpa era *dele*... Só dele! Adriel me fazia perder o chão... E isso foi desde o momento em que o vi, naquela academia, pela primeira vez.

Ele bufou e continuou em frente, sem se certificar se eu o estava acompanhando.

– P.para – parei o que estava começando a *tentar* dizer para limpar a garganta e tomar um pouco de ar. Quando senti estar melhor, reiniciei: – Para onde estamos indo?

– Não reparou ainda? – Ele perguntou de um jeito irônico, até esboçou um meio sorriso. Adriel estava diferente comigo...

– Não – respondi, um pouco irritada pela maneira dele, e insisti: – Para onde?

Adriel se virou para mim e sorriu. Ele *sorriu*!

– Para lá – disse apontando para a frente.

O sol estava se pondo ali. Eu havia visto algo parecido em um sonho... Sim! Lá no hospital e...

– A academia Estela – respondeu parecendo se divertir com a situação e explicando para alguém com mentalidade de criança. Para aquele momento era certo, eu não conseguia pensar direito e ele era o culpado. – Natiel e Daniel estão lá, sabe, os *meus* irmãos.

Por alguns instantes mais caminhamos sem falar nada. Mas eu estava me corroendo. Não podia esquecer, nem deixar passar... O que ele estava fazendo na casa da Natalie? O pai dela havia dito que eram amigos de escola, mas... Ah, eu vou perguntar. Eu tenho que perguntar!

– O que você fazia...

– Natalie era colega de classe do Natiel e eles são amigos – respondeu antes mesmo que eu pudesse terminar a pergunta.

Como ele sabia o que eu iria perguntar? E o que ele tinha a ver com a amizade dos dois?

Antes que eu pudesse perguntar qualquer outra coisa, ele interpelou, ainda focando a frente:

– E você estava lá por causa daquele escroto do Norberto, certo?

– Norberto? – Pensei por alguns instantes e me lembrei. – Ah, o Jadir! Sim, ele estava preocupado...

– Ele é um idiota – respondeu sério.

O que ele poderia saber de Jadir que eu não sabia? Se bem que *idiota* ele era mesmo, sem que necessitasse de grandes explicações. Mais importante que isso: O que o Jadir havia falado para ele a meu respeito?

– Por que? – Apressei em perguntar e em atropelos de palavras continuei: – Por acaso ele falou algo para você sobre mim e...

– Não é nada disso Estela – falou me cortando mais uma vez e ainda explicando para a minha criança exterior momentânea. Eu estava sendo ridícula, eu sabia! ... Ele continuou: – Eu quase nunca falo com esse *cara*, só mesmo quando sou obrigado e, muitas vezes, nem assim.

Eu estava boquiaberta novamente. Adriel estava falando demais naquele dia. Será que eu estava sonhando? ... Acho que não. O parque pelo qual nós passávamos estava fedendo a titica de

pássaros. Minha mente não imaginaria algo tão horrível. Com uma breve careta, preendi o nariz com os dedos polegar, médio e indicador, e continuamos a caminhada. Assim que o cheiro foi diminuindo, voltei a questionar:

– Por que você não gosta dele?

– Eu nunca disse que não gostava dele – corrigiu-me.

– Então, esse é o seu modo de mostrar afeto por alguém? – Eu estava ficando irritada.

Adriel parou de andar novamente e segurou o meu braço que deu uma leve balançada. Eu ainda segurava o pirulito que ganhara e ele acabou caindo com o gesto. Ele me soltou e eu agachei para pegá-lo. Ao me erguer rapidamente me deparei com os imensos olhos amêndoas dele me fitando seriamente.

O que estava acontecendo?

– Mas o que...? – comecei, mas não pude terminar o que iria perguntar.

Com o coração disparado e completamente surpresa Adriel me puxou pelo braço novamente e... me beijou... Me beijou!

Eu estava sem chão, sem ar e sem o pirulito, pois ele havia caído outra vez, mas eu já não me importava com mais nada, nem sentia mais o odor local. O envolvi pelo pescoço e senti seu toque em minha cintura nos aproximando mais. Eu sabia, eu entendia que o queria mais do que o meu próprio ar...

MISTÉRIO DOS IRMÃOS

O tempo... O que importa o tempo?

Na verdade, ele é uma ilusão... O passado não existe, o futuro é relativo. Tudo o que temos é o presente.

O presente pode ser ruim, pode ser bom, ou pode até ser mais do que esses reles sentimentos. Havia o momento em que eles se confrontavam e, o que para alguns é bom, para outros pode não ser, e assim vice-e-versa.

O que quero dizer é que eu queria viver aquele momento; queria parar naquele momento, não mais sair dele. Não importava tudo o que acontecia ao nosso redor... Não importava o que poderiam dizer... Eu queria estar exatamente ali... Para sempre!

Obviamente não me atentei ao tempo e, como podem perceber, eu não mais me importava com ele. Adriel me afastou delicadamente e eu sussurrei o seu nome enquanto o fitava, ainda em êxtase:

– *Adriel...*

Ele por sua vez apertou os olhos e abaixou a cabeça, como arrependido. O chamei, mais alto desta vez, preocupada, atônita:

– Adriel!

Ele levantou a cabeça e se virou, sem olhar para mim. Foi de um modo mais baixo do que de costume que ele falou:

– Precisamos ir.

Embora tivesse passado pelo momento mais belo da minha vida, eu não conseguia deixar de questionar para mim mesma: O que, afinal, estava acontecendo?

Ao invés d'eu interpela-lo, algo me freava, naquele momento eu não conseguia. Tudo o que podia fazer era repetir o seu nome em diferentes entonações:

– Adriel?

Notoriamente não reparei no percurso que fazíamos, nem na velocidade, embora soubesse que Adriel não andava muito rápido, afinal, ele poderia tropeçar. Mas, realmente não reparei quando chegamos a recepção da academia.

Adriel não havia falado nada, nem me encarava. Mas, eu conseguia contemplá-lo de perfil e ele não parecia indiferente ao que havia acontecido. E tinha como estar? Tentei lhe falar:

– Adriel...

– Hey Adriel, finalmente você chegou! – Alguém interrompera.

Mas quem era aquele sujeito de touca?

Adriel não o respondeu, então, ele continuou:

– Daniel estava aflito te esperando... Haja tanta proteção, hein?

Ele falava de forma divertida, próximo a Adriel. Este, por sua vez, apenas o olhou de canto, parecendo um pouco irritado. Seria o irmão do meio? Só podia.

Eu ainda estava um pouco zonzá, mas decidi me intrometer naquela conversa amigável provida de um único lado. Eu ainda não estava raciocinando direito.

– Ah oi, eu sou a Estela e...

– Ah é claro! – Cortando-me novamente, exclamou, batendo a mão na touca. – Desculpe não ter me apresentado, eu sou o Natiel, seu fiel escravo.

Ele se curvou, de frente a mim, como um cavaleiro medieval diante da realeza. Até que era divertido. Deixei escapar um riso.

Não pude deixar de reparar no olhar furioso que Adriel direcionou a Natiel, o irmão do meio. Ele pareceu não se incomodar e, se virando para ele, se pôs a gritar por Daniel.

Natiel se afastou um pouco, ainda gritando pelo irmão mais novo, quando Adriel me falou quase sussurrando:

– É melhor você ir Estela. Sua tia deve estar preocupada.

Minha tia?

Minha mente *estalou!*

Adriel parecia saber muito mais de mim do que eu sabia dele. E mais, eu tinha uma sensação esquisita na presença dos irmãos dele, afinal, eles também pareciam me conhecer.

– Me diga Adriel, eu preciso saber: o que aconteceu? O que está acontecendo?

Pela primeira vez, desde o primoroso beijo, Adriel olhou para mim.

– Você irá saber... Nós iremos conversar... Mas, hoje, não dá!

– Quando então?

– Eu te avisarei.

Suspirei irritada, porém nossa conversa particular foi encerrada. Adriel olhou, antes de mim que ainda estava aturdida e o coração acelerado, para os irmãos que se aproximavam.

Vi Natiel agarrar o mais novo pelo pescoço e afagar vigorosamente os cabelos deste. Embora tudo o que acontecia, eles pareciam estar em um bom momento. Era tudo o que eu queria acreditar! Na alegria deles eu queria me apegar. Agora eu estava envolvida... *Muito* envolvida!

– E.eu estou indo, então... – Gaguejei nervosa outra vez.

– Oi Estela! – Acenou Daniel, se aproximando.

– Como vai? – Perguntei, ainda vexada.

Ele riu balançando a cabeça.

– Até então, e...

– Espere! – Falou Daniel diminuindo o riso. – Tem uma pessoa aqui que precisa falar com você.

Congelei, será que...

– Jadir te espera lá na sala de musculação – falou, interrompendo minhas conspirações e devaneios.

Jadir? Claro! Eu havia me esquecido completamente...

Assenti e acenei para eles em despedida. Daniel e Natiel riam e Adriel parecia que iria se irritar.

Eu dei alguns passos, mas logo me virei. Reparei que eles seguiam para o estacionamento.

Meu coração estava apertado. Eu não queria mais me afastar, porém, o que eu podia fazer?

Ainda os vendo, vi quando Adriel se desvencilhou dos dois irmãos e, antes de passar pela porta de saída, ele se virou e olhou para mim. Ele parecia compartilhar a mesma aflição que eu. Estava com os olhos comprimidos, pareciam tristes. Levei as mãos para próximo do meu coração e deixei uma lágrima cair. Ele se foi...

O HOMEM DAS VÁRIAS FACETAS

Estava difícil me concentrar. Por mais pessoas que ali estivessem, eu não conseguia dar importância ou qualquer atenção. Todos passavam em volta de mim, mas estavam desfocados.

Tentei me lembrar do que eu tinha para fazer... Jadir... É... Eu tinha um encontro com o Jadir, mas Adriel estava lá... Lá na casa da Natalie! O que estava acontecendo?

– Estela?

Ouvi alguém bem próximo a mim. Sabia pela mudança de temperatura ambiente, mas sua voz estava distante. Eu precisava me situar, senão acabaria enlouquecendo.

– Oi?

Virei-me e vi Helena. Forcei a visão e logo pude nota-la sem grandes borrões. Eu precisava despertar!

– O que há com você, menina? Estou te chamando há tempos!

Tempo? Quanto tempo eu estava ali? Era raro eu perder a noção de tempo e espaço... Isso só me acontecia com ele, por causa dele!

– Aconteceu alguma coisa? – Perguntei séria e forçando a minha concentração. Helena não era de falar comigo. Aliás, ela não parecia gostar de falar muito com ninguém, exceto com alguém muito conhecido por mim que... Oba! Meu lado *fluxiqueiro* estava desperto em mim. Acho que ainda tenho salvação...

– Um dos seus colegas de piscina está te esperando na sala aeróbica.

– Ah claro! Eu já estava indo para lá. – Sorri afavelmente, omitindo o turbilhão que ainda passava por minha mente e corpo; do qual não tinha certeza se passaria algum dia, e me apressei ao encontro daquele ser. O que ele estava pensando? Tentei me concentrar na raiva que estava sentindo, ou que pelo menos, deveria sentir.

Antes de me retirar, porém, ouvi um murmúrio de Helena. Minha audição estava tinindo e isso era muito bom; meus sentidos estavam voltando!

– O que você disse? – Perguntei, escondendo o que eu havia ouvido nitidamente dela: “*Se puder o tire de lá!*”.

– Só vá até lá, por favor – disse sem me fitar e voltando a recepção.

Aparentemente Jadir não estava causando encrencas apenas para mim...

– Seu doente, covarde, o que você estava pensando? – Já me aproximei daquele *ser* transbordando irritação *quase* forçada.

– Ah, oi Estela!

Jadir desviou o foco da parte inferior da esteira, mas não se levantou. Ele estava agachado, tateando ou sei lá fazendo o quê com o aparelho. Acredito que nem tenha reparado na minha brabeza. Ah, mas eu o faria notar!

– Por que você não foi falar com a Natalie como combinamos? – Ainda irritada.

– Acho que será impossível achar qualquer falha nesse aparelho por agora, ele foi revisado e, obviamente, não vão divulgar o resultado. – Desconversou ele, como se ainda não me ouvisse.

– Ah não ser que a gente invada o escritório da gerência e...

– NORBERTO PARE COM ISSO!

Consegui a atenção dele. Jadir se levantou e fechou a cara em desagrado. Já tinha ouvido falar que ele não gostava que o chamassem pelo primeiro nome, por isso pouco o divulgava.

Após alguns instantes encarando o meu olhar furioso; eu ainda não conseguia determinar o tempo como antes, ele desviou o semblante e o abaixou.

Suspirei soltando os ombros.

– Você não entende – falou, ainda fitando o chão em nossa lateral. – Eu não tenho coragem de encontrá-la ainda. O que eu vou dizer? O que eu vou fazer?

– Foi por isso que você mandou o Adriel para lá? – Perguntei com os dentes semicerrados. Ele me olhou franzido:

– Adriel estava lá? Fazendo o quê? – Ele realmente parecia surpreso.

– Esqueça disso – falei, me desviando, mas logo voltando a fitá-lo. – Você não percebe o que está te acontecendo?

– Eu sei – respondeu cabisbaixo. – Estou obcecado, endoidecido.

– Você precisa falar com ela – eu disse maternalmente. – A comunicação é muito importante... *É* a mais importante em tudo!

– Eu farei isso... Até porque é loucura invadir a gerência somente para analisar a perícia

feita neste lugar.

Jadir deu alguns passos a minha frente, estendeu a mão e me disse:

– Até.

Como assim “até”?

– Espera! Eu preciso te fazer algumas perguntas... – na verdade, eu tinha *muitas* perguntas!
– O que Adriel tem a ver com a Natalie?

Jadir voltou seu semblante para mim e coçou a cabeça parecendo em dúvida ...ou desconfortável? Por que ele sempre agia desse modo quando se tratava de Adriel?

– É muito importante para mim – comecei me justificando. – Você sabe que...

– Sim, eu sei – respondeu ele, me cortando, já com mais segurança do que antes. – Você me ajudou bastante Estela. Prometo te ajudar também, afinal, somos *cúmplices*.

Jadir sorriu do seu modo malicioso costumeiro. Ele parecia recuperado, ou pelo menos, voltara a usar a máscara do *não ligo para nada*. O bom dessa é que eu poderia me sentir um pouco mais a vontade do que com alguém deprimente e com teorias conspiratórias. Eu ainda conheceria muitas facetas daquele cara... Porém, não era dele que eu gostaria de saber mais naquele momento.

ELA REAGIU – NOVAMENTE

Eu não poderia estar brava realmente com Jadir, afinal ainda que tenha sido sem intenção, foi devido aos planos dele que me encontrei com Adriel e vivenciei o melhor momento da minha vida, até agora. Por isso mesmo o ajudei a invadir o escritório da gerência... Eu sei, era loucura! Mas, na guerra e no amor...

– Pois é, seu Walter, foi apenas um pequeno acidente...

Estava eu, ainda sentada no chão da ala de ginástica, com o “punho direito e o pescoço dolorido” após a tentativa de dar uma cambalhota ao contrário em um colchonete, falando com o gerente e para uma profusão de pessoas desocupadas.

– Mas, ela desmaiou! Tem certeza que está bem? – Ouvi uma estridente voz da instrutora de ginástica.

– Eu nunca vi alguém desmaiar na sala de ginástica... Ainda mais fazendo cambalhotas – conheci a voz.

Era a minha deixa.

– Eu estou melhor, sério – falei me levantando com ajuda, ainda estava um pouco zozza.

– Não se preocupe *doutor* – falou se dirigindo ao gerente, enquanto me amparava pelo braço. – Eu a acompanharei até em casa, ela está bem.

O gerente ainda olhou intrigado, mas cedeu sem falar nada. Na verdade, ele não havia dito uma palavra sequer desde que aparecera; tempo este que, pelos meus ainda *déficits* cálculos, havia girado em torno de 30 a 40 minutos.

– Tem certeza? – Repetia a instrutora em euforia. – Ela ficou bastante tempo desfalecida e...

– Ela não está acostumada, mas está bem. Posso ver pelo olhar dela. – Jadir me fitou zombeteiro.

– Sim, sou um desastre... – Falei amuada, desviando o olhar do brincalhão para fitar o chão.

– Não se preocupem, logo daremos notícia – falou Jadir me puxando pelo braço apressado em se livrar da multidão.

Andávamos compassadamente, mas, assim que nos vimos fora do recinto de tortura física, apertamos o passo. Reparei que Jadir não sorria mais. O interpelei:

– E então? O que descobriu?

Ele me olhou parecendo nervoso e nada disse. Insisti:

– O que há? A esteira estava ou não com defeitos?

– A perícia deu inconclusiva – respondeu irritado. – Não adiantou nada esse plano maluco. Além do mais você finge muito mal. Aposto que o gerente se tocou da armação.

– O segurei pelo tempo suficiente, seu nada agradecido... – falei ainda zozza. – E agora você fará o que combinamos.

– Eu sei – falou cabisbaixo enquanto se apressava mais e tomava a dianteira. – Eu tenho de fazê-lo.

Jadir seguia em direção a casa da Natalie e eu... Estaquei por um momento, dei meia volta e decidi ir ao hospital.

Quase que mecanicamente fui até o quarto em que Mikaela estava.

Os aparelhos ainda estavam lá e apitavam. Será que ela não podia sentir nada mesmo? Não podia ouvir nada? Não estava pensando em nada?

Os *gritos* dos equipamentos contrastavam com a falta de vida aparente nela. Era como se eles berrassem sua vida. Sim! Ela ainda estava lá!

Inerte na cama, deitada lateralmente, sentei-me de frente a ela. Ela estava com uma máscara de ventilação e mais pálida do que das outras vezes em que a visitei.

Desde que soube de seu acidente a vi por três vezes. Sempre pensei ter visto ela mover os lábios, franzir a testa, ou mexer as pálpebras, mas ninguém mais parecera perceber; nem mesmo Emerson, que a visitava todos os dias.

– E aí amiga? Como você está hoje? – Eu sorria enquanto falava e acariciava seus cabelos. – O alimento não deve ser muito bom.

Eu tentava brincar para tentar aliviar aquela situação. É claro que eu sabia que a alimentação estava vindo por meio de uma sonda.

– Aconteceram tantas coisas nestes últimos dias... – suspirei ao falar. – Queria que fosse a primeira a saber.

Enquanto eu contava tudo o que acontecia, não sei... Eu há muito que saí de mim. Não consegui conter algumas lágrimas e eu nunca fui muito de chorar. Mesmo o retorno que eu recebia de minha voz parecia desconhecido para meus ouvidos. Eu estava falando de um jeito totalmente diferente... Eu costumava me expressar gesticulando, falando alto e rápido e agora estava tudo ao contrário. Eu não mais me conhecia.

– O que está acontecendo amiga? O que está *me* acontecendo? – Perguntei. Eu sempre me direcionava diretamente para Mikaela esperando ou *imaginando* que ela me ouvia, compreendia ou... Levei um sobressalto. Meu coração quase saiu pela boca! Mikaela abriu os olhos!

Rapidamente acionei a enfermagem.

– Mikaela? Mikaela? Você está me ouvindo! – Cutuquei o ombro dela enquanto a chamava.

Milagrosamente alguém surgiu naquele quarto. Geralmente eles demoram muito tempo para se manifestar quando chamamos. Devia ser a emergência do caso.

– O que houve? – Perguntou um jovem enfermeiro.

Olhei para ele e disse:

– Ela abriu os olhos e... – Assim que me virei para fitá-la, enquanto a apontava, reparei que as pálpebras estavam cobrindo os olhos novamente. – Eu juro que...

– *Tá*, eu sei – falou entediado, afinal, não era a primeira vez que eu relatava para eles alguma mudança no estado de minha amiga. – Entenda que ela não está reagindo voluntariamente aos estímulos.

– Eu sei, mas...

Deu-me as costas e se retirou. Voltei para Mikaela:

– Eu sei que você está aí. Sei que está me ouvindo. Somos amigas... Meu dever é te ouvir também.

Sentei na poltrona de frente a ela e esperei... Não desviaria os olhos até notar qualquer alteração significativa. Eu sabia que ela acordaria. Não podia ser algo da minha cabeça e... Eu espero não estar ficando louca.

ACONTECIMENTO INESPERADO

Não sei a quem eu estava tentando enganar.

Olhando para Mikaela, tentando manter o foco em sua pálida e esquelética face, lábios ressecados por trás de uma máscara (3), eu não conseguia deixar de pensar *nele*... Se antes do último encontro estava difícil, agora era impossível.

“Me desculpe, amiga...” – Pus-me a pensar. “Assim como você está ligada a aparelhos que te ajudam a respirar, eu também estou. *Ele* tem sido o ar que eu respiro”.

Na briga para se impor em meio aos meus pensamentos, ouvi um toque nada gutural. O celular... Era o celular! Oh não! Eu me esqueci... eu havia me esquecido de tudo. Da faculdade, do trabalho, da minha tia... Era ela me ligando. Com certeza eu iria pagar pela ausência. Pensando bem... valeria a pena, fosse qual fosse o preço!

Eu sabia que seria ruim. Pensava que ficaria ouvindo sermões atrás de sermões por horas. Mas, a realidade era bem pior.

– Como assim tia?! – Elevei minha voz em duas oitavas. – Acha que ainda sou criança?

Ela havia me telefonado por trinta e duas vezes naquele dia. Eu só percebi o toque de celular uma vez... *Uma* devido ao meu êxtase! Pediu para que eu fosse para casa naquele exato momento e ali estava eu, não acreditando no que ouvia.

– Se te trato como criança é porque é assim que você tem agido. Você tem se comportado de modo muito estranho, Estela – começou a se explicar dando passos curtos na sala onde estávamos. – Você veio para cá para estudar, se focar na sua carreira... E o que tem feito? Desaparece, não atende o celular, não tem ido as aulas, nem ao trabalho...

– Mas, precisava fazer isso? – Eu estava desnorteada. – Sabe o que isso significa?

– Eu sei. Seu pai quer que você volte... Ele está vindo.

“Não! Nunca! Jamais! O coronel aposentado *Alves* não pode me obrigar...”

Não tive coragem de lhe proferir palavras. Levei as mãos até as têmporas e sentei no tapete. Minha tia não podia ter envolvido meu pai... Não seria fácil convencer aquele *velho*. Ah, mas eu iria. Ninguém iria me tirar de perto do Adriel... Ninguém!

Daniel

– Tá... Ok... Eu entendo... Eu vou avisar... Fica tranquila.

Eu desliguei o aparelho celular, mas ainda o observava. Não exatamente para ele, mas em um momento de transe. Bem quando eu iria pedir ajuda a ela...

– O que foi Bruaco?

Como se o cérebro tivesse estalado me lembrei que estava em casa, no sofá, assistindo a um filme do qual nem me lembro mais do que se tratava. Também, pelo tempo que eu havia gasto ao telefone, sendo ainda um filme coreano legendado, muito provavelmente já nem tinha importância. Adriel estava lá, mas Natiel não. Era óbvio que ele havia reparado na conversa. Além disso, não duvidava de que ele já soubesse de quem se tratava ao telefone, mas enfim...

– Estela pediu para eu avisar que ficará algum tempo fora, na casa do pai parece...

– Na casa do pai? – Adriel franziu o cenho. Ele realmente parecia surpreso, mas, como eu havia previsto, não estranhou ser Estela a ligar.

Ela nunca havia me ligado antes... Mas, tinha o meu número depois que eu deixara uma mensagem registrada, daquela vez do acidente de Mikaela, o surto de Adriel e a minha pouca coragem.

– Parece haver problemas, mas ela garante que será apenas por alguns dias – falei sem nem mesmo fita-lo. E agora? O que eu iria fazer quanto aos meus dilemas?

– Por que ela ligou para você?

O tom de voz de Adriel mudou. Chamou minha atenção. Parecia interessado. Ele sempre fala baixo, devagar, e quando muito irritado não fala nada, mas daquela vez sua voz saiu alta. Será que ele havia reparado que eu pouco estava ligando para aquele nosso bate-papo? É claro que havia...

– Porque era o único número que ela tinha registrado com relação a academia.

– Ela não tem o número da academia? – Perguntou parecendo cético.

– Sei lá, – dei de ombros. – Vai ver ela perdeu.

– E ela não tem o número do Norberto? – Ainda cético.

– Como vou saber? – Questionei, já irritado, e o fitei. – Por que tanta pergunta?

Adriel estava olhando sério para mim e não respondeu no primeiro momento. Suspirou e voltou a olhar a televisão. Ótimo! Parecia que não iria mais perguntar nada... Vai ver ele percebeu minha irritação, é claro! Não é fácil eu ficar irritado e também considero muito os meus irmãos, mas eu precisava de espaço... Olhei para o chão, inerte, quando fui interrompido mais uma vez.

– Ela não deixou nenhum recado para mim?

Olhei para Adriel um tanto em dúvida, ele ainda estava pregado ao filme.

– Não – respondi, com a expressão franzida. – Era para ter deixado?

– Não – respondeu, sem me fitar, e finalizou a conversa.

Retirei-me da sala, eu precisava estudar.

VOLTE MEU SOL

Estela

Eu estava deitada, olhando para o teto. Pensava *nele*, óbvio. Sempre nele!

Estava em uma briga interna comigo mesma. Queria estar com ele, mas percebi que minha ansiedade estava me fazendo temer. Fiquei tempo suficiente com Mikaela, vi os olhares profundos e desesperados de Emerson... Eu passaria também por aquilo?

Comecei a temer o que Adriel pudesse me dizer, o que ele pudesse *não* dizer, o que ele pudesse sentir e não sentir...

“*Não sei quanto tempo ele vai durar*” – disse Jadir naquela vez. “*Talvez fosse melhor que ele não voltasse com vida... Esses meninos têm sofrido muito*” – disse a mãe de Vando, o vizinho.

Por que eu tenho que pensar tanto? Eu estava tão determinada a prosseguir, custasse o que custava. Mas, aconteceu algo comigo naquela noite. Sonhei com Mikaela. Sim, *Mikaela* me alertou a respeito de Adriel e me lembrou de seu estado vegetativo, algo que *ele* também poderia viver ou nem isso. Eu não conseguia ver seu rosto, mas ouvia sua voz... Ah, eu não queria ficar relembrando! Desculpe-me Mikaela, eu não quero te ouvir, não agora.

Eu estava em casa depois de... *muito* tempo. Meu pai era terrível! Voltou a fazer apelos emocionais. Desde o início ele não queria que eu saísse de casa. Deu muito trabalho convencê-lo... Até que minha tia contou tudo e lhe deu munição. Bom, também nem tanto! Pensei que eu sofreria bem mais, mas acho que tem sido bom passar uns tempos fora daquele ambiente carregado e... *encantador*.

Meus pais vivem em uma fazenda do interior, cidade pacata, conservadora; *careta* como todos. Eu sempre quis sair dali e, agora que voltei, tenho me sentido até que bem... Mas, será por pouco tempo. Mais um dia ali e eu sabia que não aguentaria. Eu sabia que aquela calma era falsa. Era como um sedativo, um estado ébrio... Assim que passasse eu conseguiria ver a realidade.

...

Será que ele também está pensando em mim? ... Não adianta! Meus pensamentos sempre

voltam para ele... Eu jamais poderia esquecê-lo... Chega de indecisões! Chega de inseguranças! A favas com tudo e todos! Eu vou voltar e lutar por nós.

Fui atrás do meu celular, a fim de falar com minha tia. Ela explicara os acontecidos no estágio e na faculdade. Disse que eu estava muito abalada pelos incidentes com alguns amigos. Foi isso que ela disse ao meu pai e foi isso que ele disse ao psicólogo que viria me ver naquela tarde. Mas, se dependesse de mim, eu já não estaria ali para recebe-lo.

Porém eu não imaginaria a surpresa que teria.

Eu havia recebido uma mensagem e era... de *Daniel*! Não havia muito tempo desde que ele mandara; uns cinco minutos. Era a primeira desde a notícia fatídica de Mikaela. No mais, eu só havia ligado para avisar de minhas ausências, enfiada naquela fazenda. É claro que eu estava esperando que ele o dissesse ao Adriel para que este tomasse ciência. Eu precisava avisá-lo!

Não sei se era boa ideia dizer ao irmão mais novo o que tinha acontecido entre nós, nem o que acontecia... Adriel tinha que falar primeiro... De qualquer maneira eu também queria saber: o que havia acontecido entre nós?

No entanto, mais importante agora era ler a mensagem. Será que algo aconteceu? Não! Livrem-me de pensamentos ruins...

Abri a mensagem!

“Já mudou de cor? Soube que aí o sol é escaldante. ”

Hein? Que tipo de mensagem era aquela? Eu ri... Não! Comecei a gargalhar. Eu estava aliviada...

Em meio a soluços e lágrimas tentei responder no mesmo tom:

“Se meu pai instalou algum sol dentro de casa pode até ser. Não reparei. ”

Eu enviei aquela curta mensagem acompanhando aquele “curto texto”. Para minha surpresa dupla, menos de dois minutos depois recebi outra mensagem. Logo a vi:

“É pecado não aproveitar o que se tem. ”

Ah, mas vejam só! Aquilo estava divertido. Respondi:

“Eu me recuso a me divertir nessas férias forçadas. ”

Mal deu tempo d’eu trocar de posição na cama e outra mensagem chegou:

“Não estrague o seu momento. Curta o sol daí por mim. Aqui está chovendo muito...”

Então respondi, tentando provocar:

“Chovendo? Não estamos na estação de chuva. Você deve estar mentindo! ”

Claro que logo chegou a mensagem:

“Está chovendo muito sim. Chove desde sua ida para aí. Parece até que levou o sol junto com você. ”

Ah! Decidi provocar novamente:

“Então talvez eu devesse voltar. ”

Ao que ele logo respondeu:

“... E logo! Traga meu sol de volta! ”

Eu fiquei um pouco mais séria. Mas, mantinha um sorriso e sentia meu interior mais aquecido. Ainda assim, aquela conversa já estava soando estranha...

– Estela, venha logo! O doutor chegou – minha mãe apareceu imponente.

Eu havia me distraído com a conversa com Daniel e nem vi o tempo passar... Não sabia que ele podia ser tão divertido!

Queria perguntar sobre Adriel de um jeito que ele não pudesse perceber meu *imenso* interesse, mas agora eu não conseguiria. Minha mãe não sairia do meu pé. Enfim, eu teria mais oportunidades. Agora, pelo menos, estávamos mais familiarizados, isso poderia facilitar muitas coisas.

Eu jamais imaginei que sairia do meu quarto, no intuito de ver um agente da saúde, especializado nas *loucuras* do ser humano, sorrindo.

Daniel

– Ôh *Gado*! – Gritei. – Você viu meu celular?

É claro que recebi o silêncio como resposta. Natiel ainda não havia voltado das andanças e eu só poderia contar com um irmão que, sendo totalmente o oposto, quase não abria a boca. Ele dizia que não gostava de gastar palavras. Só falava quando realmente era necessário... Mas, de verdade? Muitas vezes nem assim... Fui até ele na varanda de casa. Ele costumava usar o espaço

para escrever ou ler. Naquele dia ele escolhera ler.

– Hey cara, sério! Você viu meu aparelho?

Sem me olhar ele pegou o aparelho com uma das mãos, a que não segurava o livro, e me entregou, ainda segurando o encadernado e atento a ele.

– O que estava fazendo com você? – Perguntei estranhando. Ele não gostava de celulares, nem fazia questão de ter um.

Adriel bufou, fechou o livro com certa rispidez e falou me fitando:

– Você o deixou largado no sofá. Como parecia não fazer falta eu peguei para ouvir música. Viu? – Ele apontou os fones de ouvido que estava usando. – Permite que eu volte a leitura?

Adriel falou de modo satírico, como se eu não conhecesse fones de ouvido e como se eu precisasse lhe dar autorização para fazer alguma coisa. Mas, aquele modo de falar... Ele parecia estar de bom humor. Que estranho!

Eu estava saindo quando o vi pelo reflexo do vidro da porta-janela. Ele estava sorrindo! Eu me virei rapidamente para conferir, mas a expressão dele já havia retornado a seriedade.

O que estava acontecendo?

De duas uma... Ou Adriel estava ficando louco ou eu estava. Pior que o mais provável é que fosse eu mesmo.

Decidi entrar em casa novamente e cochilar... Era muito para minha cabeça.

EU VOU MORRER?

Estela

Eu não estava enxergando visto a claridade que me cercava. Eu não precisava, porém, me perguntar onde estava, pois eu já havia estado ali e muito bem me lembrava.

Haviam vários tons de branco. Sim! Não existia apenas uma definição de “branco”; para muitos povos, como os esquimós, por exemplo, como para os índios que identificam vários tons de verde. Eu conseguia ver a diferença, e naqueles sonhos eu me certificava desse fato.

Como não conseguia enxergar por além-luz fiz como me instruí da última vez. Vasculhei o meu redor, com os olhos, a fim de encontrar aquela junção de cores mais clara. Logo um feixe de luz branca "A" disparou indo em direção ao teto, o teto logo o devolveu e, ao atingir o solo, se direcionou para o meu oposto, assim foi redirecionado para a minha frente... Eu o segui.

Embora sempre ficasse apreensiva, sabia que se eu estava tendo aqueles sonhos, era porque havia algo que eu precisava saber; e ela me diria.

Chamei:

– Mikaela?

A impressão que eu tinha, outrora, era que o feixe de luz que me guiava partia rapidamente por diversas direções, mas, enquanto eu o seguia, sua jornada era vagarosa, lenta, quase que caminhávamos juntos; como se fosse possível caminhar com algo tão intangível. Continuei chamando:

– Mikaela? Cadê você?

Após muito andar, o tempo nos sonhos funciona de modo diferente então não sei precisar, eu a avistei. Ela estava de costas, com um cabelo loiro claro que reluzia e seu comprimento atingia o solo; também usava um vestido de linho branco quase tão claro como o feixe de luz. Eu tinha a impressão que se muito olhasse perderia a visão... Será que a minha retina seria danificada de verdade? O feixe de luz tomou mais a dianteira, chegou até ela e lhe tocou, a impulsionando um pouco para a frente, como se alguém lhe tivesse empurrado;

porém, Mikaela não se virou, nem se desequilibrou.

Tapei os olhos, a fim de protege-los, e chamei mais alto do que antes:

– Mikaela? Vire-se para que eu possa te ver!

Liberei alguns dedos de meu olho direito, a fim de me certificar se ela me ouvira. Ela estava a cerca de cinco metros de mim, era perigoso eu me aproximar mais; na verdade, eu não conseguia passar dali. Não demorou muito para que eu percebesse uma movimentação, ela se virava lentamente.

– Que bom que você veio Estela – a ouvi dizer, serena.

Liberei as mãos de meus olhos quando ela se virou totalmente. Sua aparência frontal não era tão ofuscante, sua face estava lânguida, algo a preocupava e eu fazia ideia do que era; isso me angustiava. Ela estava com os olhos fechados.

– Abra os olhos – pedi.

– Não sei se devo – ela pouco movia os lábios e sua voz saía baixa e harmoniosa.

– Por favor – insisti.

Ela abriu-os lentamente. Assim que o fez eu gritei e me prostrei. Gritei com muita força, mas não pude ouvir o som...

– Levante-se Estela – pediu, mantendo a calma na fala.

Com um braço tocando o outro e me envolvendo, como um auto abraço, e uma tentativa de me erguer utilizando das minhas próprias forças, assim o fiz, mas mantive o semblante ao chão e os olhos fechados. Porém, por mais que os fechasse, não era a escuridão que eu via. Mesmo com a visão obstruída, tudo era branco... Vários tons de branco!

– Olhe para mim – solicitou.

Eu neguei com a cabeça, tremulando e em agonia que estava me consumindo de corpo e alma. Pensei que eu já estivesse forte o suficiente para conseguir encará-la e saber o que ela tanto estava querendo me falar. Ela sempre fica em meias palavras, pois eu acabo não suportando todo aquele lugar e desperto atônita.

O primeiro sonho que tive com Mikaela foi logo na primeira noite da fazenda de meus pais. Embora o invólucro lembra a calma, a paz, eu me sentia completamente de forma oposta. Naquele sonho ouvi Mikaela me chamando, não chegando a vê-la e logo acordei.

Na noite seguinte sonhei novamente e pude suportar um pouco mais, porém só pude ouvi-la por pouco tempo. Ela parecia estar separada por uma parede de cristal transparente, mas ela logo desapareceu restando apenas a voz. Foi aí que ela me lembrou sobre Adriel, tudo o que ele passava e passaria... Eu não pude falar com ela nesta ocasião, não pude argumentar, questionar, o que ela queria afinal? Por que ela estava falando sobre Adriel para mim? O que ela estava tentando me dizer? Eu precisava saber mais. Mas, ao mesmo tempo, tinha medo... Muito medo! Ainda assim, tinha impressão que nunca mais dormiria em paz se não ouvisse tudo.

Era o terceiro sonho e eu já sentia minha energia sendo drenada. Eu não aguentaria por muito tempo... Ainda com a cabeça baixa, os olhos fechados, com vincos na testa, como se isso pudesse proteger minha cabeça de uma lancinante dor, voltei a falar:

– O que você quer me dizer Mikaela? Algo vai acontecer? – Minha voz saía mais baixa.

– Olhe para mim – pediu novamente.

– Eu não posso! – Neguei quase aos prantos. Por certo choraria se tivesse mais energia. Eu estava quase me ajoelhando novamente.

– Olhe para mim. – Como um gravador ela solicitou outra vez.

Percebi que ela não me diria nada enquanto assim não o fizesse. Eu ainda não tinha conseguido ver o rosto dela nos sonhos e já havia demonstrado minha fraqueza. Mas, eu tinha medo. Temia olhar para ela e não conseguir voltar mais para a vida... A minha vida!

– Eu vou morrer? – Perguntei mantendo os olhos fechados, porém levantando um pouco a cabeça. Ainda me abraçava.

– Você não vai morrer Estela – a ouvi dizer em seu tom casual.

Por um momento me aliviei, deixei os braços caírem ao meu lado. Eu ainda estava em pé, embora com os joelhos um pouco flexionados; não conseguia estica-los totalmente, nem sair do lugar. Antes, porém, que eu pudesse dizer qualquer coisa mais, Mikaela prosseguiu sua premonição:

– Você vai passar por algo muito pior do que a morte.

Senti meu coração parar de bater e inchar. Uma dor imensa invadia meu peito e eu já não conseguia respirar. Ajoelhei-me e abri os olhos em desespero, mas não vi Mikaela. Um feixe negro estava me cercando. Tentei gritar, no entanto ele me envolveu mais e por completo. Estava me sufocando! Era o meu fim...

Acordei de súbito. Estava transpirando tanto que parecia que eu havia corrido a maratona. Meu coração e respiração acelerados me faziam lembrar da adrenalina que acabara de passar. Peguei minha garrafa térmica com água, que eu deixava ao lado da cama, e a bebi. Fechei os olhos e contei lentamente, de forma crescente, a fim de fazer minha pulsação se acalmar. Assim que me abrandei, expressei-me:

– O que foi isso?

Eu nunca tive um sonho desses.

SERÁ QUE ESTRAGUEI TUDO?

Eu não conseguia dormir. Peguei o celular e me levantei em direção a varanda. Ainda estava escuro, mas não fazia frio. Eu podia ouvir grilos; isso até me soava cômico. Há muito que eu não ouvia nada mais que buzinas, palavrões e *Adriel*... Ah, *meu* Adriel. Como será que ele está? Meu coração apertou outra vez.

Chegando na varanda pude sorrir de forma nostálgica. Minha mãe havia colocado a rede como nos meus tempos de infância. Sentei ali e peguei meu celular. Será que Daniel estava acordado? Eu tinha que saber sobre Adriel... Todo o meu ser precisava saber!

Na empolgação, o celular saiu de minhas mãos, rodopiou e estatelou no chão de madeira de lei. Por sorte, ele estava com uma capa protetora, ainda assim uma parte dele foi parar alguns centímetros a frente. Recolhi as partes e reparei em um papel dobrado que havia extraído da tampa traseira do celular. É claro! O poema! *Meu* poema... Eu havia me esquecido que o havia passado a mão. Eu não conseguia digitar todos aqueles caracteres. Alguns estavam conforme nosso alfabeto, mas outros pareciam desenhos, riscos... Sei lá!

Era isso! Eu podia pedir ajuda ao Daniel; acredito que ele seria capaz de desvendar tudo. Porém, eu não poderia dizer que era de Adriel...

Como ainda era muito cedo, ou muito tarde para quem ainda iria dormir, decidi enviar uma mensagem de texto. Talvez a conversa poderia fluir melhor assim, quem sabe...

Escrevi e, meio trêmula, enviei:

“Oi Daniel. Está desperto? Preciso te questionar...”

Com a ajuda do celular, do qual eu não tirava a atenção, contei o passar do tempo e a falta de resposta. Os minutos foram passando e comecei a ficar um pouco mais impaciente, batendo o antepé direito no assoalho. Pelo jeito ele já estava dormindo... É claro! Eles sempre tinham muito o que fazer pela manhã e... Ouvi o chamado do celular quando já o havia colocado em descanso de tela. Meu coração acelerou outra vez.

Ao olhar percebi que se tratava apenas de uma mensagem da operadora. *Ótimo!* Enfim, de qualquer maneira a mensagem ficaria ali e ele logo olharia e...

Recebi outra notificação de mensagem. Ignorando a possibilidade de ser a operadora de novo, uma propaganda ou qualquer outra coisa, rapidamente deslizei meus dedos para me

certificar.

“O que você quer?”

Daniel havia me respondido. E agora? Eu conseguiria dizer? Eu tinha que tentar, por isso o incomodei... Mas, antes...

“Como vocês estão? Você e seus irmãos...?”

Pouco tempo depois d’eu ter enviado a mensagem, a resposta chegou:

“Estamos bem.”

Insisti em saber mais:

“Alguma novidade desde minha saída?”

Ao que me respondeu em menos de um minuto:

“Nenhuma.”

Ele não parecia estar tão divertido quanto antes. Pudera, eram três da manhã! Decidi tentar começar no assunto em questão:

“Preciso de sua ajuda. Tenho que decodificar uma mensagem, do tipo soneto, para a faculdade. Pode me ajudar?”

Não era de todo mentira o que escrevi, afinal eu queria usar mesmo os poemas de Adriel nos trabalhos. Logo ele respondeu:

“Mande a mensagem para que eu veja.”

Gelei-me. Eu sei que era isso que eu queria, mas será que ele desconfiaria de algo? Não, não, não creio. Uma vez Vando e ele disseram que Adriel não deixava que ninguém visse o que ele escrevia, então, como Daniel poderia saber? No entanto, o soneto poderia ser, talvez, meio... *comprometedor*. Então, adiantei já me desculpando:

“OK. Embora ache que seja apenas alguma brincadeira do meu parceiro de trabalhos, mas, se puder ajudar ficaria muito grata.”

Antes que eu pudesse enviar a foto, que ainda estava salva no meu celular, Daniel respondeu:

“Então me envie logo.”

Ele parecia mais impaciente do que eu...

Encontrei a foto e esperei carregar. Enquanto assim o fazia, recostei na rede e olhei o céu a minha frente e a distância. Ouvia os ruídos noturnos, não tão suaves, do interior; sentia o cheiro do frescor da grama, podia contemplar as estrelas e uma grande lua cheia. Será que essa *paz* seria suficiente para mim? Acho que não...

A foto havia sido carregada e enviada para o Daniel. O que ele teria para me dizer a respeito? Será que eu devia mesmo ter feito isso? Não era melhor ter pedido ajuda para o Jadir? Por algum motivo comecei a me arrepender do que havia feito, como se tivesse cometido um grande erro. Mas, o que fazer agora? Ele já estava com a foto e com o *meu* soneto.

Tentei manter a calma, fechar os olhos, continuar inebriada, mas a falta de notícia da parte dele me incomodou e o silêncio do meu celular continuou; até que eu adormeci.

O QUE É PIOR DO QUE A MORTE?

Nem percebi o momento em que peguei no sono. Dormi ali mesmo, na rede, e não tive nenhum outro sonho conturbado. Isso, talvez, poderia ter me ajudado para acalmar os sentidos, porém, ao contrário, apressei-me inquieta em verificar o celular que repousava na base de meu estômago, por fora, claro; eu ainda não o tinha engolido, mas, estava por um fio.

Não havia mensagens... Nem mesmo da operadora! Isso não era nada confortador, e eu não tinha coragem de reescrever para Daniel. O que eu iria fazer? Bem, o jeito era esperar, mas o que fazer enquanto isso?

Decidi voltar para dentro, afinal, se minha mãe soubesse que eu passara a noite na varanda viria broncas... Voltei a ser criança!

Higienizei-me, tomei café, troquei uma ou duas palavras com meus pais, que tagarelavam sobre algo da qual nem me atentei, e voltei para o quarto. Eu já estava há quatro dias na fazenda. Havia combinado com meu pai em ficar uma semana antes de voltar, mudei de ideia no caminho e mudei de novo e de novo e de novo... O que tem me acontecido? Quantas vezes terei que me questionar até conseguir me compreender, ao menos um pouco? Mikaela me responderia? Eu conseguiria vencer meus medos pelo amor que eu estava sentindo?

É claro que gostaria de voltar logo, ver Mikaela, ainda que no hospital, Jadir, Emerson, minha tia, o pessoal do trabalho e faculdade, mas principalmente, ver Adriel. E Daniel...? Por que não me respondia? Será que estava tentando decifrar a mensagem?

Eu sei que não devia, mas não consegui me desvencilhar do celular. Eu iria pirar se não recebesse logo um *signal de vida*. Decidi, por fim, mandar uma mensagem para Daniel. A favas com a coragem:

“E então? Pode me dizer algo sobre o soneto?”

Hesitei, mas enviei. Eu já estava na chuva, já estava molhada, o que eram algumas gotas mais?

Alguns minutos depois me veio uma resposta. De súbito arqueei minhas costas, até estalei uma ou duas vértebras dorsais e li o seguinte:

“Está em nosso idioma, porém com algumas letras trocadas para o coreano.”

Eu fiquei aliviada em receber aquela mensagem. Ainda que “coreano” me era de todo uma

língua estranha. Ele devia ter se empenhado para desvendar... Talvez já o soubesse! Antes que eu pudesse perguntar, insistir, suplicar, eis que me responde, em outra mensagem enviada, muito pouco depois da primeira:

“Eu sei o que significa. Mas, não poderei falar por aqui. Quando você voltar eu te direi. Volte em breve!”

Ele estava finalizando a conversa... Ah não! Eu tinha que voltar! Mas, eu estava com medo... Tinha medo de retornar e me surpreender com notícias ruins. “*Eu passaria por algo pior do que a morte*” – dissera Mikaela em meu sonho. O que poderia ser pior do que a minha morte? Eu sabia o que era, mas não tinha coragem de afirmar para mim... Na minha atual situação, algo que jamais pensei que me aconteceria, um mundo sem *ele* não fazia sentido. Eu não podia perder Adriel!

Nem percebi o momento pelo qual cochilei. Na verdade, para eu estar naquele mundo novamente, eu estava em um sono bem pesado, do qual eu só conseguiria sair se não o suportasse mais ou, o que eu estava disposta, desvendar o labirinto de brancos.

Antes mesmo de qualquer feixe de luz me chamar, eu segui minha orientação. Eu estava mais forte, mais confiante, conseguindo identificar muito mais tons de cor do que antes. Segui adiante e logo chamei, afoita:

– Mikaela? Apareça, por favor! Você precisa me ajudar. Preciso desvendar esse enigma. Preciso saber o que você quer me dizer!

Eu nem muito andei, como sentira das outras vezes, e a ouvi:

– Eu estou aqui Estela – a voz harmoniosa veio por detrás. Rapidamente eu me virei e a vi, de frente para mim, com os olhos vendados. Brancos, vários brancos, em todo aquele infinito, em todo aquele mundo conturbado, que minha cabeça estava produzindo.

– Fale-me, por favor! – Eu me aproximei dela, muito mais do que antes, mas não pude tocá-la. Algo me impedia e, desta vez, eu podia ver o que era. – O que você quer me dizer?

– Volte Estela! Volte.

– Voltar? Para onde? Para perto de Adriel? – Eu estava nervosa, enquanto ela mantinha a calma.

– Volte, depressa. Do contrário nunca mais você ouvirá o coração dele bater.

Inflei os orbes oculares em espanto. Podia sentir o aperto em meu peito e meus joelhos fraquejando. Ainda estendi minha mão até Mikaela, tentando retirar o véu que nos separava. Com muito esforço, e me encolhendo, consegui lhe tocar o ombro.

Ao invés de nos perdermos no invólucro negro da morte, foram os vários brancos que nos cercaram.

Eu despertei! Estou viva!

Antes que eu pudesse tomar qualquer atitude, ouvi o som de uma buzina. Minha tia estava lá! Era a minha deixa... Eu iria voltar naquele mesmo instante. Eu precisava de Adriel, assim como ele precisava de mim; eu sei disso... agora eu sei!

A RAZÃO DE MINHA FORÇA

Eu estava agindo quase que de forma automática.

Peguei minha mochila, com algumas poucas coisas que havia levado comigo, e voltei. A contragosto de meu pai, porém apoiada por minha mãe que parecia, naquele instante, me entender muito mais do que ele ou minha tia. O psicólogo também ajudou afirmando que não havia nada de errado comigo. É claro que não havia! Tudo estava certo agora... *Muito* certo!

Pouco prestei atenção na viagem de volta, ou na conversação da irmã de meu pai. Seria uma viagem de duas horas e trinta minutos, saímos pouco depois do almoço, então chegaríamos pouco antes do anoitecer a cidade *mágica*. Apesar de sempre ter tido a ideia de sair da fazenda, nunca pensei que me sentiria em casa em outro lugar. Aqueles poucos dias longe, porém, me fizeram perceber que o meu lar já não era aquele.

Volta e meia eu pegava o meu celular. Havia colocado os fones de ouvido, mas não estava escutando coisa alguma. Apenas queria uma desculpa para não estar prestando atenção ao falatório de minha tia.

Daniel não me mandara nada após aquela última frase.

Eu tentava me controlar. Por fora, com exceção da mão direita trêmula, eu aparentava controle, mas por dentro eu estava um turbilhão de ansiedade, pronta para transbordar e explodir. Estava feliz em voltar, óbvio, mas eu tinha medo e esse medo aumentava gradualmente conforme nos aproximávamos. Meu estômago estava doendo e eu já não estava suportando minha cabeça. Estava um pouco zozna e acabei adormecendo.

Linhas horizontais... Linhas verticais... Anil, amarelo, violeta, laranja, verde, vermelho, rosa... Linhas diagonais... Linhas se mexendo... Eu estava ficando enjoada, muito enjoada!

Despertei em desespero, logo colocando a mão na boca. Minha tia entendeu e estacionou o carro a tempo d'eu abrir a porta e vomitar.

– Mas, Estela, o que você comeu, menina? – Ouvi minha tia questionar ao longe. Eu não me lembrava mais de minha última refeição... Acredito que tenha apenas tomado café de manhã.

Retornei minha cabeça, apoiando-a no encosto do carro. Com náusea, dor de cabeça, dor de estômago, com calafrios e sudorese, e...

– Como você está pálida! – Exclamou. – Melhor irmos ao médico.

– Não precisa – falei com algum esforço e puxando ar. – Já está passando... É apenas ansiedade... Só estou um pouco nervosa.

Não continuou o falatório. Com o canto do meu olho esquerdo vi que minha tia enrugou a testa desaprovando, mas ela decidiu seguir caminho. Ela imaginava que eu ainda estava impressionada com tudo o que acontecia com meus colegas... Na verdade, eu estava muito mais do que isso. Aqueles meus colegas de piscina... Com exceção de Victória, até mesmo quanto ao professor, todos eles me envolviam. É como se cada cor de um arco íris representasse cada um deles, e a cor mais viva, a mais brilhante, era a daquele por quem meu coração sempre clamava. Empertiguei-me no banco do passageiro e tentei me refugiar em outros pensamentos. Mikaela, Emerson, Jadir, o professor... Aliás, qual era mesmo o nome do professor? E quanto a Victória? Ela quase não perdia uma aula de natação. Até tinha voltado, embora o professor não. Como ela conseguia se manter tão distante de nós? Não nos permitia aproximação ou qualquer vínculo... Não que eu fizesse questão, mas com tantos acontecimentos eu acho que... Ah, do que me adianta pensar nisso?

– Soube que seu professor de natação voltou a dar as aulas – ouvi minha tia dizer nitidamente.

Eu olhei curiosa para ela, enquanto ela mantinha a atenção na estrada. Reparei então que meus fones de ouvido tinham caído, junto com o celular. Provavelmente enquanto eu dormia.

Enquanto me abaixava para pegá-los, perguntei:

– Como soube? – Mal terminei a pergunta, bati minha testa no porta-luvas. – Ai!

Minha tia sorriu e me respondeu:

– Aquela da recepção, a Helena, me disse quando fui até lá para *trancar* sua matrícula. E tem mais uma coisa...

– O que é? – Perguntei, enquanto amparava o meu osso parietal direito, e com o olho de mesmo lado fechado.

– Eu fui colega de escola dela! Você sabia? Ficamos conversando por um tempão e...

“Ah, sério isso?” – Pensei entediada. Embora soasse como um mito imaginar Helena conversando tanto... Enquanto minha tia tagarelava, fazendo um sonoro ruído nada harmonioso de fundo, olhei para meu celular e congelei.

– O que foi Estela?

Esforcei-me para me recuperar logo, enquanto com a visão periférica vi minha tia tentando ver o que havia com meu celular que me deixara paralisada por um tempo.

– Quebrou, foi?

Eu precisava reagir. Eu precisava me mexer! Com a queda, o celular entrou em um modo de segurança, emudecendo. Mas, olhando para a tela eu podia ver. Daniel estava me ligando. Eu precisava atender!

Com um esforço, muito maior do que o normal, movi meu polegar para teclar o recebimento da chamada. Trêmula, levei o aparelho até meu ouvido mais próximo, mas nada consegui dizer... Ouvi alguns ruídos nada guturais, interferências ou não sei o quê, até conseguir ouvir a voz...

– Alô? Estela? Você está me ouvindo?

Engolindo pesarosa uma grossa saliva de mau hálito, respondi gaguejando:

– O.oi...

– Ah que bom que você está aí – ele não falava de modo aliviado. Estava tenso, falava alto, rápido... – Eu sei que você está na fazenda de seu pai, mas, é que... Ah, eu nem sei como explicar...

Daniel estava hesitante e eu não conseguia estimulá-lo. Estava com medo...

– É que estamos no hospital... – Ele continuou, enquanto meu coração palpitava. A voz de Daniel se distanciava. – Meu irmão sofreu uma parada cardíaca... – Estava mais distante. – Mas, antes de desfalecer ele pediu para te ver... Ele não vai resistir, Estela!

Daniel estava chorando e eu, aturdida, retirei o celular do meu ouvido e olhei para ele como se fosse algum equipamento de mau assombro.

– O que foi Estela? Você está ainda mais pálida!

Devagar olhei para ela.

– Fala alguma coisa! – Ela parecia gritar, sua face se alterava com rugas de expressão.

– Precisamos ir ao hospital do centro – disse por fim. Não me lembro de ter respirado, de ter piscado; na verdade me impressionava a força que eu tive para falar. Ainda assim, sentia um tremor no meu lábio inferior e uma irritação crescente na pálpebra esquerda. Não podia desabar agora... Mas, como eu me impediria de surtar? Eu não podia... Por ele eu precisava estar forte!

DUAS VISÕES

Jadir

– Olá Natalie... – Eu não estava muito seguro ainda. Embora tivesse prometido a Estela que faria aquele esforço em conversar com minha ex. Se Estela soubesse que, naquele dia em que eu disse que a visitaria, eu não consegui, acredito que ela me faria sentir pior; como se isso ainda fosse possível.

Natalie ainda estava com tampões nos olhos. Não pensei que o acidente que ela sofrera havia sido tão grave... Isso porque eu a espreitei no hospital por vários dias, antes mesmo de saber de Mikaela e Adriel por lá.

– Norberto?

Ela ainda estava irritada comigo... Ela sabia da minha aversão pelo primeiro nome, é claro.

– Como você está? – Pergunta de praxe, mas não deixava de ser importante. O pai dela havia me convidado para entrar, ao me ver “casualmente” em frente à casa. Como eu poderia negar? Aff, nem coragem de me aproximar por mim mesmo eu havia tido! Estávamos sentados no quintal dos fundos, de frente um para o outro.

– Muito bem – respondeu ela com a face desviada, como se os olhos cobertos não fossem suficientes para não me ver.

– O professor... *seu* irmão voltou a academia. Já me desculpei com ele e me expliquei a direção.

Natalie voltou a face parecendo surpresa.

– É mesmo? Você fez isso?

– Claro. Eu tinha que fazer, não é?

– Ah, que bom. Obrigada!

Eu estava totalmente sem jeito, como se não tivéssemos mais familiaridade alguma, como dois completos desconhecidos... Eu havia estragado tudo, eu sabia! Mas, eu precisava do perdão dela...

– Por favor, Natalie, me desculpe, eu...

– Está tudo bem – cortou-me ela. – O importante foi reconhecer o seu erro e consertá-lo. Agora, acho que já pode ir embora...

Abaixei a expressão. Eu também não podia querer que ela fosse esquecer de tudo tão rapidamente e continuar me tratando como antes. Mas, antes que eu pudesse me levantar, reparei no esforço que Natalie fizera para tal tarefa. Ela apoiou as mãos nas coxas, pouco acima dos joelhos, e fazia um certo esforço. Enquanto se levantava, deslizava as mãos para cima, a fim de conseguir força suficiente para se levantar por fim... Fiquei boquiaberto. Havia algo de errado ali! Era inacreditável! Como eu pude pensar em sabotagem? Como eu podia ser tão estúpido?!

Ainda pensava, enquanto me distanciava da casa de Natalie.

Ela morava a poucos quarteirões da academia e era nessa direção que eu estava seguindo, mesmo sem muito pensar. Pensei em ficar um tempo na praça próxima, mas os pombos faziam a *feita* por ali. Era mais *saudável* continuar andando e mergulhado em meus devaneios. Porém, algo me chamou a atenção. Na verdade, chamou a atenção de todos os próximos.

Não era possível ser mais um *b.o.* da academia?!

Vasculhando com os olhos por entre a multidão que já se formava reconheci algumas das figuras. Aturdido corri e abri caminho por entre a multidão. Na recepção da academia, que dava para ser vista por fora, Adriel desmaiara e estava deitado de lado. Mal ouvi o falatório e berrei para que todos saíssem de perto. Virei Adriel em dorsal e encostei minha orelha próximo a narina dele e não senti sua respiração. Peguei seu pulso e percebi que estava fraco. Comecei a massagem cardíaca enquanto gritava para os próximos:

– Chamem a ambulância, rápido!

Não sei por quanto tempo prossegui massagendo até a chegada dos paramédicos. Eu estava desgastado, aturdido, desolado... Tudo estava acontecendo de uma vez! E onde estavam os irmãos dele? Onde estava Daniel?

Daniel

Eu estava exausto e acordei alarmado.

Ultimamente era assim que eu me sentia: cansado, fadigado, sonolento... E quanto mais eu

dormia, mais cansado eu parecia ficar. A verdade é que eu estava estressado. A rotina estava me pesando muito.

Eu estava realizando *todas* as tarefas domésticas. Minha mãe quase nunca aparecia, meu pai havia meses que eu não via, Adriel não conseguia me ajudar muito e Natiel, que costumava me ajudar mais, deixara as tarefas para aderir aos *limites* da vida. Eu também estava estudando, então, quase não me restava tempo para nada, nem para respirar.

Ainda havia toda a rotina exaustiva fora de casa com médicos, terapeutas, academia...

Pior é que minha exaustão estava tamanha que eu havia pegado no sono ainda na academia, na aula de yoga.

Acordei assustado, ainda estávamos em aula e busquei pelo meu celular para conferir a hora. Estranho! Ele não estava comigo...

– Com licença professor... Preciso falar com o Daniel.

Logo me virei para conferir quem me chamava. Era o professor de natação de Adriel! Apressei-me em alcançá-lo, já alarmado. Não eram boas as notícias... Eu podia ver que não eram.

Pude ir com Adriel na ambulância. Havia conseguido reanima-lo, mas ele estava muito fraco. É claro que estava... Como eu podia ter me distraído tanto? Não podia ter pego no sono assim... Enfim, eu também não teria conseguido evitar o ocorrido.

– Hey *Bruaco* – falou rouco. Ele estava pálido e fazia esforço.

– Por favor irmão, não se esforce. Você não pode... – Eu não consegui continuar a frase. Eu sabia que esse dia chegaria, mas não queria; meu irmão não podia me deixar...

Percebi que ele fazia um esforço com o braço direito por baixo do lençol. O ergui e vi que ele segurava meu celular. O que ele fazia com meu aparelho?

– Avise a Estela, por favor... – Sua voz fraca e sua expressão pareciam denunciar um possível delírio. Por que ele queria que eu a avisasse? E por que ele estava com meu celular novamente?

Adriel adormeceu e o celular caiu ao chão antes que eu pudesse pegá-lo.

O AMOR ENROLADO / CERTEZA DA QUAL NÃO QUERO TER

Estela

Não havia lados, não havia atrás, acima ou abaixo, só havia a minha frente!

Estava ventando demais, mas eu não permitiria que isso me atrasasse.

Sem me explicar, deixei minha tia para trás enquanto ela estacionava o carro próximo ao hospital. Não sei nem ao menos se ela proferiu algo, isso não me importava. Mais uma vez eu estava determinada. Mais uma vez eu estava com um único foco.

Diferente da outra vez em que eu não sabia onde Adriel estava, em que eu tentava argumentar com a recepção, com enfermeiros, com conhecidos, eu segui adiante no hospital. Passei pela recepção, mantendo-me concentrada, e como nos sonhos em que Mikaela me guiava por meio de suas luzes brancas, continuei. Não sabia como, apenas sabia, que tinha que virar à esquerda e subir para o andar de cima, antes de chegar ao final do corredor. Cheguei a pensar que estava indo para o quarto de Mikaela, mas, ao me aproximar, percebi que meu destino era o de frente ao quarto dela.

– Estela? – Daniel se levantou. Ele estava vermelho, olhos inchados, havia chorado muito...

Adriel estava com os olhos fechados, com um prong nasal para ajudá-lo a respirar, ligado a aparelhos que bipavam como os de Mikaela.

Eu me virei para Daniel percebendo sua aproximação e lhe pedi, com uma voz diferente da minha. Estava séria... estava decidida!

– Pode me deixar sozinha com ele?

O irmão me fitou curioso, mas não disse nada, apenas assentiu e saiu. Não era hora para explicações, o que eu acreditava que ele queria, mas havia algo mais forte, mais grave acontecendo.

Eu me aproximei devagar, não deixando de fitá-lo. Ele não estava bem, mas eu sabia que estava consciente. Não sei como, mas sabia!

Sentei na poltrona ao seu lado direito e peguei em sua mão, sem nada dizer. Com minhas

duas mãos, levei a dele até meu rosto e a beijei.

– Sua mão está fria... – Falei, por fim, enquanto mantinha a mão em meu rosto, olhos fechados, acariciando-me.

– Estela?

Levantei meus olhos de súbito e o observei sorrindo para mim. Nossos olhares se encontraram e ele mexeu os dedos da mão que eu ainda segurava, continuando a carícia voluntariamente. Sorri e abaixei os olhos. Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Após algum tempo Adriel levantou meu queixo, me forçando a vê-lo, e falou, mais sério:

– Preciso te mostrar uma coisa.

Ele estava com a voz fraca, mas eu ainda estava impressionada demais, feliz demais e, ao mesmo tempo, triste demais... O observei enquanto ele movia as duas mãos em busca de algo que parecia preso ao pescoço. Apressei-me para ajudá-lo. Era uma corrente que tinha um pingente de anel e... tinha algo mais ali! Algo envolvia o anel... Será que...? Enquanto eu observava o artefato, ainda confusa, ele falou:

– Natiel possui uma touca que diz que o protege, eu possuo esse anel.

– Mas... – comecei, mas ele me cortou:

– Você não percebeu, não é? – Adriel olhou para o teto, sorrindo, e continuou: – No dia em que tivemos aula de piscina, só nos dois, eu peguei um fio do seu cabelo.

Eu pisquei pela primeira vez que eu tenha tomado consciência. O que ele estava dizendo? Eu não podia acreditar... Não era outro sonho, era?

– Eu o enrolei nesse anel e não me separei mais dele – continuou. – É minha proteção, minha motivação e...

Ele não conseguiu continuar. A expressão de Adriel mudou, ele apoiou a mão no tórax, ele estava sentindo dor e eu comecei a sentir também.

– O que foi? Adriel? – Perguntei em pânico, mas ele não me respondeu. Os *bips* estavam muito altos. – Eu preciso de você Adriel! Por favor... Apertei a campainha de ajuda, gritei e segurei a mão dele novamente. Ele desfaleceu...

Freneticamente voltei a beijar a mão dele e repeti por várias vezes, enquanto ainda segurava a corrente com anel na outra mão, e os olhos bem fechados a fim de suprimir as muitas

lágrimas: – Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo...

Emerson

Eu podia ouvir o agito no outro quarto, enquanto no de Mikaela nada mudava. Eu ainda não sabia se isso era bom ou ruim... Queria acreditar que era bom... Ah, como eu queria! Chegaram, então, os pais dela. Os dois, juntos! Era a primeira vez que eu os via juntos! Eles não pareciam muito bem...

– Olá senhores – cumprimentei, me levantando. – Aconteceu algo?

Eles não desviaram os olhos de Mikaela e começaram a chorar. Como se eu não estivesse ali eles passaram por mim e foram até ela. Estarreci-me! Um médico se aproximou e vi o olhar dele.

– O que está acontecendo doutor?

Ele já me conhecia e se compadecia de minha dor. Eu sabia que ele me responderia. Mas, ao invés disso, ele segurou em meu ombro e abaixou a cabeça, balançando-a em negativa. Era o bastante... Empalideci!

Mikaela estava fazendo alguns exames nas últimas horas com muito mais frequência. Eu havia ouvido para que fim eles teriam, mas não acreditava em sua confirmação. Porém, naquele instante, eu pude ter a certeza da qual eu nunca quereria ter tido.

Mikaela havia tido morte encefálica. Ela não estava mais entre nós...

DA DOR A ALEGRIA

Estela

O tempo passava, mas eu não conseguia vê-lo. Tudo parecia estar caminhando no modo automático, embaçado, distorcido, em ruídos e odores diversos me confundindo.

Assim que saí do quarto de Adriel, no hospital, retirada sob pressão pela equipe médica, caminhei, absorta e aflita, até o local de espera mais próximo. Sentei-me em uma das cadeiras e ainda conseguia ouvir, ao fundo, os passos, as conversas, o som provido da televisão que estava à frente... E não sei quanto tempo depois eu fui perceber que não estava sozinha.

Eu olhei para o lado e vi Daniel com as mãos na testa, sentado, apoiando os cotovelos nas coxas em prostração. Ouvia pequenas lamúrias e me toquei de que, talvez, eu devesse lhe falar algo... Mas, não consegui. Voltei a olhar para a frente e levei a corrente de Adriel a boca; a beijei e a coloquei em volta de meu próprio pescoço. Abaixei a cabeça. Eu me sentia na forca.

Eu ainda mantinha um estado de transe e, não sei bem o que falei, quando minha tia se aproximou. Na certa, ela entendeu que eu precisava de espaço e me deu um tempo.

Logo outros foram chegando. Vi Natiel algumas vezes, sempre de touca, com uma expressão preocupada, mas nunca permanecendo no mesmo lugar por muito tempo. Vi a mãe deles, um praticamente milagre, amparando Daniel que precisou se retirar por diversas vezes a fim de tentar recuperar o equilíbrio emocional, incluindo o recebimento de medicamentos por meio de acessos.

Observei Jadir se aproximando e me falando qualquer coisa sobre a Natalie, sobre os poemas de Adriel... Ouvi algo referente a ter conseguido, por meio de um primo editor, a avaliação para publicação. Ele ainda falou qualquer coisa referente a volta firme na faculdade e a decisão de trabalhar em hospitais.

Ainda vi Emerson sorrindo fraco e tentando me consolar falando alguma coisa da qual não entendia muito bem. Ele dizia que a vida continuaria... Por certo eu estava sabendo da morte de Mikaela, mas não parei um só instante para pensar no assunto. Eu não estava entendendo mais o que era a *vida*.

Eu ainda permanecia em meu estado sério, cabisbaixo e ligeiramente afastado. Era como se

eu estivesse em outro mundo, numa tentativa de me afastar do que poderia estar me matando neste.

Não queria sair dali mas precisei fazer isso por alguns dias. Adriel foi reanimado e estava sendo mantido em uma série de exames e treinamentos exaustivos no hospital. Não tinha tempo para vê-lo. Na verdade, nem mesmo os irmãos o estavam acompanhando muito. Os médicos pareciam temer o abalo emocional, então só permitiam a presença dos pais.

Eu pude ver, umas duas ou três vezes, o pai de Adriel, a distância, assim como a mãe. Ela, por vezes, era repreendida por fumar no local e o pai parecia quase que indiferente a situação, como se fosse algo rotineiro, uma espera certa. Chegavam a me enojar.

Quanto aos sonhos... Eu sei que tive alguns, mas não me lembrava deles. Eu quase não dormia.

O dia do velório e enterro de Mikaela havia chegado. Como se afastasse toda a ventania, e numa tentativa de abrandar e aquecer nossos corações, o sol apareceu. Eu iria, é claro, e Jadir e Emerson me aguardavam na saída de casa.

Não trocamos muitas palavras e nem demonstramos nosso desespero interior. Na verdade, naquele dia, não sabia bem por que, eu estava me sentindo mais leve; um consolo refrigerador parecia estar tomando conta de mim. Eu senti vontade de agradecer...

Por algum motivo eu despertei e, enquanto o velório seguia, em um caixão fechado a pedidos da família, eu sorri e deposei uma margarida para Mikaela. Não me lembrava quando foi a última vez em que eu sorrisse. Junto a uma lágrima, eu sussurrei em direção a ela:

– Obrigada amiga... – Ela estava me ajudando, eu sabia!

Eu estava mais composta e minha atenção havia melhorado. Eu não sabia quantos dias haviam se passado desde a minha última fala com Adriel, mas sabia que não era a única que havia parado no tempo. Pude ver Daniel, de canto, na cerimônia fúnebre. Estava se amparando a uma parede, como se já não tivesse tantas forças para manter a posição ereta, e cabisbaixo como eu me lembrava; embora aparentando menos desespero. Fui até ele.

– E então? Como estamos? – Perguntei como se o estado de Daniel pudesse se refletir ao meu.

Nós não trocamos muitas palavras desde o ocorrido, nem mesmo pelo celular.

Ele levantou o semblante abatido e me respondeu com voz fraca:

– Ah, oi Estela! – Disse com a surpresa de me ver. – Estamos melhores...

– Alguma novidade?

– Muito grande – respondeu ele elevando as sobrancelhas, como se precisasse de força facial para conseguir emitir som suficiente, e continuou: – O transplante será feito. Foi decidido nesta manhã.

Senti palpitar o coração e os arredores sumir de repente. Minha surpresa, eu sabia, estava estampada em minha face.

– Acharam um doador compatível?

Daniel assentiu.

De súbito direcionei-me o olhar para o caixão de Mikaela, que já estava seguindo para o jazigo. Era dela! Eu sabia! Tinha certeza de que Adriel ganharia o coração dela. Ela estava viva e permaneceria por muito tempo... A vida dela salvaria o *meu* Adriel!

Olhei para o céu, sentindo uma leve brisa de outra dose de conforto, e deixei que as lágrimas jorrassem de meus olhos. Toquei no anel do colar, que sempre levava comigo e me alegrei.

PROJETO DE VIDA

– Então é isso pessoal – falava no trabalho. – Preciso de pessoas dispostas a doar sangue. Sabem que muitas vidas podem ser salvas com esse simples gesto? Quem está disposto a vir comigo? Amanhã, pela manhã, nos encontraremos na frente do hospital do centro.

Apontei para um papel e continuei:

– Assinem aqui confirmando presença, por favor.

Eu já havia convocado os colegas e professores de faculdade. Passado, inclusive, em salas de outras turmas para fazer o apelo.

Jadir estava empenhado também em chamar os colegas fisioterapeutas, professores e o pessoal da academia. Tudo indicava que conseguiríamos um grande número de pessoas dispostas a doar sangue.

Tínhamos um impulso grande, claro, afinal Adriel precisaria de sangue. Mas, o intuito era maior... Maior do que qualquer pessoa e coisa. Estávamos dispostos a ajudar, mesmo que um pouco, a grande gama de pessoas que sofrem com a espera de uma simples transfusão sanguínea, o que gera um grande risco de morte.

Eu estava animada como há muito tempo não ficava. Isso tranquilizou muito meus pais, que nos visitaram uma vez desde minha volta, e também minha tia. Ela até topou fazer a doação também.

Eu já havia doado, assim como Jadir, Emerson, Daniel, Natiel, até mesmo os professores da academia, como o nosso mestre bonitão da piscina, e irmão da Natalie, e mesmo Victória.

E, naquele dia em que eu havia marcado com um grupo da faculdade a ida ao hospital, encontro Natalie na recepção do prédio de doação. Enfim, com os olhos desobstruídos e com uma aparência mais relaxada, embora sempre muito bem vestida e maquiada. Assim que me viu sorriu para mim e veio em minha direção. Será que ela sabia quem eu era? A única vez que “nos vimos” ela estava com tampões nos olhos...

– Oi Estela – falou animada. O que respondia a minha questão.

Eu a cumprimentei de modo afável:

– Olá! Que bom te ver bem.

– Digo o mesmo de você – respondeu mantendo a alegria refletida no olhar. – Embora eu tenha te visto apenas de relance na academia e, na vez em que me visitou eu ainda estava com os olhos tampados, pude te reconhecer por indicação. Precisava cumprimentar você!

Franzi o cenho em dúvidas. O que ela logo respondeu:

– Vim doar meu sangue. Ah, é claro que você percebeu! – Disse apontando para o óbvio ambiente em que estávamos. – É linda a campanha que vocês têm feito para ajudar Adriel e as demais pessoas... Andam falando bastante na academia a respeito.

– Obrigada – respondi, mantendo um tom de dúvida e uma certa distância dela, só para me assegurar. O que ela estava querendo comigo?

– Sabe, eu os conheço há bastante tempo... Adriel e os irmãos!

– Ah, sim – respondi em concordância, lhe cortando. – Soube que Natiel e você estudaram juntos.

– Ân.han – afirmou. – Natiel sempre esteve muito preocupado com a situação do irmão, sabe, o Adriel. Embora ele não tenha costume de demonstrar a todo momento.

Natalie fez uma pausa para rir. Eu estava séria e mantinha a expressão em dúvida, a estimulei a continuar:

– Certo...?

– Então, – continuou após uma pausa para respirar, – Ele ficou bem mais tranquilo.

– Ah, claro – concordei. – Adriel ganhará um novo coração e poderá viver mais e melhor.

– Não Estela – falou olhando diretamente para mim e parecendo se divertir. – Estou falando de antes disso. Natiel percebeu que Adriel estava diferente, mais animado, nos últimos tempos. O que mais gerava preocupação aos irmãos era a possibilidade, forte, dele desistir da luta e entregar a própria vida.

– É mesmo? – Perguntei em incentivo.

– Isso mudou...

Ela fez uma pausa. Parecia analisar minha expressão e continuou:

– ... Desde que ele te conheceu!

Por certo eu ficara surpresa. Isso pareceu diverti-la mais.

– Não sei se você sabe... Mas há uma torcida forte por vocês dois!

Minha surpresa ficara maior e tive de perguntar:

– Do que está falando? Que torcida é essa?

Ela riu e, logo após, falou, colocando a mão em meu ombro:

– Estamos com vocês!

Natalie se virou e seguiu para a sala de doação, saltitante, deixando-me com as dúvidas... Ah, mas o que isso importa? Em breve eu teria Adriel e por muito tempo, isso sim era o mais importante!

Jadir conseguira um espaço e tempo durante a semana acadêmica de sua área para palestrar a respeito da doação de órgãos. Eu estava acompanhando e distribuindo alguns folhetos informativos, quando fui abordada por alguém menos descorado do que outrora:

– E agora Daniel? – Perguntei sorrindo, lembrando de nossos últimos encontros. – Como estamos?

Ele sorriu mais disposto e respondeu:

– Será hoje à noite!

– Sério?

Não resisti a notícia e lhe dei um abraço. Adriel finalmente receberia o novo coração. Afastei-me com um leve constrangimento, de ambas as partes, mas logo esquecido. Lhe perguntei:

– Fale-me mais sobre ele!

Os médicos não estavam liberando visitas de terceiros e, mesmo Daniel continuava pouco lhe visitando. Claro que pensei, muitas vezes, em invadir o hospital; não seria minha primeira loucura, mas Adriel me mandava recados por meio de Daniel, em suas poucas visitas, e me pedia paciência. Ele parecia sempre saber como eu me sentia.

– Ele está bem, Estela. Animado como nunca vi – disse sorrindo, porém logo anuviou. – Mas...

– O quê? – Fechei a expressão. – Qual é o problema?

– Apesar do ânimo, ele não parece seguro...

– Como assim? Ele tem dúvidas sobre a recuperação?

– É o que parece... – Falou em desânimo.

– Mas, por quê? Os médicos disseram algo?

– Não, não... Acontece que ele passou por muita coisa Estela. Acredito que nem você poderá torna-lo mais otimista.

Daniel me fitou lânguido.

Natalie me dera pistas e eu já desconfiava que muitos sabiam o que havia entre Adriel e eu. Ou pelo menos, achavam que sabiam. Nós não tivemos tempo suficiente para conversarmos sobre o que realmente nos acontecia. Eu ansiava muito por esse momento e estava tentando ter a paciência que Adriel me pedira, mas depois de ouvir Daniel eu a quebraria. Não podia esperar mais e nem deixa-lo só... *Não mais!*

– Obrigada por vir me falar pessoalmente – falei-lhe sorrindo, disposta a logo encerrar a conversa e dar o próximo passo adiante. Mas, ainda brinquei, tentando lhe aliviar a expressão – Nada de mensagens de celular desta vez...

Daniel pareceu não entender o que eu disse, e expliquei:

– Sabe... Do tempo em que fiquei fora da cidade!

Ele pensou um pouco e respondeu:

– Estela... Eu só te mandei uma mensagem e esta foi pouco depois do acidente de sua amiga. Do que você está falando?

– Você está brincando, não é? – Minha expressão divertida foi tomada por um espanto sem dimensão. – Então quem...?

Daniel ainda me fitava curioso. Interrompi minha pergunta, entendendo tudo, e me direcionei a saída do anfiteatro, apressada e surpresa.

– Para onde você vai? – Perguntou Daniel.

– Tenho que resolver algumas coisas... Se puder, avise ao Jadir.

Não pude ver o que Daniel fizera após o meu dito. Eu estava com pressa! Tinha de confirmar o meu destino e seria naquele mesmo dia.

EIS O MEU DESTINO

Corri o mais rápido que pude. Um turbilhão de emoções tomava conta de mim e eu me sentia mais viva do que jamais estive.

Eu sei, não seria nada fácil... Eu poderia desanuviar... Seria bem mais fácil não me importar. Mas algo em mim insistia em continuar. Algo em mim insistia que eu devia com ele ficar e o preço por isso pagar. Era o meu destino! Era a minha vida!

Por muito passei até aqui, desviando da rotina que eu criara para mim mesma, deixando a precisão do tempo de lado, enfrentando obstáculos, enxurradas, tufões, morte de uma amiga que, apesar de ter partido, parecia não se cansar em tentar nos ajudar.

O que eu diria para mim mesma se eu pudesse voltar no tempo? Voltar para o momento em que eu havia acabado de chegar à cidade com ânimo e foco? Quando pensei que faria alguma atividade física e que, indiretamente, se tornaria tão importante e seria tão decisiva para mim? Eu teria continuado? Pausei o pensamento, mas logo tive a certeza: “Sim, eu teria! ”.

E foi desviando de vários obstáculos como greve de operários, filas que ocupavam as calçadas em casas de câmbio, bancos, lotéricas, pois estavam prestes a se fechar. Trânsitos intermináveis de automóveis, mesmo em ruas, não apenas em avenidas. E estava prestes a chover... Mas, o que poderia me parar? Eu enfrentaria ventos, marés e tempestades, era um preço baixo a se pagar.

Porém, de repente, tudo mudou. Antes eu estava brigando contra o vento, agora ele estava a meu favor. Era como se ele percebesse minha firme decisão e soubesse que seria inútil continuar nesse *braço de ferro*. Também vi a minha frente livre, independente dos lados, naquele momento. A vida estava me mostrando o caminho e apoiando o meu destino.

No entanto estaquei em uma grande barreira ao chegar no hospital.

– Não estamos em horário de visita. Volte daqui cinco horas! – Informou-me uma moça na recepção.

Ah, o tempo! A barreira era ele, sempre tão cruel, tão vil, nada ajudador.... Querem saber? Pois a favas com ele! Estava na hora de mostrar ao tão pesaroso *tempo* quem mandava!

Olhei firme para a moça, quase com raiva, que havia me direcionado a palavra, mas ela logo desviou o olhar se atentando a qualquer outra tarefa. Eu sabia o que tinha que fazer. Deu

certo na academia uma vez e eu não tinha o que perder ali.

Levei a mão ao estômago, me retraindo, e desmaiei.

Temi que se dessem conta da atuação, mas, consegui o passe. Logo me colocaram em uma maca e me levaram por um longo corredor. Eu não consegui ver por onde ia, pois mantinha os olhos bem fechados.

Fizeram como pensei. Ainda que, no fundo, pudesse desconfiar de algo, eles não arriscariam um processo ou, pior, um escândalo da imprensa por não terem atendido alguém que passara mal aos olhos de tantas pessoas que estavam aguardando ali, naquele dia.

Deixaram-me num local e arrisquei abrir um olho.

Era um quarto minúsculo que, embora não tivesse qualquer pessoa ali dentro, muitas perambulavam nos corredores. Logo alguém, um auxiliar de enfermagem talvez, se aproximou e fechei o olho rapidamente. Ele esticou o meu braço e senti as pancadinhas com a mão enluvada em minha articulação do cotovelo. Não consegui ver se era homem ou mulher, apenas havia observado o vulto do jaleco.

Senti que amarrava meu braço com um elástico e parecia estar pronto para me espetar. Se fosse algum tipo de tranquilizante eu perderia muito tempo e tempo era o que eu já não tinha. Se esperasse mais não conseguiria ver Adriel antes da cirurgia. O tempo... o tempo... Ele é o maior vilão da minha história!

Tentei manter a expressão relaxada, mas minha vontade era de contraí-la por inteiro e não mais sufocar o grito iminente.

Abafei a preocupação e me concentrei em não permitir que meu organismo desfalecesse de verdade com o que é que fosse que eu receberia. Quando, para minha extrema surpresa, a mão enluvada tocou em meu ombro me dando uma leve sacudida.

– Acorda menina! – Era a voz de uma mulher.

Não resisti mais e abri os olhos. Estava alarmada. Haviam me descoberto!

– Acalme-se, não se preocupe...

A moça da recepção! Eu não podia me acalmar... Ela iria me expulsar!

Retirou o elástico de meu braço e tirou as luvas das mãos. Junto com elas estava uma

seringa que foram para uma lata de lixo com saco branco e a agulha para uma caixa de papelão disposta numa mesa. Mas, o que significava aquilo? Ela não havia usado nada em mim...

Ao invés de me falar qualquer coisa mais, ela sorriu vendo minha expressão aturdida, me deu as costas e se direcionou para a saída. Foi quando intervi:

– Para onde você está indo? O que fará comigo?

Ela parou e, sem se virar, me respondeu quase em sussurro:

– Eu já tive a sua idade... – Suspirou e continuou: – Melhor se apressar, mas lembre-se: eu não disse nada a você, apenas te mediquei.

Pude ouvir perfeitamente o que ela havia dito, pois, além de ter boa audição o cubículo em que estávamos proporcionava-nos um eco suficientemente audível.

Eu não tinha tempo para analisar o que havia acontecido. Como ela mesma havia dito: *eu precisava me apressar*. Ela saiu e logo fui atrás, agradecida.

Ainda que muitos passassem pelos corredores, uma vez que eu estivesse ali dentro, ninguém me impediria de ir até a enfermaria; isso claro, se pensassem que eu fosse visitante, e estivesse tomando conta de alguém fora do horário de visitas.

Como o hospital era agitado, não me direcionaram qualquer atenção, então pude ir até o quarto de Adriel sem me preocupar. Mas, eu não contava com outro grande obstáculo...

– Onde ele está? – Perguntei para o léu, pois não havia ninguém ali e a cama já estava arrumada.

Será que haviam adiantado a cirurgia? Seria possível eu ter falhado depois de tanto?

Ainda assim, eu sabia que não tinha opção de desistir. Saí procurando pelos demais quartos do corredor, tentando manter a compostura a fim de não chamar tanta atenção, porém o desespero começava a tomar conta de minha alma. Até que alguém percebeu a minha presença.

– O que faz por aqui?

Estava de costas e senti a nostalgia me batendo como um choque. Virei-me assustada. Era o mesmo profissional de jaleco verde que quase me barrara em outra ocasião, quando também procurava por Adriel. Seria possível ele se lembrar de mim? Como eu escaparia desta?

Ele, com uma expressão impaciente, aguardava minha resposta.

– E.eu... – Comecei a balbuciar. Eu estava nervosa! Saindo de mim! Precisava me

controlar. Ele não podia me reconhecer vendo tanta gente... Porém, mais uma vez fui tomada pela surpresa quando ele aliviou a expressão impaciente, tocou em meu ombro, como a enfermeira anterior e falou com um sorriso e de modo sussurrado, me olhando diretamente nos olhos:

– Corredor de cima, terceiro quarto.

Logo retirou o sorriso e, como a enfermeira, me deu as costas e continuou sua rotina.

Fiquei estática por um tempo, ainda alarmada. O que estava acontecendo? Poderia ser possível? Só podia haver uma explicação e ela *não* era lógica: assim como o vento, o trânsito, o mar de pessoas, ali também estavam a meu favor. Será que o que a Natalie falara era verdade a ponto de traspasar barreiras das quais eu nem imaginava? Tudo e todos poderiam estar conosco?

Ri, mal sufocando um soluço, e me apressei. Eu estava cada vez mais confiante, afinal o *nosso* destino estava sorrindo para *nós*!

“Me espere meu amado... Eu estou chegando!” – Pensei em lágrimas.

SEM VOCÊ NÃO POSSO ANDAR

Cheguei ao andar que me indicaram e diminuí o passo. Ainda assim andava com firmeza, sentindo que meu coração batia tão alto quanto cada pé meu ao tocar o solo. Poderia parecer impressionante que ninguém mais percebesse tamanha vibração, mas era assim que funcionava. Ninguém mais importava.

Eu finalmente veria Adriel e lutaria com o *tempo* mais uma vez e quantas vezes fosse preciso.

O enfermeiro, auxiliar, ou sei lá quem que havia me informado a respeito do quarto, estava certo.

O ambiente estava mal iluminado. A janela era ampla e estava entreaberta. Devido a breve tormenta, embora ainda fosse dia, a noite chegara mais cedo.

Eu não conseguia enxergar direito... Ainda assim, eu sabia que era Adriel quem estava ali. Eu podia senti-lo. Ouvia sua respiração e quase que podia tocar seus pensamentos... Eu não precisava mais agir pela lógica.

Minha visão começou a se acostumar com a pouca claridade. Eu podia ver uma grande árvore com suas folhagens “dançando” no ritmo do vento. Inspirei profundamente enquanto fechava os olhos. Consegui sentir o aroma da chuva que estava chegando e me adiantei.

– Adriel? – Chamei.

Não obtive resposta. Aproximei-me do leito e insisti:

– Adriel? Pode me ouvir?

– Estela?! – O ouvi, com a voz não muito elevada, parecendo surpreso. – O que faz aqui?

Parecia que ele não podia prever tudo o que eu faria, afinal.

Já conseguia ver um pouco de suas feições. Ele não estava mais utilizando de nenhum equipamento como ventiladores e eletrodos. Era para a cirurgia... A breve cirurgia! Logo viriam buscá-lo.

Podia ver os olhos de Adriel surpresos. Senti a sua ansiedade! Estava esperando por mim, pelo que eu pudesse dizer ou fazer. Inclinei-me para mais próximo dele e sussurrei em seu ouvido:

– Eu estou aqui, querido, e não mais sairei.

Ergui-me devagar e retirei o colar que levava, o colar que a Adriel pertencia com um pouco de mim nele. Debrucei-me e coloquei nele, mesmo sabendo que não poderia entrar com aquele objeto no centro cirúrgico, e o beijei. Um beijo apaixonado e desesperado. Ansiava por senti-lo, por vive-lo, por tocá-lo... Eu não podia suportar mais.

Com minhas mãos ainda presas em seu pescoço o envolvi e o apertei contra o meu peito. Sentia que o desespero não era exclusivo meu. Ele estava tão ansioso quanto e me prendeu pela cintura. E não havia mais nada, não havia mais ninguém, não havia o sacolejar da tempestade, o ruído dos ventos, o tilintar das gotas de chuva ou o arranhar dos galhos das árvores nas janelas. Não havia mais o hospital, nem enfermeiros, médicos, anestesiastas, enfermos e seus acompanhantes. Naquele instante só havíamos nós dois prontos para nos tornarmos um.

Sentia o seu ofegar se confundindo com o meu e eu já estava delirando.

– Adriel... – Sussurrei.

– Estela... – O ouvi dizer. – Eu te amo.

Senti que estava queimando. Eu o amava mais do que tudo... Mais do que a minha própria vida.

Oh meu maior vilão! Percebe que não me venceu nem o pode mais? Finalmente se convenceu de que não preciso mais de você?

Eu não estava ciente do *tempo* e estava ainda desnorteada. A minha volta não existia, somente *ele*. Eu precisava dele! Não podia mais continuar sem ele! Ele tinha que lutar por nós! E foi quando me lembrei... Adriel faria a cirurgia em breve e, golpeando os meus tímpanos, eu podia ouvir os pesados passos que, sem dúvida, eram dos que o tirariam de mim.

Deitando ao seu lado, ainda abraçada a ele comecei a chorar. Ele me abraçou mais, me beijou a testa e, com voz rouca, fez um pedido:

– Cante para mim.

Apesar de minha súbita surpresa, eu não conseguiria nada lhe negar. Não mais! Mas, eu não sabia cantar... Além do mais, eu não conseguia controlar as lágrimas que ainda jorravam de meus olhos. Eu não estava muito atenta para me lembrar de uma música específica, mas logo me surgiu a lembrança de uma internacional que me embalava na infância, me apaixonava na

adolescência e me inebriava naquele instante. Sabia que não conseguiria manter a afinação, mas tentei cantar, com alguns engasgos e soluços:

“You raise... me up... so I ..can stand on... mountains... You ..raise me.. up... to walk ...on stormy seas. I am ..strong... when I.. am on... your shoulders.., You raise.. me up... to more.. than.. I.. can.. be...” (4)

Tivemos que nos separar. Era hora da cirurgia.

Ainda chorava, sua ausência me era muito dolorosa. Sentia-me com frio, inquieta, desprotegida... desolada. Tiraram parte de mim! Mas, meu coração afirmava que aquilo não seria por muito tempo. Ele iria voltar... Para mim, ele iria voltar! Mas, o que eu faria até lá?

Percebi, em desespero, que não conseguia andar... Naquele momento eu não conseguia sair do lugar e uma imensa dor tomou conta de mim.

“Volta Adriel! Meu amado...” – Em pensamentos eu me desesperava e, prostrada ao chão daquele quarto de hospital, agora solitário, esforçando-me para me arrastar, finalmente gritei com tudo o que eu ainda tinha de forças.

EPÍLOGO

Adriel

Eu *não* estava enervado! Eu estava envolto em uma paz quase que perturbadora.

Porém começava a me incomodar aquele farfalhar todo. Onde eu estava afinal?

Logo o breu que me cercava foi sendo irrompido por luzes faiscantes. O barulho a minha volta estava aumentando, assim como as cores. Pareciam tentar me trazer a alguma realidade... Mas para onde me levariam? Qual vida me chegaria? Para que realidade eu estaria destinado? A que sempre tive? Não... Não... Eu jamais voltaria para a vida que eu sempre tive, disso eu me lembrava e sempre me lembraria! Como tudo havia mudado para mim nos últimos meses... Será que eu deveria voltar? Ah, eu sabia que não havia nada mais que eu pudesse querer.

Mas será que...? Espera... Isso deve ser... Sim! Eu posso ver a vida!

De súbito despertei.

– Adriel? Consegue me ouvir?

O médico analisava minhas pupilas quando eu respondi e o interpelei:

– Sim. O que aconteceu? Quanto tempo fiquei aqui?

– Tenha calma, sim? – Pediu, guardando a lanterna clínica e abrindo um sorriso. – Ao que tudo indica a cirurgia foi um sucesso.

– Mas... – Na tentativa de elevar a cabeça, senti um enjoo e voltei a apoiá-la, não conseguindo contra argumentar.

– Acalme-se Adriel. Você acabou de ganhar um coração! Levará algum tempo para a nova adaptação, mas fique tranquilo. Você logo vai poder correr por aí...

Olhei para o médico, ainda com enjoo, de soslaio e, ofegante, comecei a rir. Eu não o levaria a sério, como eu costumava fazer, mas também não iria me irritar. Nada mais poderia me irritar.

– Parece que estamos de bom humor – falou, por fim, o médico.

Tive de interromper a risada, pois começava a sentir falta de ar, ainda que estivesse com um prong nasal recebendo ventilação mecânica. Também estava conectado ao monitor de sinais vitais e por certo, ainda estava na *terapia intensiva*.

Eu estava diferente e, não era apenas pelo novo coração. Eu sabia que havia um motivo para o bom humor, para a falta de ar, que independia do fisiológico. Tinha a ver com a descarga hormonal, eu sabia... Uma certa ansiedade me aflorava a pele e eu me sentia um adolescente normal, embora já tivesse passado da idade.

Quando meu irmão mais velho, o Maciel, morreu, eu enfrentei muitos problemas. Os físicos vieram mais recentemente, mas o mental e espiritual me foram muito abalados naquela época. Eu não tive uma adolescência normal. Por vezes eu me sentia tão desesperado que cometia atos insanos a fim de acabar com a minha própria vida.

Meus pais estavam separados, minha mãe estava cada vez mais desatenta a nós. Então, em tentativas desesperadas, fosse para chamar atenção, fosse para não mais pertencer aquele tipo de vida, eu fiz coisas das quais não me são nada agradáveis lembrar.

Daniel era muito pequeno para se lembrar de qualquer coisa, Natiel costumava ser mais alienado e com memória fraca, então tudo o que fiz ficou guardado para mim mesmo. E, as marcas provocadas pelos meus mais terríveis atos, eu passei a levar como uma cruz em minhas costas.

Não vou tentar relembrar tudo o que fiz naquela época, até porque me seria muito doloroso, mas, após uma tentativa de incendiar nossa casa, com minha mãe, Natiel e Daniel ali dentro, além de mim, meus responsáveis acharam por bem que eu fosse internado em uma clínica psiquiátrica. Ali eu passei mais dias sofridos, mas aprendi a canalizar minha dor em meu humor.

Por tentar manter esse nível de segurança entre o meu emocional e as demais pessoas, passei a falar menos, a agir menos... Enfim, a ser uma pessoa diferente da que eu era. Não era culpa da *distrofia*, a culpa era da dor! Eu não sabia lidar com ela de outra forma.

Eu ainda me lembro do Maciel. Na verdade, não houve um só dia, em toda essa minha existência, que eu não me lembrasse dele. Por muitas vezes, saí da realidade e pensava como nossa vida teria sido se ele não tivesse morrido; se não tivéssemos essa doença genética. Talvez nossos pais estivessem juntos. Talvez eles voltassem a se preocupar conosco. Talvez tivéssemos tido uma adolescência e início da fase adulta como qualquer outra pessoa. Mas, não era assim...

Meu irmão não pôde sequer entrar na adolescência. Ele era alegre, inteligente, fantástico em tudo o que fazia... Era quem eu queria ser.

Por tudo isso eu temia a morte, mas a estava esperando. Afinal, eu não me sentia mais digno do que Maciel para viver tanto. Achava que ela chegaria a qualquer momento, pois tudo o que me envolvia acabava sendo os maus sentimentos, as cores mais gélidas, as palavras mais tensas, a tristeza, o choro, a dor... Até que isso mudou. Dezoito anos depois tudo mudou! E pensar que esse é todo o tempo de vida que Daniel tem; o meu irmão caçula e saudável. O irmão meigo, protetor, cuidadoso, que batalha por ele e por mim, já que, desde seu nascimento, eu não quis enfrentar mais nada. E em meio ao meu atual estado de êxtase, ele me era uma grande preocupação. Não era justo condená-lo a servir de babá e nem de tirar dele as chances de felicidade...

Ainda que muito pudesse me doer, já que me foi concedida outra oportunidade de vida, eu tinha que fazer. Tinha que libertar Daniel e permitir que ele amasse a única mulher que eu amo e sempre amarei...

– Hey irmão, como você está?

...E seria agora.

Eu me senti estranho desde a primeira vez em que vi Estela. Acabei traduzindo, por muito tempo, essa sensação nova em mais irritações, então ela se tornou um alvo. Apesar dessa “importância”, já que eu não costumava deixar que pessoa nenhuma me tomasse qualquer tipo de pensamento, me senti atraído pelos seus passos. Foi por isso que eu topei fazer aulas de piscina na turma do *Norberto*, o eterno estagiário de fisioterapia.

– Vamos lá, cara – insistia ele. – Têm lá alguns coxinhas, mas também umas garotas bem bonitinhas...

Por certo ele não sabia da minha atenção àquela garota que eu havia visto, apenas uma vez, na academia, me encarando curiosa. Eu também não sabia a importância que ela já tinha para mim. Mas, ansiei por vê-la novamente. Eu não tinha nenhuma outra atividade na academia e, se não voltasse, dificilmente a veria de novo. Então topei o martírio *somente* para vê-la outra vez.

E qual foi a minha surpresa quando, no primeiro dia de turma, ela aparece justo nessa?

Assim que voltei a academia eu já a procurava com os olhos e, até mesmo, dando alguns passos pela recepção, tentando observar as divisórias. Senti-me estranho por me incomodar por

não tê-la encontrado. Mas, eis que ela surge, atrasada, na aula de piscina... Na *minha própria* aula de piscina! Senti-me agoniado... Meu coração havia acelerado e engoli em seco.

Sempre lutei contra esses novos anseios e tentei manter o limite de segurança entre mim e ela. Mas, parecia cada vez mais difícil. Comecei a pensar mais em Estela, a procura-la e, quando em sua presença, não conseguia desviar minha atenção dela por muito tempo. Eu não sabia o que estava me acontecendo de verdade.

Um dos momentos mais intensos da minha vida, até então, havia sido o dia em que tivemos aula juntos, somente ela e eu. Não parando apenas por aí. Eu não sabia o que falar, embora o quisesse, nem como agir, mas ela parecia sempre se encarregar disso por nós dois. Em meio a conversa, ela se distraiu o suficiente para que eu conseguisse tirar uma parte dela, um fio do longo cabelo castanho escuro e liso, e enrolar no meu dedo. Sabia que não poderia ceder a um contato maior e aquilo me contentaria, achava eu.

Eu não esperava que ela fosse tentar, naquele dia, me ajudar a sair da piscina. Tive muito de me conter para não ceder ao toque dela e me senti muito pior por ver sua expressão arrasada, quando a rejeitei. Mas, assim era melhor... Não me julgariam por isso.

Ainda naquele dia ela mesma nos levou para casa. Nunca vi tamanha disposição de alguém não tão próximo. Definitivamente ela me era especial...

E Estela parecia sempre estar nos lugares em que eu menos achava que estaria e, nos momentos em que eu mais clamava por ela. Assim foi no hospital. Embora o susto do meu miocárdio, nada poderia me ser de maior impacto do que ouvi-la confessar para Mikaela o que sentia por mim. Nem ao menos havia conseguido disfarçar meu espanto quando vi Emerson e ao ser questionado por Daniel quando voltei para o quarto. Pensei que ela tivesse me ouvido, mas me parece que não faz ideia disso.

Também assim foi na volta a academia. Logo ao voltar e enquanto Daniel falava com Helena, pude ver que havia um par de óculos, disposto na mesa dela, com um pequeno fio de cabelo preso no aro. Por certo não era daquela mulher e eu, meio insano talvez, sabia exatamente a quem pertencia.

Estela sempre aparecia para me fazer sair de meu próprio mundo. Mas, não era justo para com ela...

Eu também temia os sentimentos de Daniel, que parecia mais interessado do que o normal por alguém, e tinha de ser justo por ela? Assim eu a rejeitei novamente... Como me doía cada rejeição!

Porém, ainda que a rejeitando, eu estava tentando iludir a mim mesmo. Eu queria me apegar, mas eu sabia que não podia. Eu sentia que meu fim logo chegaria. Estava cansado e cada dia com mais pesar por deixá-la. Estela havia se tornado a pessoa mais importante para mim. No entanto, havia quem me pudesse enfraquecer além dela.

Além de Daniel, Natiel andava me preocupando. Sua insistência em tentar evitar tudo o que estava nos acontecendo, me fazia pensar que ele estava indo para o mesmo caminho que eu, ainda que descobrira formas diferentes de como colocar tudo o que fosse ruim envolto em um casulo. Por isso pedi um tempo ao Daniel para poder falar com a Natalie, que era uma pessoa muito especial para Natiel e eu sabia que era recíproco. Ela, com certeza, sabia mais a respeito dele do que eu. Eu, que tinha uma rotina certa, contrária a quase nada de rotina de Natiel que, mesmo tendo que se *tratar* quase tanto quanto eu, fazia diversas atividades por fora...

Jamais pensei que encontraria Estela ali. Por um lado, fiquei incomodado, pois, sabia que sua presença só podia ser devido a alguma ligação com o Norberto. Eles pareciam próximos demais... Mas, o que eu tinha a ver com isso?

Percebi seu abalo ao me ver. Ela, por certo, não sabia que eu estaria ali e eu estava cansado de me impedir. Naquele dia eu me deixei levar pelo que sentia... Havia perfurado a crosta defensiva que nos mantinha separados. E eu sabia que não seria fácil refazê-la. E agora?

Senti-me incomodado com sua viagem, mas contente por ter me avisado. Permiti-me brincar com ela mandando mensagens, enquanto me passava por Daniel, embora o que Estela me diria depois pudesse me deixar realmente perturbado.

Eu escrevia, fazia parte da *minha* terapia passar os sentimentos para o papel. E é claro que eu havia escrito sobre ela. Não uma, mas muitas vezes. E Estela tinha conhecimento de uma dessas escritas.

Quebrando de vez toda a minha defesa, me senti esvair. Ela sabia que eu não era indiferente a ela, mas parecia me pesar mais o fato *dela* não ser indiferente a mim.

Tentei mantê-la distante e por alguns dias consegui. Até que tudo aconteceu, pouco antes da cirurgia... Eu não poderia mais me negar a amá-la.

Eu estava feliz como nunca estive. Mas, eu não podia permitir que isso continuasse... Ter um novo coração não me garantia ter uma longa vida. Eu não me curaria da *distrofia*.

– E então? Por que essa cara de preocupação?

Olhei para Daniel que franziu o cenho.

– É a respeito da Estela – decidi falar diretamente. – Você gosta dela, não é?

Perguntar se Daniel gostava de Estela me parecia uma pergunta retórica. Toda vez em que ela estava presente, meu irmão se alterava. Ainda assim, eu precisava ouvir dele para, enfim, lhe absolver.

Daniel desviou o olhar, olhou para o teto, para a porta e se aproximou, falando mais baixo que o normal, como se para me confidenciar algo:

– De onde você tirou essa ideia?

Mudei de expressão. E lhe disse quase que assustado com a pergunta e o modo dele falar:

– Todos os sinais sempre indicaram isso, não é verdade?

Daniel abaixou a cabeça e começou a balançar-la em negação. Quando voltou a me fitar estava com os olhos encharcados. Ele estava rindo.

– Não é nada disso, irmão.

– Mas, você...

– Eu gosto da Estela, mas não desse jeito. A pessoa que eu gosto é...

Ele me falou ao ouvido e eu mal pude acreditar. Eu estava tão cego pela minha musa, que não enxergava nenhuma outra e acabava pensando que assim era para os demais também. Eu estava irracional... Logo eu!

– Acontece – se explicou Daniel – que eu queria a ajuda da Estela para me aproximar, mas nunca consegui lhe falar nada.

Olhei para meu irmão apiedado, mas logo comecei a rir junto com ele. É claro que ele não havia conseguido ajuda de ninguém, afinal, ele mal tinha tempo para ele mesmo. Algo que, com certeza, mudaria a partir daquele dia.

– Ah, aqui está a sua gargantilha da sorte.

Daniel me entregara a corrente que tinha o anel com o fio de cabelo da Estela. É insano, eu sei, mas assim que a coloquei me senti muito mais vivo. Eu estava feliz... Eu estava apaixonado.

– Olá Adriel. Como tem passado?

Alguns dias haviam se passado desde que eu recebera alta.

Eu via Estela, obviamente, mas praticamente tinha que insistir com ela para que não atrasasse suas próprias tarefas e não tivesse problemas em sua casa. Eu não queria que ninguém mais vivesse em minha função. Mas, confesso que era bem mais difícil negar a companhia dela... Eu desistira de afastá-la, pois não tinha mais forças para assim fazer.

– Estou bem – respondi disposto.

Havia voltado para a clínica de fisioterapia. Finalmente eu poderia voltar aos exercícios aeróbicos e não apenas aos respiratórios.

– Sua aparência está ótima – disse a recepcionista aparentando surpresa. – Pelo visto o novo coração te deixou bem mais animado.

– Não apenas um coração novo, mas principalmente o que o preenche – Natiel estava rindo, é claro.

Olhei para ele com uma expressão forçada de desagrado, porém sabia que não conseguia fazê-la. Eu estava querendo rir também, mas me contentava em esboça-lo. Eu precisava me guardar.

– Seu irmão Daniel não veio? – Ela perguntou cética.

Respondi mantendo o bom humor:

– Ele não tem o que fazer aqui, Cris...

Ela me encarou mais surpresa. Provavelmente pensava que eu não sabia o seu nome.

– Então, quem veio acompanhá-los? – Prosseguiu atônita.

– Viemos por nós mesmos. Cansamos de bancar os *de menores* – adiantou-se, satírico, Natiel e logo me alfinetou. – Mas, de qualquer maneira, não estaremos sós.

Era a maneira dele de levar tudo. A maneira dele de se manter bem-humorado e *manter* esse bom ânimo era a melhor maneira de levar a vida. Agora eu sabia...

Mal pudemos trocar qualquer outra frase, eis que surge, numa velocidade impressionante, o motivo do meu alto astral... Não, mais que isso: o sentido da minha vida. Piegas eu sei... Eu estava perdido.

– Eu me atrasei? Desculpem-me – Falou de modo entrecortado, ofegante.

– É assim que você diz que cuidará de nós? – Usei de ironia ao fita-la, fingindo desagrado.

– Ah, desculpe-me querido – Estela ficou na ponta do pé e me deu um selinho. – Jadir me tomou mais tempo do que deveria.

Suspirei e ainda fingindo irritação falei:

– Então se esqueceu de mim por causa daquele escroto?

Estela riu e respondeu:

– Estávamos confirmando a *sua* reunião com o editor parente dele, se esqueceu disso?

Sua expressão brincalhona me fazia querer beijá-la mais. Porém, na recepção da clínica de fisioterapia não me parecia o melhor lugar...

– Ah sei – continuei no tom. – Com aqueles rabiscos furtados?

– Autorizados – me corrigiu e me abraçou de lado, envolvendo minha cintura. – Falando nisso, até hoje você não me traduziu aquele soneto. O *meu* soneto.

Ruborizei.

– É mesmo necessário? – Indaguei com mais seriedade.

Ela assentiu.

– Então – comecei a enrolar... – Quem sabe... Mais tarde...

Estela olhou para mim semicerrando os olhos e com uma leve irritação.

– Eu quero saber Adriel... Não é justo que esconda de mim! Mesmo que eu tenha visto sem permissão. O fato é que eu vi e...

Eu a beijei, fazendo-a cessar com o falatório, não me importando mais com ninguém que estivesse ali ou com o lugar. E, ainda que o prognóstico médico dissesse que, mantendo os tratamentos, eu ainda poderia viver por muitos anos, eu não queria mais arriscar. Queria viver cada momento como se fosse o último e, se pudesse, ao lado dela.

Eu havia terminado a tradução do soneto. É claro que eu não vi nenhuma dificuldade em fazê-lo, mas eu não me sentia preparado em mostrá-lo a quem ele se destinava.

Eu nunca me importei muito com o tempo... Para mim, todas as horas eram igualmente aborrecidas. Porém, ele ganhara grande importância, visto que eu sempre estava atento a fim de

me certificar de quanto faltava para que eu pudesse encontrar Estela novamente. A *minha* Estela.

Naquele soneto, em especial, eu havia substituído todas as vogais portuguesas por vogais coreanas. Eu acompanhava alguns filmes e séries orientais e tinha um gosto particular pela escrita deles, mais até do que a fala. Então, codifiquei-o assim. Não havia outro, dos meus escritos, que fosse mais importante para mim.

Assim se dá para imaginar o tamanho do meu susto quando percebi que Estela o havia visto... E agora como eu podia negar isso a ela? Não... Eu não negaria! Não poderia mais...

Eu havia prometido a ela e a mim mesmo que nunca mais a rejeitaria.

Ela me fez sorrir... Ela me fez voltar... Ela me fez acordar... Ela me fez conseguir me levantar sem ajuda... Me fez conseguir andar... Me fez sonhar... Ela me fez despertar todos os dias com a ansiedade de poder ouvi-la, de poder senti-la, de poder vive-la. Eu já não poderia mais me negar a ama-la. E minha devoção por ela se aprofundava.

Fitando atentamente o rascunho do soneto traduzido me pus a rir. E pensar que Estela havia roubado alguns dos meus versos e, dentre eles, o mais importante, aquele que se destinava a ela... Ah Estela... Me pus a suspirar. Até mesmo suas loucuras me encantam.

Peguei o celular de Daniel, que ainda me servia de grande comunicador, e comecei a fazer a montagem das palavras. Logo terminei e enviei. Mal podia esperar pela resposta que teria... Com certeza, ela me surpreenderia mais uma vez.

É tão bom poder ama-la...

Adriel se recostou na poltrona da varanda da própria casa, colocou o celular sob a mesa, fechou os olhos e adormeceu. Em seus sonhos vinham a imagem de sua amada junto a ele em um imenso campo florido no qual os dois, de mãos dadas e com uma alegria infantil, corriam desde o nascer até o sol descer em um ciclo eterno de confidências, união e amor... Muito amor.

Você me faz flutuar

Me faz subir montanhas

Me faz despertar de manhã

Me faz querer viver para te amar

Você me faz flutuar

Não temer o mal noturno

Não sentir dor e sem eira

Não me sentir taciturno

Eu posso te dizer isso aqui

Sei que não pode me ouvir

Então, qual será a minha razão?

Eu posso estar delirando

Mas, vou continuar te amando

Pois, você me faz flutuar

FIM

AINDA SINTO SEU CORAÇÃO

ESPECIAL DEBILITADO – 5 ANOS DEPOIS

Estela

O vento levou a boina que eu estava usando.

Eu estava lutando para percorrer aquele percurso contra o vento e usava a boina para tentar me proteger os cabelos e olhos, de alguma forma.

Não era comum ter aquela ventania, *naquele* horário, *naquele* estação, *naquele* mês; mas *naquele* dia parecia algo quase que apropriado.

Eu estava atrasada para a reunião graças ao adereço que deveria me proteger... Mas, felizmente, o recuperei. Sua trajetória, em harmonia com um *tufão*, foi interrompida por um ciclista que, por sorte, freou antes de estraçalha-lo.

Ah, que alívio... Eu até comecei a entender melhor o Natiel. Cobrir a cabeça com algo (além dos cabelos, claro), principalmente em dias turbulentos, parece dar um conforto instantâneo; como ao receber uma agulhada certa na acupuntura.

Eu estava pronta. Chamei no interfone e me dirigi ao elevador. Todos estavam ali, exceto...

Nunca pensei que me apegaria a um evento tão mórbido; literalmente falando. Mas, tratava-se de uma tradição. Já era a quarta reunião.

Quanta coisa mudou e você nunca ficou sabendo... Ou será que soube? Os desígnios da morte ainda são um mistério. De qualquer maneira, fazíamos aquela reunião, mais por nós mesmos do que por qualquer outra crença espiritual. Estávamos certos de algo... A nossa dor era real e, em memória desta, estávamos reunidos pelo quarto ano consecutivo, desde a partida de um fantástico ser.

Não pensem que ficávamos chorando, ou nos lamentando, durante as horas que antecederiam a confirmação de sua morte. Pelo contrário. Conversávamos animadamente, contando nossos

feitos e relembrando nossos momentos.

Como é de se esperar, cada um havia seguido seu próprio caminho e, como estabelecimento de regra, nos reuníamos naquele dia, naquelas horas e falávamos apenas de coisas boas sobre nós. Somente as *coisas boas*... Duas horas mais tarde íamos todos ao cemitério para, aí sim, chorar e também agradecer...

Naquele ano, em especial, eu havia sido escolhida para fazer o discurso. Será que eu teria forças suficientes para o fazer? Ainda que o tempo amenizasse a dor, isso não significava que ela fosse superada ou esquecida; além do mais, nós não queríamos nos esquecer.

Foi heroico, bravo, forte... Agora que jaz eu não sei, mas enquanto seu espírito ainda estava entre nós, demonstrou uma força tão descomunal que ainda é celebrado, e merece ser, para sempre. Ninguém mereceria tão nobre descanso e paz...

Ainda na reunião, naquele pequeno apartamento, enquanto eu tentava conter minha ansiedade diante do discurso, Jadir tentava ensinar alguns truques de cartas para o Daniel. Obviamente ele estava tentando irrita-lo, visto que a honestidade de Daniel o fazia perder as apostas diante do descaro de Jadir. Mas, um dos mais novos da turma, não estava para irritações naquele dia... Não *naquele* dia!

Emerson, como num ritual próprio, estava pintando mais um quarto de metro quadrado da parede que, fora os desenhos feitos nos anos anteriores, era de um branco quase ofuscante. Segundo os próprios cálculos, mais 15 anos e ele conseguiria preencher todo o espaço com aqueles desenhos infantis e coloridos: arco íris, ursos, nuvens, estrelas... Alegria, paz, diversão...

Ainda observando tudo, vi quando Natiel engasgou com uma amora e o tapa que levou de Nando fez com que sou touca fosse parar no colo de Victória. Até Natiel riu desta, afinal, não estávamos para brigas naquele dia. Não *naquele* dia.

Ainda faltavam algumas pessoas, personagens importantes, naquela reunião. Alguns haviam confirmado presença apenas na hora exata do invólucro mortuário. Outros, não conseguiriam estar presentes devido a qualquer causa pessoal. Quanto a mim, não era algo que me fazia desleixar. Eu, *especialmente* eu, tinha que estar ali, lembrando e relembrando tudo o que aconteceu, até que minha própria debilidade me vença. Porém, enquanto eu estivesse respirando, ainda que inconsciente, eu estaria aqui... Neste dia... Neste momento... Rindo e chorando. Relembrando e agradecendo...

– Hey Estela se apresse! – Chamava Jadir. – O pessoal já deve ter chegado.

Jadir, meu amigo problemático, me convidava como se fôssemos a uma espécie de parque de diversões. Muito longe disso! Ainda assim sorriamos.

Eu estava contemplando o céu que estava mais límpido, nada mais de ventania, nem mesmo as nuvens atrapalhavam. O sol imperava como o astro rei que é e eu o recebia em meu semblante. Ah, como me conforta... Retirei a boina para melhor senti-lo e guardei na bolsa.

– Estou indo – disse, logo me apressando para alcançar a todos.

Muitos estavam ali, em volta de sua sepultura. Os sorrisos pararam, assim como o choro. Estávamos sérios e atentos. Era um momento importante... Muito importante.

Peguei minhas anotações, eu estava trêmula, mas quando observei aqueles rostos, respirei profundamente e as dispensei. As palavras de outrora me pareciam frias demais para um momento único e presente.

– Mais um ano se passou – comecei. – Muitos de vocês conviveram bem mais do que eu, mas os poucos momentos que eu tive de sua presença foram muito marcantes... Os mais marcantes da minha vida.

Eu estava séria, não choraria... Não *naquele* momento!

– Tão cedo nos deixou, mas eu ainda posso sentir sua vida. Nos sonhos ainda vejo seu sorriso, ainda sou aconselhada, recebo suas broncas e sou impulsionada. Tenho certeza que isso também acontece com vocês.

Todos estavam atentos as minhas palavras. Não havia barulho de tosses, soluços, piadas, nem mesmo as interrupções de Emerson. O único barulho externo a mim que ouvíamos era de pintassilgos que viviam por ali, marcando sua presença, nos deixando com uma suave trilha sonora.

– Era jovem, muito jovem, quando se foi e decidiu nos deixar sua marca – suspirei. Olhei para o céu e continuei a fala: – Pode não mais estar em corpo presente conosco, mas seu coração ainda está em nós. Em todos nós...

Era o momento em que eu me derramava. Ao pensar naquilo tudo mais se acabava. Fechei os olhos e abaixei o semblante, sentia que as lágrimas não mais se conteriam.

Enquanto aplaudiam com grande emoção, como costumava ser *naquele* momento, uma

grossa lágrima pingou em meu dedo, naquele da aliança.

Não sei quanto tempo havia passado em que ainda estávamos chorosos e em aplausos. Embora todo o alvoroço e comoção, eu estava ouvindo o pulsar forte de seu coração. Sim, Mikaela ainda estava entre nós.

Adriel me abraçou apertado por trás.

ESPECIAL FIM DE ANO – FALANDO DA DISTROFIA MUSCULAR

Adriel

Fim de ano, festa, comida, bebida, diversão, fogos, jogos, copos e mais copos... Família, amigos, colegas, parentes, irmãos, conhecidos, companheiros, fofoqueiros...

Mais uma vez aqui estou. Observando a tudo, sendo cercado por vários, tendo muita atenção, é verdade, chegando a beirar o desnecessário.

Sabem, eu ainda posso respirar sozinho! Posso pensar por conta própria. Posso falar quando eu quiser, ouvir o que eu quiser, tatear, cheirar; eu estou vivo!

“E como você está?” “Como está o comportamento de seus pais ao que se refere a você?” “Está precisando de alguma coisa?” “Quer se levantar?” “Quer se sentar?” “Quer andar por aí?” “Quer conversar sobre os seus sentimentos?” “Quer comer alguma coisa?” “Quer beber algo?” “Se precisar, eu posso te ajudar”... – Todas estas são frases que ouço sempre que estou em um evento como este.

A maioria pensa que eu passo por problemas depressivos severos, reflexo, talvez, de meu mau humor quase que constante.

Parece que ficam surpresos quando me veem, afinal, boa parte deve esperar que eu já não estarei vivo para participar da próxima festa. Eu sei que cada vez que alguém mais próximo liga para outro, eles imaginam que seja para relatar de minha ida... Então eu penso: como eu não poderia ficar de mau humor com toda essa situação?

Mas, eu não sei... Os olhares parecem mais perturbadores, principalmente após me verem negar beber qualquer dos líquidos com álcool. Há muito tempo que sou muito calado, talvez eu esteja mais. Também não quero ficar nesta festa escrevendo... Isso realmente é estranho. Soa mais *estranho* do que qualquer *estranheza* que os demais *estranhem*. Também não estou de tão mau humor como outrora.

Ainda assim me sinto ofegar com mais frequência. Sei que meus batimentos cardíacos estão mais acelerados do que antes. Tem sido quase que *normal* eu passar por sintomas de febre, à noite, quase toda a semana também.

Levantar-me não tem sido fácil... Claro que, quando menciono “*levantar*” quero dizer “abrir os olhos” e me impulsionar para frente e para cima, a fim de tentar me sentar. Eu costumava conseguir fazê-lo facilmente, mas meu corpo me parece cada vez mais pesado para as minhas débeis forças, embora a balança revele que eu nem tenha tanto peso quanto meu cérebro diz.

Ah, meu cérebro... Ele parece estar em perfeito estado, mas deve estar um pouco irritado, afinal, não deve estar recebendo muito boas respostas vindas dos meus órgãos. As informações ele emite normalmente, mas nem sempre o que ele pede é possível de se cumprir.

Eu nunca havia me interessado por dançar. Na verdade, só ao pensar nisso eu já me sinto fatigado. E mesmo que minha condição cardiovascular estivesse 100%, minha coordenação nunca me permitiu tal feito... Ah não! Eu não vou rir agora... Só ao pensar no ato da dança quase que esbocei um sorriso, logo o suprimi é claro. Não é bom atrair mais atenção, até porque, se assim a atraísse seria um ponto negativo para mim.

Reclamar mais eu poderia, mas pelo menos eu ainda consigo andar sozinho. Meus tornozelos não estão contraturados *ainda*. Porém, me preocupa o fato d’eu não conseguir esticar os joelhos totalmente sem a ajuda da gravidade – sendo assim, não parece que meus joelhos estão se *deformando* quando estou em pé ou andando, mas eles estão.

Todos costumam demonstrar preocupação por mim, enquanto demonstro o oposto; mas, na verdade, há mais questões que têm me incomodado ultimamente.

As vezes desperto a noite com falta de ar. É como se eu sentisse que tapassem minhas narinas e boca, ou ainda pior, que me esgasassem.

Estou ficando preocupado. Minha urina tem saído mais escura do que o normal. Também tenho sentido algumas dores no estômago, alguma queimação... Tenho sentido meu espírito um pouco mais inquieto, inconstante, não tão calmo e alheio, do que antes. Começo a achar que meu estado está afetando de modo significativo o meu emocional.

É estranho... Eu? Preocupado?

Alivio-me ao ver que Natiel está muito bem. Aparentemente sua condição de debilidade muscular não tenha afetado seu coração e pulmões. Posso perceber isso agora, neste momento festivo, afinal ele está rindo e pulando ao mesmo tempo.

Quando eu tinha a idade de “Tôca” eu já não conseguia executar duas tarefas tão exaustivas ao mesmo tempo. Na verdade, eu não me lembro de conseguir pular sem me desequilibrar, de andar de bicicleta pedalando em pé nela, de rir a ponto de gargalhar... Embora

acredito que, ainda que eu esteja sentado, com as costas encostadas no encosto da cadeira, pés apoiados no chão e braços apoiados na mesa, eu não conseguiria rir tanto sem que não tivesse um descompasso cardíaco.

Pois é...Minha *crosta* foi criada para me proteger e aos demais. Meu mau humor não tem a ver diretamente com a doença que há tanto tempo tenho e tem evoluído. É uma reação humana minha. Apesar das preocupações, é bom perceber que ainda sou humano.

No entanto eu estou preocupado... Minha maior preocupação agora é exatamente em assim estar. Não que eu quisesse morrer antes, mas agora tudo parece diferente. Sinto mais medo da morte... *mais* a cada dia. Será que é um anúncio de que ela já está chegando?

– Sem escrever... Sem beber... Sem reclamar... Atendendo a todos bem... O que há com você “Gado”?

Daniel estava lá, é claro. Ele tinha que aparecer! Ele tinha que me interrogar! Enfim, era melhor ele do que qualquer outro enxerido, ou pior ainda, melhor ele do que Natiel. “Bruaco” era inteligente, mas “Tóca” era bem mais reparador. Por sorte, ele estava e estaria ocupado pelo resto da noite para se atentar a mim.

– Não há nada – respondi sem fita-lo.

– Sei não... – Insistiu Daniel. – Você está diferente. O que está havendo?

Eu suspirei. Ele sabia que eu não era de conversar muito e nem o faria naquela noite... Ele logo desistiria.

– De qualquer maneira, – continuou, ignorando a própria pergunta, – o ano não foi tão ruim para nós, certo?

Franzi o cenho, agora olhando para ele. O que estava querendo dizer com aquilo. Daniel foi em busca de algo em um dos bolsos da calça. O celular! Pegou o celular e me entregou, dizendo:

– Tem uma mensagem de felicitações aí para você. Talvez te anime um pouco...

“Bruaco” entregou o aparelho para mim e se retirou sem dizer mais nada, expressar ou fazer qualquer outro gesto. Ainda o acompanhei com o olhar, mas ele logo se enturmou e saiu de minha visão. Foi então que eu deixei o celular escorregar por três vezes de tão eufórico que estava para ver a dita mensagem. Eu estou preocupado comigo...

Tentei controlar as emoções e tentar não tremular tanto. Estava difícil... Enfim, controlando

a euforia, ou tentando, consegui visualizar a mensagem. A li uma, duas, três vezes e só percebi que estava sorrindo porque fogos de artifícios me despertaram. É... já era! As pessoas a minha volta poderiam até pensar que eu estava ficando louco e pretender me internar *novamente*... Talvez não estivessem de todo erradas. Eu acho que estou mesmo ficando louco!

Estou preocupado comigo...

“Nos pensamentos de Adriel veio a imagem de Estela.”

FELIZ ANO NOVO

ESPECIAL – A HISTÓRIA DE MACIEL

UM ÚLTIMO TEMPO PARA MEU NOVO AMIGO

– Alô cara! Como você está hoje? – Tentei aproximar meu ouvido e minhas mãos, mas pouco obtive de resposta. – É... Hoje você parece mais calado.

“Talvez você queira comer alguma coisa? ... Não? ... Beber, então? ... Também não? O que mais você poderia querer? ... Ah, já sei! Quer me ouvir falar! ... Isso é muito bom”.

Suspirei, encostei o queixo no peito e fechei os olhos. Eu estava cansado, mas não deixaria me abater. Então, abri os olhos de novo, sorri e me virei em sua direção, recomeçando:

– Acredito que não fomos apresentados ainda, não da forma certa, mas isso não vai fazer muita diferença agora. Ainda assim, eu gostaria de contar um pouco sobre mim... Não tenho certeza se você pode me ouvir, mas eu acho que poderíamos ser grandes amigos.

“Eu sou o Maciel, estou com doze anos e, sim, eu sei, estou ficando velho; e sempre terei mais idade do que você também. Tenho mais dois irmãos mais novos e eles têm um papel muito importante para mim e sei que para você também. Falando neles, a primeira lembrança que eu tenho é a de ver Adriel tropeçando nos próprios pés e rolando cinco degraus. Eu acabei ficando de castigo, pois disseram que, por ser o mais velho, eu tinha que cuidar dele. Que você acha disso? Só porque tenho quatro anos mais do que ele! ... Mas, sabe que Adriel dá menos trabalho que Natiel? Aquele ainda não consegue dar dois passos em linha reta e, aí, lá vou eu, novamente, servir de bengala. Apesar de meio desengonçados, eles são legais. Claro que, para o futebol eles não demonstram habilidade nenhuma”.

“Como todos os irmãos, nós brigamos de vez em quando, principalmente quando o guloso do Natiel come todos os biscoitos; já aviso para ter cuidado com isso, pois acontece bastante. Já Adriel não é de discutir muito, mas se enfurece fácil se você pegar os lápis de cor dele...”.

“Quanto a mim, tenho preferência pelo futebol. Eu comecei a gostar de chutar bola quando tinha um pouco mais idade do que você. Só para me gabar um pouco, sou muito bom nisso. Gosto de ser chamado de *Dico*, apelido de infância do Pelé, e gosto da torcida. Os outros caras caçoam um pouco de mim por isso também, afinal, várias meninas vão nos assistir e gritam por mim, mandando beijos e jogando bilhetinhos. Não sei ao certo se elas são atraídas pelo meu jogo ou pelo meu charme, ou quem sabe os dois? Talvez eu esteja me gabando mais, mas a verdade é que eu não tenho culpa em ser o mais bonito de toda a escola. Recebo presentes até das professoras, e tenho certeza que assim também vai ser com você; basta ver quantos presentes têm

neste quarto”.

“Falando da escola, afirmo para você que sou muito bom aluno. A menor nota que tirei neste ano foi oito, isso porque Natiel achou minha maquete de usina, para a aula de geografia, apetitosa e comeu boa parte do isopor; ele é um *moleque* faminto mesmo! Ele só não engoliu os bonequinhos, porque, segundo ele mesmo, tinham gosto ruim”.

Meu amigo se movimentou de alegria! Com certeza estava gostando do papo... Que legal!

– Ah, eu sei que você deve estar achando nossos nomes engraçados, mas eu sei que você terá um nome comum e, talvez, não precise de apelidos. Mas, não se incomode se te derem um; faz parte da nossa afinidade. Você também será muito saudável, vai gostar de futebol, ser bom aluno e cuidar das atrapalhadas de Adriel e Natiel.

“Sabe que, na semana passada, nosso técnico escalou o Adriel?! Não sei muito bem porque ele fez isso, afinal, meu irmão não sabe identificar o que é a bola e os pés do colega de campo. Ainda assim, eu não posso deixá-lo de lado. Dona Verônica falou que, se eu posso jogar futebol, Adriel também pode. Claro que ela diz isso porque nunca nos viu jogar. Ainda assim, eu jamais negaria essa felicidade para meu irmão. Você tinha que ver como ele ficou contente quando soube que entrou para o time”.

“Nossa mãe não assiste aos jogos, mas nosso pai sim. De vez em quando ele até nos dá dicas e me incentiva bastante. *Bem*, ele sabe que é mais interessante ir nos ver jogando do que ir nas reuniões de pais e mestres, ou nos debates... Isso também me é importante! Sabe, eu sou o principal orador da minha classe. A professora diz que falo muito bem e já me colocou para debater, como representante de turma, em outras turmas”.

“Adriel é mais calado, Natiel, ao contrário, fala até pelos cotovelos. Ele será um excelente orador, mas por enquanto, ele só dá trabalho no pré-escolar e para mim também, é claro. Além de tudo o que já te contei, tem me incomodado o fato dele sempre esquecer onde coloca os brinquedos e, principalmente, quando ele pega algo que não é um brinquedo. Alguns meses atrás ele pegou um ímã de geladeira e não me dizia onde estava. Fiquei preocupado, pensando que ele havia engolido. Mas, ele não teve dores de barriga, nem saiu nada nas fezes. Dona Verônica nem percebeu também, então, que este seja nosso segredo, hein? Se ela souber que me distrai um instante de meus irmãos, eu estou perdido”.

“Então, nunca mais vimos o ímã... Vai saber o que Natiel fez com ele! Mas, sabe que eu descobri como prender a atenção do danado? Natiel fica quietinho quando eu levo alguma amiga para fazer lição de casa. Ele só tem cinco anos de idade, mas, apesar das trapalhadas, ele já

entende algumas coisas importantes da vida”.

Ele estava se agitando mais! Comecei a ter certeza de que ele me ouvia.

– Sabe cara, vou te contar outro segredo: eu tenho uma namorada! Isso é sério, ninguém pode saber. O técnico não quer que nos distraíamos com namoros, mas eu sei que ele não quer que percamos o público feminino. Caso elas saibam dos compromissos da equipe, elas podem se desinteressar de nos assistir. Porém, com certeza, elas ficam falando umas com as outras sobre essas coisas, afinal, eu não sou o único que me comprometi; e poucas delas conseguem guardar segredo, com exceção da minha. O nome dela é Monique. Ela é inteligente, bonita e gosta mesmo de futebol. Torce até para o mesmo time que o meu, que é o Guarani futebol clube”.

“Eu gosto de muita coisa relacionada aos índios. Foi tema de debate por mais de duas vezes e eu estava preparando um outro para falar dos nossos colegas indígenas que vivem próximos de nós. Claro que tive ajuda de um amigo meu, cujos pais são índios. O nome dele é *Ubiratan* que significa *homem valente*. Também é o nome do coronel que invadiu o *Carandiru*. Ele tem muito orgulho do nome e de sua origem, e eu me orgulho por ele. Porém, infelizmente, acho que não poderei continuar com nosso projeto...”.

Respirei um pouco e olhei para a janela. Por alguns instantes não consegui enxergar, pois o sol me fez ver vários pontinhos negros. Ainda assim, eu tinha muito o que contar... Sorri e voltei minha atenção para ele, o meu mais novo amigo.

“Apesar de sermos irmãos, somos bem diferentes. Acho que, fora o que temos em comum por sermos meninos, o contorno dos olhos é bem parecido; acho que é fruto de uma descendência de médio oriente. Nosso avô, pai da nossa mãe, sempre quando aparece, conta as histórias do pai dele no Líbano. Mas, mesmo a cor dos olhos é diferente. Adriel os tem mais claros que os meus, são marrons, meio bronze, e Natiel, então, mais claros ainda; possui olhos verdes que se tornam azuis quando ele está procurando por *pipas*. Meus olhos são negros mesmo, como os cabelos, iguais aos de nosso pai e, tenho certeza que assim são os seus também. Sinto que temos muito em comum e nos daríamos bem, caso eu tivesse mais tempo...”

Eu começava a sentir uma pontada no peito. Levei minha mão fechada para bem próximo e apertei bem os olhos. Soltei o ar preso e continuei, enquanto disfarçava a dor e o cansaço; não queria preocupar meu amigo:

– Você, com certeza, já gosta de Adriel e Natiel também. Natiel parece não fazer ideia do que está acontecendo, não sei nem se contaram a ele, mas Adriel está muito preocupado e triste. Nosso pai precisou leva-lo a força daqui. Eu não queria causar dor a ninguém, mas você logo vai

aprender que não podemos fazer tudo o que queremos, mas há algo melhor do que isso, podemos *querer* tudo o que fazemos.

“Além do futebol, eu gosto de música, mas acho que não levo muito jeito. Minhas mãos não são tão coordenadas como meus pés... Ainda assim, faço um bom barulho com a bateria e, principalmente, com as panelas de casa. Dona Verônica enlouquece só de pensar”.

“Apesar de incentivado, nunca pensei em fazer coisas tão grandes. Sempre fiz o que quis fazer e gosto de todas as matérias da escola, com exceção de pintura, afinal, como já disse, não sou muito coordenado com as mãos. Quero que você seja assim também! Faça o que quer fazer. Sei que, as vezes, fazer o necessário é *necessário*, mas procure ser feliz com o que quer que você faça”.

“Acho que não conseguirei ter mais tempo para conversarmos. Queria te ensinar a jogar futebol, afinal, estamos com uma zaga terrível. Te ensinaria alguns macetes para ganhar no *Tekken* e zerar no fliperama. Conversaríamos mais sobre a escola e as meninas, sobre os nossos colegas e amigos, sobre os nossos irmãos e o que temos que fazer uns pelos outros. Ah, sim, isso é importante também; eles não são tão ruins”.

“Adriel me encobriu algumas vezes quando passei da hora de voltar para casa, e Natiel nunca me denunciou quando eu esquecia de esperá-lo para ir e voltar da escola. Você deve estar curioso para saber o que eu tanto faço, a ponto de esquecer dos meus próprios irmãos. Enfim, quando você tiver a minha idade, embora você ainda vá ser mais novo do que eu, com certeza me entenderá. Além disso, eles até me ajudam a fazer textos para os debates e a comer picolés, pois eu guardo os palitos para as aulas de artesanato”.

Olhei, mais uma vez, para a janela.

Eu havia acabado de voltar do jardim, um pedido meu para o médico, e, achei estranho ele ceder. Na verdade, todos estavam estranhos, pareciam compadecidos ao me olhar, tristes até. Bem, não era tão estranho assim, afinal, eu sentia que a noite logo chegaria. Eu estava com uma injeção na veia, com um líquido num suporte... Como eu odiava aquilo! Eu também estava em uma cadeira de rodas. Devia estar mais abatido do que mais cedo, mas já não me importava. Afastei um pouco o suporte com o medicamento, segurei nos braços da cadeira e me esforcei para ficar de pé. Era incrível como, em tão pouco tempo, eu me sentia tão fraco!

Hoje de manhã eu estava com um leve aperto no peito, que me impedia de respirar profundamente. Mas, não dei atenção, achei que logo passaria. Não falei nada para ninguém, senão não me deixariam jogar; eu também não queria causar preocupações... De qualquer

maneira, mal comecei a jogar e tive que parar. A dor no peito aumentou e, logo, um mal-estar tomou conta de mim e não vi mais nada. Assim foi até pouco tempo atrás, quando me acordaram...

Com muito esforço me levantei, mas não consegui firmar os joelhos. Também estava tonto, então precisei segurar no suporte de medicamento. Sentir o chão, estando ainda com os pés descalços, estava muito estranho. Ele estava gelado e, não sei bem, senti formigar os pés; não parecia o mesmo chão que eu conheço a tanto tempo... Ele parecia estar me rejeitando e eu sentia que podia cair a qualquer momento.

Contemplei o quarto que estava com vários bilhetes e presentes, alguns para bebê, e as mensagens de felicitações e de boa recuperação. Como as notícias voam nesta cidade!

Com mais esforço me estiquei para pegar um sapatinho de lã azul. Foi apenas um passo que eu dei e quase caí; sorte eu ainda ser forte. Respirei fundo e me aproximei do meu amigo, segurando no suporte, mas logo o deixei. Analisei o sapatinho e lhe apontei, ficando meio curvado, amparado pela cama. Lhe disse, sussurrando:

– Foi dona Verônica quem fez. Foi meu, depois do Adriel, depois foi do Natiel, e agora será seu.

Ele se mexeu de novo!

– Cuide de tudo, pois eu acho que vou me ausentar por um tempo... Fale para a Monique para não se preocupar comigo, pois eu ficarei bem, afinal, eu sei me virar em qualquer lugar. Diga ao Adriel que ele sempre será o meu irmão favorito, mas não precisa ficar com ciúme, nem você, nem o Natiel. Vocês também são meus favoritos, mas ele é a mais tempo. Diga para o Natiel tomar cuidado com o que faz e se concentrar mais, esquecer onde coloca o botão do fogão pode ser perigoso. E quanto a você, já disse tudo o que eu queria e tenho certeza que você me entendeu, afinal, você é inteligente como todos nós somos. Quero que você seja feliz e ajude a cuidar de todos por mim... *por nós*. Sabe, eu escolhi o seu nome, mas não sei se te chamarão assim...

Senti que a visão estava escurecendo de novo e uma corrente elétrica parecia correr pelo meu corpo. Uma queimação forte no estômago estava para me tomar e me golpeou forte. Inclinei-me para a cadeira, mas caí de joelhos, antes que pudesse dar um passo. Fiquei ali, ajoelhado, diante e apoiado no meu novo amigo. Ainda pude perceber uma movimentação e algumas vozes, mas eu estava com os olhos e ouvidos bem fechados. Com certeza dona Verônica acordara e, talvez, desse a luz naquele mesmo dia. Será uma pena não poder ver isso, mas o

tempo que eu tive com você foi demais! Obrigado por me ouvir Daniel – meu amigo, meu irmão.

NOTA DA AUTORA

Olá, como vocês estão? – Esta é a pergunta que sempre faço quando estou em atividade. Talvez seja um meio de “quebrar o gelo”, de esperar que, ainda que não esteja tudo bem, as coisas melhorem somente por você estar perguntando, com um sorriso estampado no rosto... Saibam que estou sorrindo neste momento, e lhes perguntando sinceramente se “estão bem”.

Minha formação em fisioterapia me inspirou a escrever este romance. Levou muito tempo para desenvolvê-lo e, por ter inspirações reais, foi uma escrita muito árdua que levou mais de três anos. Os personagens são inspirados em pessoas reais, mas suas características divergem e mais se aproximam de um pedaço de mim mesma.

O Wattpad, plataforma virtual de escrita, me alavancou e, graças a ele, temos ganhado leitores a cada dia – isso se fez muito importante para essa pouco ambiciosa escritora.

Não vou me alongar mais, só gostaria de lhes pedir que, votem, comentem e acompanhem; pois este é o primeiro volume de três livros principais. Caso queiram saber de mais novidades a respeito, dos apaixonantes e convidativos personagens que seguem a série, ou me dar um “oi”, contatem-nos. Estaremos sempre prontos para lhes ouvir:

Email: namikaze.julien@gmail.com

Facebook: Lia Cordeiro

Wattpad: @LiaCordeiro (embaixadora desde outubro de 2016)

OBSERVAÇÕES

1 – *Fonte: <http://www.minhavidacom.br/>.*”

2 – *Frase de Ibraíma Dafonte Tavares para o curso de Preparação e Revisão da Unesp.*

3 – *Máscara de Mikaela: Ventilação Mecânica Não-Invasiva.*

4 – Música de Estela para Adriel: “You raise me up”, interpretado por Lena Park e Josh Groban.